



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Tecnologia e Gestão

Mestrado em Segurança e Higiene no Trabalho



ANÁLISE DE ACIDENTES/INCIDENTES DE TRABALHO DA EMPRESA VALE DA ROSA

Carla Filipa Soares Coelho

Beja

2018



INSTITUTO POLITÉCNICO DE BEJA

Escola Superior de Tecnologia e Gestão

Mestrado em Segurança e Higiene no Trabalho



ANÁLISE DE ACIDENTES/INCIDENTES DE TRABALHO DA EMPRESA VALE DA ROSA

Elaborado por:

Carla Filipa Soares Coelho

Orientado por:

Doutora Ana de Figueiredo Dias

Coorientado por:

Doutora Carla da Silva Afonso dos Santos

Beja

2018

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha tia, Eng.^a Guilhermina Coelho, sem o seu apoio incondicional e a sua insistência não tinha ultrapassado todas as metas que alcancei até hoje.

Resumo

A dissertação consiste na análise de acidentes/incidentes de trabalho ocorridos num período de 7 anos, de 2011 a 2017, de uma média empresa agrícola, o Vale da Rosa. Esta organização é a maior produtora de uva de mesa de alta qualidade em Portugal. Tem cerca de 250 hectares de produção e no período de campanha tem ao seu encargo mais de 800 colaboradores. Com esta análise pretende-se identificar a faixa etária dos indivíduos, o género, o período das ocorrências, a nacionalidade, sistematizar as causas comuns, entre outros.

Após a análise dos dados provenientes das participações de acidentes/incidentes de trabalho da organização, será elaborado um manual de boas práticas em segurança e saúde no trabalho. Este terá como objetivo auxiliar a entidade relativamente aos assuntos dessa área e oferecer todas as informações necessárias através de documentos de consulta e preenchimento obrigatório. É um documento dinâmico que poderá ser alterado de acordo com os padrões da organização e ampliado com outros documentos essenciais.

Palavras-Chaves: Sinistralidade laboral, acidentes de trabalho, agricultura, viticultura, segurança e saúde no trabalho, manual de boas práticas em segurança e saúde no trabalho.

Abstract

Analysis of Accidents / Incidents of Work of the Company Vale da Rosa

The dissertation consists of the analysis of work accidents / incidents occurred in a period of 7 years, from 2011 to 2017, of an medium agricultural company, the Vale da Rosa. This organization is the largest producer of table grapes of high quality in Portugal. It has about 250 hectares of production and during the campaign period it has over 800 employees. This analysis intends to identify the age group of the individuals, the gender, the period of the occurrences, the nationality, systematizing the common causes, among others.

After analyzing the data from the work accident / incident participations of the organization, a manual of good practices in occupational safety and health will be elaborated. The purpose of this will be to assist the entity with respect to matters of this area and to provide all necessary information through consultation documents and mandatory completion. It is a dynamic document that can be changed according to the organization's standards and extended with other essential documents.

Keywords: Occupational accidents, accidents at work, agriculture, viticulture, health and safety at work, manual of good practices in occupational health and safety.

Agradecimentos

A realização desta dissertação contou com a colaboração de diversos contributos que não podem deixar de ser destacados e venho assim expressar os meus diversos agradecimentos.

À Professora Ana de Figueiredo Dias, pela sua orientação, total apoio, disponibilidade, pela cedência de conhecimentos que transmitiu ao longo do meu percurso académico e total colaboração ao longo da realização desta dissertação e por todas as palavras de incentivo.

À Professora Carla Afonso dos Santos pela transmissão de conhecimentos em estatística, pela disponibilidade e pelas opiniões e críticas.

À Herdade Vale da Rosa, nomeadamente a Dra. Carolina Silvestre Ferreira e a minha querida “chefe” Helena Revés, pelo acolhimento e cedência de informação para a realização desta dissertação.

Aos meus tios, primos e avó por me darem apoio, amizade, carinho, dedicação e por partilharem comigo a felicidade quando alcanço mais uma meta na minha vida.

Aos meus pais, António e Manuela Coelho, para os quais me faltam palavras para descrever todo o meu amor. A quem devo tudo o que sou hoje e pelo sacrifício que fizeram para chegar onde estou hoje.

Ao Eng.º David Serra e Adriana Almeida, por sempre puxarem por mim e nunca terem permitido que desistisse.

E por último à minha tia, Eng.^a Guilhermina Coelho, por insistir que realizasse este mestrado, por ajuda imprescindível e por o apoio incondicional.

A todos vós, o meu grande OBRIGADO!

Índice

Índice de gráficos	9
1. Introdução	10
1.1. Problemática	14
1.2. Objetivos	16
1.3. Metodologia	17
1.4. Estrutura da dissertação	17
2. Enquadramento teórico	20
2.1. Agricultura em Portugal	20
2.1.1. Agricultura de sequeiro	22
2.1.2. Agricultura de regadio	23
2.1.3. Mão-de-obra agrícola	24
2.2. Segurança e saúde no trabalho	26
2.2.1. Sinistralidade laboral	29
2.2.2. Riscos profissionais	31
2.3. Produção de uva de mesa	32
2.3.1. Operações	34
3. Caracterização da entidade	39
3.1. Apresentação	39
3.2. História	40
3.3. Localização e condições meteorológicas	41
3.4. Vale da Rosa – Estrutura	41
3.4.1. Departamento de Recursos Humanos e Jurídico	42
3.4.2. Departamento Comercial	43
3.4.3. Departamento Administrativo e Financeiro	43
3.4.4. Departamento de Comunicação e Relações Públicas	44
3.4.5. Departamento de Marketing	44
3.4.6. Departamento de Produção	44
3.5. Políticas e processos de Gestão da Investigação, Desenvolvimento e Inovação (IDI)	45
3.6. Políticas e processo para garantir segurança e saúde na organização	46

3.7. Certificações	46
3.7.1. Produção Integrada	47
3.7.2. Global Good Agricultural Practices (GlobalG.P.A.) ...	47
3.7.3. Nurture	47
3.7.2. Global Standard For Food Safety (BRC)	48
4. Materiais e métodos	49
5. Resultados	52
5.1. Análise dos dados	52
5.1.1. Número de acidentes/incidentes registados por ano ...	53
5.1.2. Género	53
5.1.3. Faixa etária	54
5.1.4. Nacionalidades	55
5.1.5. Meses, dias da semana e períodos do dia	56
5.1.6. Categorias profissionais	59
5.1.7. Operações	60
5.1.8. Formas das ocorrências	61
5.1.9. Agentes materiais.....	63
5.1.10. Natureza das lesões	64
5.1.11. Localizações das lesões	65
5.1.12. Gravidade dos acidentes/incidentes de Trabalho ...	66
5.2. Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde no Trabalho	67
6. Considerações finais e trabalhos futuros	73
6.1. Considerações finais	73
6.2. Limitações e dificuldades	78
6.3. Sugestões de melhoria	78
6.4. Trabalhos futuros	80
Bibliografia	81
Apêndices	83

Índice de Gráficos

Gráfico 1 – Acidentes/incidentes por ano	53
Gráfico 2 – Género	54
Gráfico 3 – Faixas etárias	55
Gráfico 4 – Nacionalidades	56
Gráfico 5 – Meses	57
Gráfico 6 – Dias da semana	58
Gráfico 7 – Períodos do dia	59
Gráfico 8 – Categorias profissionais	59
Gráfico 9 – Operações	61
Gráfico 10 – Formas das ocorrências	62
Gráfico 11 – Agentes materiais	63
Gráfico 12 – Natureza das lesões	64
Gráfico 13 – Localizações das lesões	65
Gráfico 14 – Gravidade das ocorrências	67

1. Introdução

No âmbito do Mestrado de Segurança e Higiene no Trabalho, da Escola Superior de Tecnologia e Gestão no Instituto Politécnico de Beja, para a aquisição do grau de Mestre é solicitada a execução de um Trabalho Final de Mestrado que pode ter um dos seguintes formatos:

- Dissertação;
- Estágio Curricular;
- Trabalho de Projeto.

A opção adotada pela mestranda foi a dissertação com o objetivo de proporcionar uma comunicação dos resultados da investigação que concretizou e obter um contacto com as diversas atividades envolvidas na área profissional de Recursos Humanos e Segurança e Saúde no Trabalho. Esta assiste a adquirir, a reforçar e a administrar todos os conhecimentos obtidos no elemento curricular do mestrado. A presente dissertação sucede do prosseguimento de uma pesquisa sobre os temas necessários para o seu desenvolvimento e consistindo na análise de acidentes de uma média empresa situada no distrito de Beja, nomeadamente perto de Ferreira do Alentejo, a empresa Vale da Rosa.

A motivação para a concretização deste trabalho final foi a aplicação de tudo o que foi alcançado e desenvolvido nas unidades curriculares, ingressando novamente desse modo na área profissional anteriormente adquirida. Os Recursos Humanos foi o departamento nomeado para a obtenção dos dados indispensáveis para a análise em questão devido, por um lado, juntar o melhor dos dois mundos – Recursos Humanos e Segurança e Saúde no Trabalho – e, por outro lado, por ser o departamento responsável pelo bem-estar físico e psicológico de todos os colaboradores que contribuem todos os dias para o sucesso da organização.

A proposta para a realização da análise de acidentes/incidentes de trabalho foi imediatamente aprovada com o objetivo de que com os resultados alcançados na investigação, a organização possa ter a possibilidade de, no futuro, prevenir a ocorrência dos mesmos. Como a empresa Vale da Rosa é uma entidade agrícola que alberga na época de colheita uma grande quantidade de trabalhadores, é possível a existência de algumas

ocorrências durante os procedimentos efetuados, em que uns são menos graves e outros mais graves. Sendo assim, surgiu o atual tema sobre “Análise de Acidentes/Incidentes de Trabalho da Empresa Vale da Rosa”.

De acordo com o Sr. Luís Capoulas Santos, Ministro da Agricultura, Florestas e do Desenvolvimento Rural, a agricultura produziu mais em 2017 comparativamente a 2016. Este afirma que ocorreu um aumento da produção agrícola em Portugal, ultrapassando os 7%, e ainda destaca o crescimento das exportações agrícolas para 12% nos primeiros 10 meses de 2017. O aumento significativo na agricultura poderia indicar mais oferta de trabalho mas, infelizmente, essa continua a ser inferior à procura. Rocha (1999) comprova que os governos intervêm no mercado de trabalho através da regulamentação de determinados aspetos e políticas de economia, mas sucedendo essa diferença entre a oferta e a procura existem outros resultados, tais como: pouca importância em relação à formação, diminuição de salários e benefícios sociais, diminuição de reivindicações e preferência pela garantia de emprego. O primeiro resultado indicado anteriormente é seguido por muitas organizações agrícolas, ou seja, não se importam com a formação dos colaboradores desde que tenham uma boa produtividade no trabalho. Por vezes é um dos indicadores para que haja ocorrência de acidentes no trabalho e esse é indicado com “aquele que se verifique no local e no tempo de trabalho e produza direta ou indiretamente lesão corporal, perturbação funcional ou doença de que resulte redução na capacidade de trabalho ou de ganho ou a morte.” (artigo 8.º da Lei n.º 98/2009, de 4 de setembro). Apesar da pouca formação de vários indivíduos que estão empregados no setor agrícola, Pinto (2017) indicou que a sinistralidade laboral nos vários setores veio a diminuir em 2017 e a área de construção continua em liderança relativamente em acidentes graves e mortais. Ainda indica que a agricultura encontra-se em quarta posição comparativamente aos mesmos acidentes.

O estado de arte é uma das partes mais relevantes de todos os projetos científicos, pois faz alusão ao que já foi divulgado sobre o conteúdo investigado. O assunto principal neste projeto é a sinistralidade na viticultura e apenas foi descoberto um artigo referente a esse tema, escrito por Luís Fortunato (2013) para a revista *Vida Rural*. O artigo em questão tem como título “Segurança e saúde no trabalho em viticultura – A prevenção de riscos profissionais”. Fortunato (2013) começa por explicar que a agricultura, como um todo, ao longo dos tempos tem defrontado muitas complexidades e dilemas devido à economia

mundial, as modificações dos climas e o êxodo rural. Contudo a produção de uva em Portugal é umas das atividades que mais contribui para a economia nacional, pois é “(...) responsável por uma parte bastante significativa da mão-de-obra ao serviço da agricultura.”. Fortunado (2013) indica as atividades desenvolvidas em viticultura através de um quadro, que esse se encontra posteriormente na Figura 1.

1 - Preparação do terreno para a instalação da vinha	1.1 - Mobilização do solo		
	1.2 - Marcação do local de plantação	1.2.1 - Processos manuais	
		1.2.2 - Processos mecânicos	
2- Instalação da vinha	2.1 - Plantação (porta-enxertos ou enxertos prontos)		
	2.2 - Instalação do sistema de rega		
	2.3 – Enxertia		
3 - Operações culturais	3.1 - Condução das videiras (tutores, arames, etc.)		
	3.2 - Pré-poda, poda, empa		
	3.3 – Rega		
	3.4 – Despanpanar		
	3.5 - Fertilização e tratamentos fitossanitários		
	3.6 - Controlo de infestantes		
4 - Conduzir, operar e regular máquinas e equipamentos agrícolas do setor			
5 - Executar a conservação, manutenção e limpeza das máquinas, equipamentos e instalações da exploração (ex. combustíveis, lubrificantes, pesticidas, eletricidade, extintores, etc.)			
6 – Vindima	6.1 – Manual		
	6.2 – Mecânica		

Quadro 1 – Principais atividades em viticultura

Fonte: Luís Fortunato (2013).

O autor menciona os riscos associados ao trabalho agrícola em viticultura, tais como: lesões músculo-esqueléticas relacionadas com o trabalho (LMERT); riscos físicos e mecânicos; riscos associados ao trabalho ao ar livre e; riscos químicos. Após exemplificar os diversos tipos de riscos, Fortunato (2013) menciona as principais medidas de prevenção para a diminuição desses riscos. As várias medidas consistem na verificação de tratores, máquinas, equipamentos ou ferramentas antes de utilizar, redução da quantidade de produtos fitofarmacêuticos, adequação das peças de roupa ao clima, entre outras.

Foram encontradas algumas dissertações e artigos relativamente à temática da sinistralidade na agricultura, como por exemplo “Sinistralidade laboral nos setores da atividade agrícola, pecuária e florestal” (Montemor, 2017) e “Acidentes com tratores

agrícolas e florestais: aprender para prevenir” (Montemor, Veloso e Areosa, 2015), mas nada específico sobre a sinistralidade em viticultura. Também foi efetuada uma pesquisa sobre manual de boas práticas em segurança e saúde no trabalho, pelo motivo que posteriormente será apresentado, mas apenas foram encontrados manuais sobre segurança alimentar, laboratoriais, restauração, enfermagem, entre outros.

A dissertação é considerada a participação dos resultados de uma investigação e de uma ponderação, que manuseia sobre um argumento singular e restringido. Para a concretização dessa é indispensável a existência de comunicação entre a mestrada e a organização, que neste caso é a empresa Vale da Rosa. Esta deve ser executada em conformidade com as mesmas indicações metodológicas, práticas e lógicas de um trabalho científico, mas como está vinculada a uma etapa de iniciação à ciência não se consegue solicitar o mesmo grau. Apesar de não se encontrar ao mesmo nível não quer dizer que tenha pouca importância, até porque a sua firmeza é ponderada como um acontecimento para a estruturação de tributos científicos superiores. O confinamento deste trabalho, a abordagem e a composição foram bem definidas e fundamentou-se em investigações já realizadas sobre o tema designado. Desse modo, a elaboração desta dissertação necessitou de emprego de concentração, análise, investigação e captura lógica de conclusões, resultando num texto sustentado e estruturado.

Após nomear a preferência pela dissertação a mestranda entrou em contacto com uma das maiores empresas do Baixo Alentejo, o Vale da Rosa. Esta é uma empresa familiar de média dimensão, distinguida em uva de mesa de excelente qualidade. É uma entidade agrícola de carácter privado, com uma área de produção de 250 hectares, e foi eleita para a elaboração da presente dissertação por diversas causas. Uma delas foi devido ao posicionamento da herdade, uma vez que se encontra situada perto da área de residência da aluna. Outra das causas baseou-se fato da organização ter um distinto reconhecimento a nível nacional e internacional. Um outro motivo que levou à seleção da entidade foi o número de trabalhadores agrícolas que tem vindo a contratar ao longo dos anos para a colheita da uva. Pode ser ponderada como uma média empresa, mas, no entanto, consegue oferecer emprego a mais de 800 indivíduos todos os anos durante a época da vindima, o que significa que a probabilidade da ocorrência de acidentes/incidentes de trabalho é grande.

O objetivo da concretização da dissertação sobre análise de acidentes/incidentes de trabalho nessa entidade foi com o propósito de sistematizar as causas comuns para a ocorrência desses e compreender como são praticados os diversos procedimentos relativamente à segurança dos trabalhadores. O rumo despontou a três níveis diferenciados. A nível curricular a orientação foi assegurada pela Prof.^a Doutora Ana de Figueiredo Dias e a Prof.^a Doutora Carla Afonso dos Santos, docentes do mestrado de Segurança e Higiene no Trabalho no Instituto Politécnico de Beja. Estas acompanharam todo o processo de recolha de dados e a fase de execução deste trabalho. A nível organizacional foi executado com o apoio da Dra. Carolina Silvestre Ferreira, filha do Dr. António Silvestre Ferreira e fundador do Vale da Rosa, sendo a responsável pelo Departamento Jurídico e de Recursos Humanos e uma das administradoras da empresa. A Dra. Carolina coordenou todo o processo de recolha de dados, demonstrando-se disponível para tirar qualquer dúvida que surgisse. Ainda a nível organizacional a mestranda contou com o apoio de mais uma pessoa essencial, a Sra. Maria Helena Revés, a administrativa de Recursos Humanos e um dos grandes pilares da organização, sendo responsável pela estrutura interna de segurança no que respeita aos primeiros socorros, pela comunicação às autoridades competentes e pela elaboração das participações de acidentes de trabalho. É indispensável referir que a segurança e saúde executadas no Vale da Rosa são da responsabilidade de uma empresa externa contratada. O apoio destas quatro profissionais foi essencial para o acompanhamento e progresso das atividades compreendidas e para o cumprimento dos objetivos delimitados.

1.1. Problemática

Foi dito por Azevedo (2010) que “o capital humano é o bem mais precioso de qualquer organização porque todas as empresas (...) são feitas de pessoas e sem elas não existe serviços, venda ou vendedor, cliente ou compra.” O capital humano é um bem essencial para todas as instituições que queiram alcançar o sucesso. De acordo com Carvalho e Souza (1999), a aptidão, a sabedoria, a competência, a autenticidade e as experiências exclusivas de cada colaborador e de cada empregador modificam os produtos e os serviços. Estes últimos são os causadores pelos quais os consumidores procuram certo tipo de organizações e não a concorrência.

Sendo o Vale da Rosa uma entidade a operar no setor agrícola, especificamente na produção de uva de mesa, é da sua responsabilidade oferecer aos seus trabalhadores uma boa qualidade de vida nas atividades que executam diariamente com o propósito da empresa obter o sucesso. Como já foi referenciado, “a qualidade de vida no trabalho pode ser definida pela busca do equilíbrio psíquico, físico e social onde são respeitadas as necessidades e limitações do ser humano (...)” (Gonçalves et al., 2013). Como qualquer meio organizacional, existe sempre uma constante transformação em relação aos trabalhadores e, devido ao setor em que a organização atua verifica-se um grande movimento de entradas e saídas de pessoas dos postos de trabalho, nomeadamente do trabalho agrícola. Devido a essas movimentações, e como cita Carvalho (2005), “a satisfação no trabalho é um objetivo cada vez mais difícil de alcançar (...) o cansaço físico e mental (...) vêm gerando uma interação negativa com o local de trabalho.”.

Para uma boa qualidade de vida no trabalho, a segurança e higiene nele são um fator muito importante. De acordo com Chiavenato (1995) esses últimos consistem num conjunto de normas e procedimentos que visam à proteção da plenitude física e mental do trabalhador, preservando-o dos riscos intrínsecos às funções do cargo e ao ambiente físico onde são realizadas. Logo os responsáveis pelo capital humano de uma organização têm como objetivo facultar todos os requisitos indispensáveis para o bem-estar dos seus colaboradores, conseguindo desse modo deixá-los mais satisfeitos e motivados, sem esquecer que diminui o risco de doenças profissionais, perdas humanas, redução nos gastos e maior produtividade.

A segurança e saúde no trabalho tem vindo a ganhar importância ao longo dos tempos e, para uma boa gestão, é fundamental que os responsáveis comuniquem aos trabalhadores os riscos e perigos que as suas funções possuem, bem como a forma correta e segura de executar as tarefas. Também têm a responsabilidade de aprovisionar aos indivíduos os equipamentos de proteção individual (EPI) e facultar um ambiente de trabalho com os requisitos de segurança apropriados, como por exemplo equipamentos, materiais, fiscalização, medidas de autoproteção, entre outras. Os responsáveis pela segurança e higiene numa entidade igualmente têm a obrigação de fazer cumprir toda a legislação aplicável às atividades em questão.

Em geral são as grandes organizações que se preocupam mais com a gestão de capital humano e a sua segurança no trabalho, mas infelizmente em algumas pequenas e médias empresas isso não acontece. Numa entidade como o Vale da Rosa é imprescindível haver um boa gestão dos trabalhadores, pois o fluxo de entrada e saída destes, como já referido anteriormente, é constante, e a segurança e higiene nela tem como complemento a contratação de uma entidade especializada nessa área.

O tema desta dissertação, “Análise de Acidentes/Incidentes de Trabalho da Empresa Vale da Rosa”, não foi escolhida por mero acaso. Uma empresa de grande sucesso como a Herdade Vale da Rosa, que tem com principal preocupação o bem-estar de todos os seus trabalhadores, pois sabe que sem eles não haveria triunfo, ainda existe a ocorrência de acidentes/incidentes de trabalho todos os anos.

1.2. Objetivos

Nesta dissertação foram definidos diversos objetivos que atuaram como direção para o trabalho, dando um sentido de clareza, pertinência e objetividade. A mestranda propôs-se a alcançar todos os objetivos, tentando empregar o maior número de conhecimentos obtidos e desenvolvidos nas unidades curriculares do mestrado. Dito isto, o objetivo principal delimitado foi:

- ▶ Sistematizar as causas comuns dos acidentes/incidentes ocorridos nos últimos sete anos na organização.

Após a definição do objetivo geral foram traçados os objetivos específicos, concretamente:

- ▶ Identificar os acidentados através de dados de identificação;
- ▶ Assinalar no tempo (mês, dia da semana e período do dia) a ocorrência de acidentes/incidentes;

- ▶ Detetar qual foi a forma dos acidentes/incidentes (exemplos: queda de pessoas ou objetos, choque ou pancada, movimentos em falso ou esforço excessivo, etc.);
- ▶ Constatar quais foram os agentes materiais que provocaram as lesões ou os acidentes/incidentes;
- ▶ Assinalar as naturezas das lesões e as suas localizações.

1.3. Metodologia

A metodologia de investigação utilizada no presente projeto, e a mais adequada relativamente aos objetivos propostos e à execução do trabalho, é a metodologia quantitativa com apoio de uma pesquisa aplicada e descritiva, onde foi executado uma investigação de campo após o acontecimento das ocorrências.

Relativamente à natureza é considerada uma pesquisa aplicada, pois nesta existe uma aplicação prática em que o objetivo é encontrar resoluções para certas questões particulares que ocorre nas atividades observadas. Comparativamente aos objetivos é estimada como uma pesquisa descritiva. Esta exige que se obtenha informação sobre o tema em questão e é a “(...) análise, o registo e a interpretação dos fatos do mundo físico sem a interferência do pesquisador” (Barros e Lehfeld, 2007).

Apesar da pesquisa bibliográfica e documental, foi elaborado um manual de boas práticas de Segurança e Saúde no Trabalho, com materiais criados e matérias já existentes, nomeadamente os que se encontram na legislação.

1.4. Estrutura da dissertação

Este trabalho final visa a apresentação e análise dos acidentes/incidentes ocorridos na Herdade Vale da Rosa entre 2011 e 2017, demonstrando no final quais as causas comuns desses e desenvolvendo um manual com documentos de apoio para que a ocorrência

diminua, ou até mesmo se dissolva. Sendo assim, este projeto está organizado em cinco capítulos, como se pode verificar no Quadro 2.

Introdução	<p>Síntese de aspetos evidenciados na dissertação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ O tema escolhido; ▶ Razões e motivação pelo qual foi escolhido e dissertação; ▶ Problemática e objetivos; ▶ Metodologia e estrutura desta.
Enquadramento teórico	<p>Quadro teórico que evidencia os temas relacionados com este trabalho:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Agricultura; ▶ Segurança e Saúde no Trabalho.
Caracterização da entidade	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Apresentação da organização; ▶ A sua história e localização; ▶ Como é estruturado o Vale da Rosa; ▶ As políticas de gestão; ▶ Certificações.
Materiais e métodos	<p>Os métodos utilizados e as técnicas desenvolvidas para a investigação:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▶ Método quantitativo; ▶ Análise documental; ▶ Manual de Boas Práticas em SST.

<p>Resultados</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Resultados da análise efetuada às participações de acidentes/incidentes de trabalho ocorridos no Vale da Rosa entre 2011 e 2017. ▶ Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde no Trabalho
<p>Considerações finais e trabalhos Futuros</p>	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Considerações Finais; ▶ Limitações e dificuldades; ▶ Sugestões de melhoria; ▶ Trabalhos futuros.

Quadro 2 – Estrutura da dissertação

2. Enquadramento teórico

2.1. Agricultura em Portugal

“A existência de problemas sérios e persistentes no desenvolvimento do setor agrícola em Portugal (...) é um fator reconhecido que se encontra documentado.” (Girão, 2001). Em 1986 Portugal uniu-se à União Europeia (UE) e com essa adesão foi o primórdio do emprego da Política Agrícola Comum (PAC) no território nacional. Essa política, apesar de ser duramente criticada, obteve dois dos objetivos para a sua criação: a contribuição para o aumento da produtividade e a promoção da autossuficiência alimentar. Esses objetivos foram alcançados, mas não necessariamente em Portugal. O período desde a entrada na UE até aos tempos atuais foi marcado por inúmeras modificações na agricultura portuguesa.

Após a reforma de 1992, como Alberto e Almeida (2011) asseveram, sucedeu-se uma minoração nos padrões de apoio aos preços de mercado como resultante aproximação dos preços comunitários aos preços do mercado internacional e uma restrição do favorecimento ao mercado europeu. Os autores indicaram que essa mesma reforma despontou algumas medidas agroalimentares que se designavam a auxiliar as aplicações culturais que tinha como objetivo serem ambientalmente menos agressivas.

Foi com a Agenda 2000 que adveio um distanciamento parcial das ajudas para a produção, que fez com que houvesse um esforço do elemento agroalimentar. Ainda foi autenticado o temperamento multifuncional da agricultura relativamente à produção de bens públicos. Em 2003 ocorreu uma reforma interjacente onde foi introduzido o regime de pagamento único. De acordo com Alberto e Almeida (2011), essa tinha como objetivo despertar a transformação das explorações de acordo com as carências do mercado e descomplicar os processos administrativos dos sistemas de candidatura para introdução de novas culturas.

A agricultura portuguesa na década de 80 obteve um bom compasso de desenvolvimento, comparativamente aos países do sul da Europa, particularmente Espanha, Grécia e Itália.

Através dos dados estatísticos publicados pelo Instituto Nacional de Estatística (INE, 2011), foi possível observar que entre 1989 e 2009 sucedeu-se uma diminuição relacionada com o número de explorações agrícolas, em que houve uma perda média de 12.500 hectares por ano. Entre 1981 e 1997 a agricultura portuguesa teve uma ampliação da taxa de crescimento anual de 1,8%, como indicou Girão (2001), e em algumas regiões ocorreu esse aumento. O Alentejo é uma das regiões que tem vindo a aumentar bastante ao longo dos tempos, pois após a adesão à União Europeia tinha uma área média por exploração de 38,9 hectares, mas de acordo com os dados estatísticos do INE, em 2007 essa média tinha aumentado quase 70%. Como a região anteriormente mencionada, o Alentejo, a Beira Litoral similarmente sofreu um aumento, mas nesse caso foi pouco significativo. No entanto, apesar desses números existirem e como Alberto e Almeida (2011) mencionaram, é importante referenciar que houve “(...) um decréscimo acentuado no número de explorações agrícolas associados, por um lado, a uma diminuição mais que proporcional no volume de trabalho e, a uma perda da Superfície Agrícola Útil (SAU).”.

Relativamente à evolução da produção na agricultura portuguesa, a cultura dos cereais sofreu um decréscimo salientado, mais ou menos cerca de 42%. Na vinha identicamente ocorreu uma diminuição na sua produção, mas felizmente essa foi pouco considerável. São apenas referidas essas duas culturas porque são as que causam mais impacto na produção nacional. Alberto e Almeida (2011) referiram que surgiu um aumento de produção em outros setores, no entanto não foi satisfatório para assistir aos aditamentos no consumo de bens alimentares. O setor agrícola em Portugal não tem sido competente em relação à implementação de habilidades competitivas para a melhoramento da balança comercial de alimentos, pois é “(...) o único que apresenta uma significativa deterioração da sua balança comercial de produtos agrícolas.” (Girão, 2001).

Comparativamente ao autoaprovisionamento, e de acordo com o INE (2011), somente o vinho e as hortícolas é que conseguiram progredir, apresentando um valor de coeficiente superior a 100%. Infelizmente as outras culturas obtiveram uma evolução negativa no autoaprovisionamento, nomeadamente os cereais. Esses em 1989/1990 tinham uma percentagem de 56,10%, mas até 2009/2010 ocorreu um decréscimo de 30,80%. No caso do leite e dos produtos lácteos averiguou-se que foi obtida a autossuficiência entre 1996 e 2000. A partir dessa data a produção passou a ser inferior ao consumo, pois é até hoje

condicionada pelo sistema de quotas leiteiras. Portugal cometeu um erro ao não desfrutar de um setor agrícola com vantagens relacionadas com a competição na Europa e Girão (2001) afirmou que se fosse garantido o dinamismo e a vitalidade nessa área teríamos uma eficácia produtiva que permitisse satisfazer as necessidades dos consumidores.

A agricultura evoluiu, mas a produção de bens alimentares em Portugal diminuiu porque continua a não atualizar as culturas executadas e a técnicas empregadas, como afirma Girão (2001). Outro causador para esse decréscimo no setor agrícola português é a falta de meios financeiros, que por vezes foram disponibilizados pela União Europeia, para a implementação de políticas que poderiam organizar e desenvolver o meio rural. Devido a essa minoração, a dependência do país face ao exterior ampliou. De acordo com Alberto e Almeida (2011) o país tem grandes necessidades de importação de produtos alimentares para o consumo doméstico. O setor agrícola “ (...) é um setor multifuncional por excelência, havendo uma progressiva consciência da natureza pública de muitos dos bens e serviços que presta: desse a conservação da natureza e melhoria do espaço rural, ao fornecimento de serviços de lazer e de turismo, passando pela preservação dos produtos regionais, numa ótica de qualidade e de manutenção da diversidade cultural.” (Girão, 2001).

2.1.1. Agricultura de sequeiro

“A agricultura de sequeiro é o cultivo sem irrigação em regiões onde a precipitação anual é inferior a 500 mililitros.” (Quaranta, 2008). Este tipo de agricultura tem subordinação de técnicas de plantação muito específicas, pois têm de possibilitar que a humidade da terra seja empregada de modo infalível e competente. Conforme Pinto (2014) esta é uma agricultura “ (...) mais triste, mais penosa, mais ingrata e exposta, menos esperançosa (...) ”, mas apesar desta descrição é relevante mencionar que é aplicada em 3 milhões e 200 mil hectares de um total de 3 milhões e 700 mil hectares da SAU em Portugal.

A agricultura de sequeiro é conhecida como “agricultura Mediterrânea” porque se encontra centralizada no Sul de Portugal e Espanha, e ainda na Itália e Grécia. De acordo com Quaranta (2008) as culturas mais comuns no Inverno são os cereais, mas no Verão

as culturas que predominam são as arvenses, ou seja, oliveiras, amendoeiras, nogueiras e videiras. Essas culturas são exclusivas na paisagem Mediterrânea e usualmente os alimentos que produzem são utilizados na gastronomia típica da região.

Esta agricultura depende muito das variedades desenvolvidas nessas próprias regiões, estando bem conformadas ao ambiente em questão e “ (...) contribuem significativamente para a manutenção da biodiversidade vegetal.” (Quaranta, 2008). É importante os agricultores e responsáveis obterem instrumentos técnicos adequados com o propósito de melhorar a agricultura na Europa Mediterrânea e conservar as culturas representativas dessas mesmas regiões. Quaranta (2008) declarou que é imprescindível essas medidas para evitar a degradação ambiental e promover o turismo rural para que essa paisagem e os produtos locais consigam ser prezados. Contudo Pinto (2014) indica que os solos e as culturas de sequeiro têm vindo a cair no esquecimento, mesmo estendendo-se por 86% da Superfície Agrícola Útil do país e que todas as oportunidades vão para a agricultura de regadio.

2.1.2. Agricultura de regadio

O setor agrícola em Portugal tem padecido de uma dualidade e discordância profundamente considerável e Pinto (2014) afirmou que isso se sucede devido à existência ou ausência de água. A agricultura de regadio é visualizada pelo mesmo autor como “ (...) mais moderna, avançada, mais tecnológica, quase sempre competitiva e robusta (...) ”, sendo executada em mais de 500 mil hectares no território nacional. O regadio, além de modernizar a agricultura, tinha como objetivos “ (...) proliferação de sistemas de captação, armazenamento e condução de água até às distâncias que garantissem a rentabilidade económica das explorações agrícolas.” (Freire, 2014). Esta agricultura teve o maior impulso com a construção da barragem do Alqueva, o maior lago artificial da Europa, que foi inaugurado em 2002 e a partir desse construíram a maior rede de regadio do país. De acordo com Freire (2014), nos últimos 50 anos foram construídas infraestruturas, nomeadamente barragens e condutas de regadio, que geraram uma agricultura intensiva e bastante extensas que outrora pertenciam ao típico sequeiro.

Foi com o regadio, ou seja, com a água, que as culturas tipicamente de sequeiro se modernizaram e foi colocado ao dispor dos diversos produtores uma grande seleção de culturas alternativas. Com essas alterações, e como Pinto (2014) mencionou, foi concedido às produções nacionais seguir as inclinações de mercado e as carências do país, apesar de as quantias e da utilização de água serem superiores e Freire (2014) indicou que possibilitou potencializar as explorações agrícolas, ocasionando mais bens alimentares e ampliando a fortuna nacional. A água foi considerada “ (...) um dos princípios fundadores do projeto moderno para transformar a agricultura.” (Freire, 2014) e para esta “nova agricultura” a água é fundamental para ampliar o rendimento dos solos, sendo relacionada à atualização das explorações. Ainda é necessária para desenvolver o efeito dos produtos fitofármacos e garantir a brotamento de sementes aperfeiçoadas em laboratórios.

A agricultura de regadio tem tido como objetivo o crescimento agrícola com a ocorrência centralizada no alargamento de produtividade, mas de acordo com Lima et al. (2008) tem levado à quebra de alguns ecossistemas naturais, mesmo induzindo a restabelecimento desses. Os mesmos autores afirmam que a utilização da terra e da água, nomeadamente a usurpação dos recursos dos ecossistemas anteriormente mencionados, a erosão e a perda da biodiversidade solos, e ainda os processos agrícolas inadequados, como por exemplo o uso dos fitofarmacêuticos, têm vindo a aumentar a degradação dos solos e a qualidade dos meios hidráulicos. É de grande importância referenciar que este tipo de agricultura desencadeou a existência de novas culturas que por sua vez requerem novas tecnologias e maquinarias agrícolas, despoitando novos riscos profissionais para os trabalhadores agrícolas.

2.1.3. Mão-de-obra agrícola

Ao longo dos tempos a mão-de-obra agrícola tem vindo a reduzir, e de acordo com os dados no INE (2011), entre 1989 e 2009 sobreveio uma descida de 36% na população agrícola. Um dos fatores para essa minoração foi a extinção de 27% das explorações agrícolas e o decrescimento dos agregados familiares. Apesar de os dados indicarem valores baixo comparativamente à mão-de-obra, Pimenta (2014) realçou que “ (...) houve um aumento na mão-de-obra especializada, com a introdução de tecnologias de ponta,

houve um aumento no nível de formação dos agricultores (...)”. Sucedeu de igual modo um envelhecimento da população agrícola no período observado anteriormente, em que a média de idade excedeu de 46 anos para 52 anos. É relevante aludir que os indivíduos com mais de 65 anos representam um terço da população, mas igualmente os jovens mantêm a mesma proporção com idades inferiores a 45 anos.

Os dados do INE (2011) demonstraram que relativamente ao tipo de mão-de-obra o regime de trabalho a tempo completo e não familiar aumentou ao longo desses anos. Precedentemente o trabalho agrícola familiar e a tempo inteiro tinha os valores superiores, mas entre 1989 e 2009 sofreu um decréscimo e passou a ser apenas a tempo parcial. Muitos agricultores trabalham nas suas explorações nas horas vagas e preenchem os rendimentos familiares com outras atividades. Como foi mencionado previamente, a agricultura não familiar aumentou ao longo desse período e é o tipo de mão-de-obra com os números mais elevados, sem esquecer que os trabalhadores atualmente preferem trabalhar a tempo completo.

Acerca do género e faixa etária dos trabalhadores agrícolas, Pimenta (2014) indicou que a diminuição mais significativa ocorre nos homens. Esses detêm o maior número como produtores autónomos e entre os 55 anos e os 64 anos, e como empresários os valores indicam ser superior aos 65 anos. Referente aos dados do INE (2011), o grupo dos jovens entre os 15 anos e os 24 anos é bastante reduzido, entretanto no grupo dos jovens entre os 25 anos e os 34 anos foi obtida uma pequena ascensão. Alberto e Almeida (2011) mencionaram que esses baixos valores meditam a desprovida competência das políticas de ajuda à acomodação de jovens agricultores em Portugal. Se o número de homens é o mais elevado é óbvio que o das mulheres é bastante inferior a esse. A faixa etária feminina aumentou para os 55 anos aos 64 anos, em que como produtoras autónomas sucedeu-se um aumento superior aos 65 anos.

Comparativamente ao nível de escolaridade dos agricultores, esse diminui no grupo daqueles que não possuíam qualquer grau de ensino. De acordo com INE (2011), ocorreu um crescimento para os trabalhadores agrícolas com o nível de ensino básico, entre 1989 e 2009, no entanto no período 1999-2009 houve um pequeno aumento para aqueles que tinham alcançado o grau académico de secundário/pós-secundário. Pimenta (2014) afirmou que “Os agricultores com ensino superior, apesar de muito reduzidos, têm vindo

a aumentar nos últimos anos.” Os dados estatísticos (INE, 2011) analisados mostram que a concentração do maior número de indivíduos com o ensino secundário/pós-secundário e ensino superior está localizado no Alentejo com uma percentagem de 7% e 8%.

De todos os agricultores em Portugal, apenas um terço exercia em 2009 (INE, 2001) outra atividade remunerada sem ser a agricultura, sendo que 84% de agregados domésticos de agricultores singulares derivava a grande maioria dessas. Contudo, aproximadamente 6% alcançaram rendimentos exclusivamente de explorações agrícolas e essa mesma percentagem está relacionada com o valor das explorações no Alentejo. Na mesma região, o INE (2011) indica que 64% dos agricultores vivem de pensões ou reformas.

2.2. Segurança e saúde no trabalho

Foi Hipócrates que fez a primeira explicação de uma doença profissional, sendo essa em mineiros pelo chumbo. Inclusive alguns médicos alemães, que viveram nos séculos XVI e XVII facultaram obras alusivas às doenças que agoniavam os trabalhadores que executavam as suas atividades em minas. De acordo com Rodrigues (2006), foi Bernardo Ramazzini o fundador da Medicina do Trabalho com a realização da obra “De morbis artificum diatriba”, em que descrevia “(...) exaustivamente e sistematicamente as doenças relacionadas com a atividade laboral (...)”.

Contudo, foi na Revolução Industrial (século XVIII) em Inglaterra que a Segurança e Saúde no Trabalho se começou a desenvolver com a criação de uma nova classe: os operários. As circunstâncias, tanto de vida pessoal como profissional, eram miseráveis e consistiam em horários com mais de 18 horas diárias e com pausas quase nulas. Rodrigues (2006) mencionou que até as habitações onde residiam não tinham os requisitos básicos para se viver. Foi graças a uma averiguação de uma epidemia que Thomas Percival concebeu um relatório sobre as condições deploráveis dos trabalhadores e apresentado junto de alguns políticos.

Com esse relatório foi redigido o primeiro diploma de legislação laboral, o “Health and Morals of Apprentices Act of 1802”. Rodrigues (2006) assinalou que essa declaração se referia aos seguintes pontos:

- ▶ Delimitação do horário de trabalho diário, não excedendo as 12 horas;
- ▶ Impedimento da realização do trabalho noturno;
- ▶ Higiene das paredes das fábricas pelo menos duas vezes por ano;
- ▶ Arejamento das habitações.

Como é óbvio, o diploma anteriormente descrito não foi executado na prática devido à privação de recursos para a sua instalação e a concentração do poder nos proprietários da indústria inglesa. Felizmente em 1833 foi implementado o “Factory Act of 1833”, e de acordo com Rodrigues (2006), consistia na “ (...) idade mínima de admissão ao trabalho das crianças, definindo também o que era o horário normal de trabalho (...) ”. É importante referenciar que foi com esse diploma que surgiu o dito Inspetor de Trabalho. Rodrigues (2006) distinguiu algumas regulamentações:

- ▶ Delineação de um dia de trabalho normal (das cinco e meia da manhã às oito da noite) e dentro desse período estava autorizado o emprego de indivíduos entre os 13 e os 18 anos durante o dia;
- ▶ Proibição de adolescentes trabalharem mais de 12 horas por dia e menores de 9 anos estavam impedidos de trabalhar;
- ▶ Crianças dos 9 aos 13 anos apenas podiam trabalhar 8 horas por dia e não era permitido a realização de trabalho noturno;

A formação de diplomas legais relativamente à Segurança e Saúde no Trabalho em Portugal teve o seu começo no final do século XIX. De acordo com Silva (2015), foi implementado a “ (...) regulamentação do trabalho para menores e mulheres nos estabelecimentos industriais, em que já são evidentes os propósitos de proteção legal do trabalhador.” com o Decreto de 14 de Abril de 1881. Em 1893 é redigido o decreto que firmou a idade mínima de trabalho no setor industrial que compreendia em 16 anos para rapazes e 21 anos para raparigas. Para as últimas foi estabelecido que “ (...) como obrigação, para as fábricas que empregassem mais de 50 mulheres, de instalar creche a menos de 300 metros da fábrica (...) ” (Vitorino, 1994).

É em 1895 que é promulgado o primeiro diploma legal para o setor de construção e obras públicas. Silva (2015) citou que tinha como objetivo a proteção dos trabalhadores, tanto em público como em privado, “ (...) de construção e reparação de estradas, caminhos-de-ferro, aquedutos, terraplanagem, novas edificações, ampliações, transformações ou grandes reparações, (...) “. Os responsáveis de construção tinham que conservar as habilitações necessárias para esse setor, incluindo conhecimentos sobre as condições de segurança nos ambientes de trabalho. No caso de ocorrência de acidente, a responsabilidade recaía sobre o diretor da obra.

Na mesma época foram elaborados vários diplomas legais com o propósito de proteger os trabalhadores mais afetados na altura. Graça (1999) indica que as mais pertinentes foram:

- ▶ “Reconhecimento do direito de associação de classe”, tanto para o empregador como para o trabalhador (Decreto de 9 de Maio de 1891);
- ▶ Fixação da duração do trabalho para trabalhadores masculinos em 8 horas diárias (Lei de 23 de Março de 1891);
- ▶ Limitação dos 12 anos como idade mínima de admissão para o setor de construção (Decreto de 29 de Dezembro de 1895).

Como ocorreu em outros países, os efeitos desses diplomas legais sobre a Segurança e Saúde no Trabalho em Portugal foram bastantes negativos ou quase nulos. Silva (2015) afirmou que isso se deveu à falta de fiscalização da obediência dos decretos e das leis e a pouca determinação dos empregadores em executá-las. Apenas em 1907 é que se deu o grande salto relativamente à legislação do trabalho através da obrigatoriedade do descanso semanal. Esse compreendia em pelo menos 24 horas sucessivas e a corresponder com o domingo.

Em 1958 foi publicado o Decreto n.º 41821, a 11 de Agosto, que fez com que Portugal fosse visto como pioneiro comparativamente à proteção dos trabalhadores da construção civil. Esse decreto ainda se encontra em vigor atualmente e infelizmente, como Silva (2015) indicou, “(...) verificou-se um abrandamento na elaboração, revisão e atualização de legislação que para além de fundamental na proteção social e laboração da classe

operária serve de base de trabalho aos técnicos que fazem da segurança e higiene no trabalho a sua vida.”.

Em relação aos acidentes de trabalho, esses destacaram-se devido à reparação dos mesmos e os governos não souberam encontrar a resolução para esse problema, “ (...) mostrando incapacidade técnica, organizacional e financeira (...) (Silva, 2015). De acordo com Graça (1999), foi Estevão Vasconcelos que resolveu esse mesmo, em 1911, através de um projeto que esteve na origem da Lei n.º 83, de 24 de Julho de 1913. Foi a primeira legislação que regulamentou a responsabilidade pelo risco de acidentes de trabalho, pois anterior a essa lei um trabalhador que sofresse um acidente e ficasse inabilitado temporária ou permanentemente tinha de recorrer à caridade.

Foi apenas após o 25 de Abril de 1974 que Portugal começou-se a acercar relativamente às condições laborais existentes na França e na Inglaterra, e foi nessa mesma altura que “ (...) começou a ratificar e transpor de forma significativa para o direito nacional as convenções adotadas pela Organização Internacional do Trabalho (OIT).” (Silva, 2015). Presentemente Portugal ainda não incorpora o mundo desenvolvido em Segurança e Saúde no Trabalho, pois Braz (2015) afirmou que em relação aos acidentes de trabalho e doenças profissionais “ (...) continua a apresentar das mais elevadas taxas de incidência de acidentes de trabalho na União Europeia – quer sejam graves, quer sejam mortais.”. O mesmo autor indica que é necessário executar algumas medidas:

- ▶ Implementar um sistema educativo nas unidades curriculares do ensino básico, secundário e superior que reconheça a importância da Segurança e Saúde no Trabalho;
- ▶ Melhorar as instituições, tornando-as mais modernas, competentes e convincentes, com recursos suficientes para fiscalização da legislação;
- ▶ Criação de uma rede de prevenção que trabalhe convenientemente.

2.2.1. Sinistralidade laboral

“É acidente de trabalho aquele que se verifique no local e no tempo de trabalho e produza direta ou indiretamente lesão corporal, perturbação funcional ou doença de que resulta

redução da capacidade de trabalho ou de ganho, ou ainda a morte.” (Lei n.º 98/2009, de 4 de Setembro, artigo 8.º). A Organização Internacional do Trabalho (OIT) tem vindo a estimar que ao longo dos últimos anos ocorrem por volta de 270 milhões de acidentes de trabalho no mundo e 160 milhões de doenças profissionais, resultando na morte de mais de 2 milhões de indivíduos em período laboral. Relativamente às doenças profissionais, Filipe (2011) mencionou que “é aquela que resulta da exposição dos trabalhadores aos riscos existentes no seu local de trabalho e que dão origem à alteração do seu estado de saúde.”.

Está comprovado que em média 1 em cada 12 trabalhadores foi vítima de acidente de trabalho ou de doença na UE e “Em Portugal, a média anual da sinistralidade laboral situava-se entre 200.000 e 300.000 acidentes, (...) entre 250 e 370 acidentes mortais.” (Cabral, 2008). É de grande importância ter conhecimento que na União Europeia os custos dos acidentes de trabalho ocorridos e das doenças profissionais revelam 12% do custo da produção bruta a nível mundial, sendo que em Portugal remonta os 300 milhões de euros, de acordo com Cabral (2008).

O país que retém o título com maior sinistralidade laboral da União Europeia é Portugal. Conforme Silva (2005), ao longo dos últimos anos tem surgido “ (...) um crescimento muito significativo de doenças relacionadas com os trabalhos que sujeitam os trabalhadores à exposição e manuseamento de substâncias químicas; doenças da audição (surdez) e fadiga física e psíquica devido à exposição do ruído; lesões adquiridas na execução de tarefas e movimentos repetitivos (...)”. Pior que tudo é a carência de dados estatísticos comparativamente a essas doenças porque muitas entidades não obedecem à lei no que se refere à participação obrigatória dos diagnósticos de doenças profissionais.

A grande maioria dos acidentes ocorrem nos setores da construção civil e indústria, mas na agricultura o indicador também é distinto. Os principais fatores, como reporta Cabral (2008), para a ocorrência de acidentes durante o período de trabalho são: quedas (em altura e ao mesmo nível); esmagamento e choque com objetos, soterramento, eletrocussão e operação com máquinas. Relativamente aos acidentes mortais, nas últimas décadas, as percentagens são as seguintes:

- Construção – entre 45% a 51%;

- ▶ Indústria – entre 20% a 28%;
- ▶ Comércio e serviços – entre 5% a 15%;
- ▶ Agricultura – 4% a 9%.

Em 2001 a Comissão Europeia centrou a sinistralidade laboral na promoção de uma campanha de sensibilização para diversos fatores. Os setores das pescas, construções e agricultura são aqueles que contêm riscos mais elevados e são esses que englobam trabalhadores de pequenas e médias empresas com contratos a termo e em início de atividade laboral. Conforme Cabral (2008), os jovens trabalhadores, entre os 18 e os 24 anos, também se encontram nesses fatores por trabalharem sobre regime de turnos ou trabalho noturno. Infelizmente existem bastantes empresas com a inexistência de serviços indispensáveis de Segurança e Saúde no Trabalho ou então não os têm devidamente a operar de acordo com a legislação aplicável, sem implementação de planos de emergência, de combate a incêndios, entre outros. Silva (2005) afirmou que “ (...) não investem o mínimo necessário na prevenção, em particular na identificação e avaliação dos riscos profissionais, nas medidas de proteção, na sensibilização e formação dos trabalhadores.”

2.2.2. Riscos profissionais

Os riscos profissionais “ (...) são os que decorrem das condições precárias inerentes ao ambiente ou ao próprio processo operacional das diversas atividades profissionais.” (Cavalcante, 2010). Ou seja, as condições inseguras no ambiente de trabalho afetam o bem-estar dos trabalhadores. Os riscos profissionais constituem um grupo muito complexo, pois Cabral (2008) mencionou que, por um lado manifestam-se como riscos objetivos, ou seja, riscos autênticos articulados a objetos de estudo, e por outro são subjetivos, pois são abrangidos pelos trabalhadores expostos. Na avaliação desses é bastante importante considerar as diversas formas que adotam:

- ▶ Como acidentes, em que os acontecimentos são anormais e abrangem uma situação nociva;

- Como incidentes, em que as circunstâncias são insólitas e incluem uma posição arriscada, mas não progridem para danos;
- Como quase-acidentes, em que as ocorrências quase se alteram para acidentes.

Os riscos profissionais têm-se expandido ao longo dos tempos devido ao progresso das organizações resultante do crescimento da terciarização, à destreza de produção e subcontratação de indivíduos, e ainda à distinta rotação de mão-de-obra, sendo que esses fatores manipulam os vários tipos de riscos. Esses têm aumentado através de “ (...) i) ao desenvolvimento da perigosidade associada a fontes de energia e máquinas, ii) à pressão exercida nos ritmos de trabalho e na rarefação da informação disponibilizada aos trabalhadores por efeito da automatização de tarefa, iii) aos riscos associados a novos produtos químicos e iv) à elevação da carga mental do trabalho mental por efeito do desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação.” (Cabral, 2008).

De acordo com Silva (2005), as organizações atualmente preocupam-se em amortizar rapidamente os novos equipamentos tecnológicos adquiridos trocando os trabalhos noturnos-turnos por horários móveis e irregulares. Foi a medida económica adotada para a redução de custos com os trabalhadores, fazendo com que sejam pressionados a aceder quaisquer situações de trabalho e dispondo-os a mais riscos profissionais, originando em mais acidentes. Atualmente os ritmos de trabalho intensos são cada vez mais elevados e a ocorrência de longas jornadas de trabalho em situações de stress têm ocasionado “ (...) transformações no trabalho, que estão a impor a emergência de novos riscos profissionais, (...) ” (Silva, 2005), principalmente nos setores mais tradicionais, como por exemplo a agricultura.

Na base desses últimos encontram-se os riscos e, na base desses, estão os perigos que permanecem ligados a fenómenos físicos, químicos, biológicos, psicológicos, culturais e sociais. Segundo Cabral (2008) entende-se por perigo “ (...) como algo capaz de causar danos, sendo, pois, uma propriedade intrínseca de agentes, eventos ou situações.”, no entanto o risco “ (...) é o dano ou a perda esperadas (probabilidade) no tempo.” Este encontra-se articulado a ocorrências, técnicas, acomodações, procedimentos e atividades.

2.3. Produção de uva de mesa

De acordo com Correia (2012), a produção agrícola com elevada relevância económica no mundo é a uva, e essa encontra-se repartida em regiões de clima temperado. Este tipo de produção tem três principais utilizações que são a produção de vinho, a uva de mesa, para ser consumida fresca, e a passa em que é absorvida em seco. Relativamente à segunda utilização e conforme os dados do INE (2010), Portugal apresentava uma produção de uva de mesa de 19 223 toneladas numa área total de 2 429 hectares.

A uva de mesa surge da videira, e essa é uma planta angiospérmica, ou seja, pertence ao grupo das plantas com flor. As suas características fundamentais são o caule permanente e lenhoso, trepador e sarmentoso, e o fruto desponta em forma de baga. Referente à formação de órgãos reprodutivos nela, Correia (2012) afirma que são expandidos em dois ciclos vegetantes e consecutivos:

- ▶ Primeiro ano – evolução dos primórdios das inflorescências;
- ▶ Segundo ano – aparecimento de inflorescências (flores) e ocorre o desenvolvimento dos bagos.

A uva sem grainha é considerada um fruto apirénico. Ou seja, “ (...) é um fruto que está completamente desprovido de sementes, contém um número reduzido destas ou apresenta sementes abortadas.” (Pandolfini, 2009; citado por Correia, 2012). A produção de uva sem grainha não é uma produção “moderna”, mas sim de há muitos séculos atrás, pois esta chegou a ser aludida por alguns filósofos gregos, tais como Hipócrates e Plantão, e nas escrituras do antigo Egipto de 3 000 a.C. Este tipo de uva exhibe benefícios gustativos porque as ditas “normais” contém sementes que são penosas de absorver, o sabor não é bom e podem causar problemas digestivos.

Para o desenrolamento da uva sem grainha subsistem dois instrumentos principais, de acordo com Correia (2012). O primeiro método é conhecido como partenocarpia e é o único capaz de conceber autênticas uvas sem grainha, pois não é desenvolvido um óvulo utilitário devido à formação do saco embrionário ser imperfeito. O segundo método é o esternospermocarpia e neste a polinização e a fertilização advêm naturalmente, mas ao

fim de duas/três semanas o embrião aborta, ou seja, a evolução da semente é descontinuada.

Comparativamente aos sistemas de produção de uva de mesa, foram empregadas novas técnicas para acelerar a temporada de amadurecimento dessas devido à multiplicidade da oferta e à extensão do calendário de comercialização. Conforme Nobrega (2013), esse adiantamento é adquirido “ (...) através da utilização de coberturas de plásticos ou mais recentemente, através de sistemas de cultivo sem solo.”. A bonificação destas técnicas, além de apressar/atrasar a maturação das uvas, permite alcançar preços médios mais elevados no comércio.

2.3.1. Operações

Todas as operações apresentadas posteriormente são realizadas na maior exploração de uva de mesa em Portugal, a Herdade Vale da Rosa.

► Enxertia

Consiste na união de duas plantas, conseguindo tirar o melhor de cada uma delas. É essencial neste processo que os tecidos do porta-enxerto e o garfo fiquem em contacto direto, sem oxigénio na zona da união e deverá ficar sempre acima do nível do solo.

A enxertia feita na organização é em cunha, ou seja, a parte aérea do porta-enxerto é removida e é feito um corte longitudinal no caule da planta. Aproveitando uma vara ou gemas de viveiro, essas são cortadas em enxerto de duas gemas, sendo depois afiado em forma de cunha e esta inserida no corte da planta. Os materiais utilizados pelos trabalhadores são a tesoura de poda, a faca de enxertia, a enxada e fita isoladora para unir as plantas.

► Marcação em varas

Esta abrange a estruturação da planta, eliminando algumas partes, com o objetivo de limitar o número de gemas para regularizar e harmonizar a produção, melhorar

a qualidade da uva e uniformizar a distribuição da seiva elaborada para os diferentes órgãos da videira.

► Poda seca

Esta operação tem como objetivo a remoção de todas as varas das estruturas de arames por forma a ficarem acondicionadas no centro das filas.

A poda estreitamente dita são a marcação em varas e a poda seca em conjunto, mas no Vale da Rosa dividem-nas. Resumidamente, na marcação são selecionadas as varas mais produtivas para a campanha e na poda seca é realizada a remoção do excedente. Os equipamentos que os indivíduos utilizam nestas operações são o tesourão, a tesoura de poda e o serrote.

► Amarrar varas

Esta compreende em condicionar a orientação das varas para que fiquem fixas na posição horizontal e distribuídas de forma uniforme, sem sobreposições. O material utilizado é o arame legofix.

► Amarrar lançamentos

Consiste em fixar os lançamentos nos arames e separá-los para que não sejam danificados ou se quebrem devidos às condições meteorológicas. Esta operação é semelhante à tarefa de amarrar varas, mas neste caso são os lançamentos, utilizando o agravador com fita.

► Poda verde

Esta operação compreende em equilibrar e organizar a estrutura vegetativa e produtiva da planta. É efetuada na perspetiva da produção e na perspetiva de estruturação da planta.

É feita a remoção dos lançamentos em excesso, como por exemplo ladrões (lançamentos que saem da parte da madeira que não é do mesmo ano), gémeos (lançamentos que nascem na mesma gema que outro lançamento) e lançamentos que não são férteis, ou seja, não tem qualquer cacho. Esta é feita à mão, mas quando os lançamentos estão muito desenvolvidos os trabalhadores utilizam a tesoura de colheita que é mais pequena.

► Despenca

Esta atividade abrange a regularização do tamanho do cacho e da distribuição do número de bagos. Serve para facilitar a penetração dos tratamentos fitossanitários, melhorar a qualidade da uva em relação ao calibre, coloração, textura e sabor.

Consiste na monda de bagos através da remoção das pencas e é uma operação concretizada à mão, mas quando o ráquis já começa a engrossar é necessário ser executado com uma tesoura, prolongando o tempo da tarefa.

► Colocar panos

Compreende em colocar panos ou plásticos sobre a estrutura da vinha, pois melhora o microclima dentro das estufas. Abrange duas máquinas: uma que tem o tabuleiro que segura o rolo de pano e outra com motor para puxar.

Estas estão colocadas nos extremos opostos da quadra, é lançada uma corda à máquina pequena amarrando desse modo o plástico. A corda é puxada pela máquina mais pequena e que por sua vez puxa o pano para cima da estrutura da vinha. Esta operação envolvem as máquinas, as cordas, escadotes ou cadeiras de ferro.

► Colheita

Esta atividade consiste em colher os cachos de uva desenvolvidos para venda, utilizando a tesoura de colheita para os apanhar de forma correta.

► Armazém

Nesta estão incluídas as operações de packing-house, a fabricação das caixas e dos kits, ainda é feito o carregamento de carrinhas com material necessário para o campo.

► Linhas

É nesta operação que é realizado o embalamento da uva para venda, sendo realizada a temperaturas baixas e de pé.

► Oficina

É ondes são realizados os arranjos e a manutenção de máquinas e equipamento de campo e de armazém.

► Operação mecanizada

São todas as operações que envolvam máquinas agrícolas e respectivas alfaías, empilhadores, stackers, entre outras.

► Fitofármacos

Todas as operações que envolvam aplicação de produtos fitofarmacêuticos, podendo ser manual ou mecanizado.

No Quadro 3 estão representados os locais/tarefas, os equipamentos de proteção individual (EPI) utilizados pelos colaboradores da organização e os equipamentos que são recomendados para cada operação. Na oficina é possível observar-se que não são utilizados vários equipamentos de proteção recomendados, e no armazém e vinha (colheita e colocar panos) não foi possível apurar se os colaboradores empregam o calçado apropriado. Relativamente à tarefa de conduzir máquinas agrícolas, os trabalhadores não utilizam óculos de proteção e protetores auditivos, enquanto os aplicadores de fitofármacos, não usam calçado apropriado para a operação.

Local/Tarefa	EPI Utilizados	EPI Recomendados
Oficina	Luvas de látex; Máscara de soldar; Botas de biqueira de aço.	Luvas de PVC; Calçado com sola antiderrapante e biqueira de aço; Vestuário de trabalho; Óculos de proteção; Luvas de proteção mecânica; Máscara de proteção respiratória; Protetores auditivos; Máscara de soldar; Avental e luvas de couro.
Armazém (geral)	—	Calçado antiderrapante e biqueira de aço.
Armazém (câmaras de refrigeração)	Casaco térmico.	Colete/casaco térmico; Calçado com sola antiderrapante.
Vinha (geral)	Roupa larga, leve e de tons claros; Roupa impermeável ou capa.	Roupa larga, leve e de tons claros; Roupa impermeável ou capa.

Local/Tarefa	EPI's Utilizados	EPI's Recomendados
Vinha (manutenção, poda)	Óculos de proteção; Luvas;	Óculos de proteção; Luvas;
Vinha (colocar panos)	Luvas;	Calçado fechado e sola antiderrapante; Luvas de proteção mecânica.
Vinha (Colheita)	—	Calçado fechado e antiderrapante.
Condução de máquinas agrícolas	Luvas; Botas de biqueira de aço.	Calçado com sola antiderrapante e biqueira de aço; Óculos de proteção; Protetores auditivos.
Aplicação de fitofármacos	Fato; Máscara de proteção; Luvas de proteção química; Óculos de proteção.	Fato; Calçado impermeável; Óculos de proteção; Luvas de proteção química; Máscara de proteção.

Quadro 3 – Equipamentos de proteção individual (EPI)

3. Caracterização da Entidade

3.1. Apresentação

A Herdade Vale da Rosa é considerada uma média empresa familiar, ligada ao ramo da viticultura, e é a maior produtora a nível nacional de uva de mesa. É uma organização que se dedica exclusivamente à produção de uva de mesa de alta qualidade e destina-se ao abastecimento do mercado interno e ao mercado de exportação. Abrange uma área de produção de 250 hectares em que contém 13 variedades de uva de distinta e de autenticada qualidade, 6 com grainha e 7 sem grainha. Existem em teste outras variedades, plantadas em pequenas parcelas, que quando estudadas e garantida a sua viabilidade, se tornam opções a considerar para cultivo em extensão.

Esta organização sempre apostou num sistema inovador em Portugal, conjugando as fantásticas condições naturais da região do Baixo Alentejo com a aplicação do Sistema Pérgola. Este sistema é estabelecido por vinhas altas, em latada, cobertas por redes e plásticos, propagando um micro ambiente que é benéfico para a evolução do fruto. Assim é possível expandir o período de produção, antecipando as variedades precoces e prolongando as variedades tardias, obtendo uma época de campanha superior a 5 meses.

O Vale da Rosa tem como base um modelo de gestão empresarial moderno, pois conta com uma assessoria permanente de especialistas nacionais e estrangeiros. A assessoria permite que haja constante atualização tecnológica, políticas de fortes investimentos em novas áreas de produção e infraestruturas de armazenagem. Em relação à última destaca-se a nova unidade de frio que permite conservar até 250 toneladas, podendo comercializar uva fora de época.

Na colheita de 2017 o volume de negócios do Vale da Rosa foi de 11 milhões de euros, onde a quantidade comercializada foi de 5.200 toneladas. Nesta campanha foi importada para o mercado nacional cerca de 75% e a percentagem de exportação é cerca de 25%. A exportação é feita para Luxemburgo, Holanda, Espanha, Angola, Noruega, França, Polónia, Suíça, Alemanha, China e para o exigente mercado inglês, sendo um dos principais importadores.



Figura 1 – Entrada principal para o escritório – Herdade Vale da Rosa

Fonte: Departamento de Marketing – Vale da Rosa, 2015

3.2. História

A história da Herdade Vale da Rosa nasceu do sonho de um homem que, há mais de 40 anos, foi para a área de Ferreira do Alentejo e iniciou o negócio, tornando-se um dos maiores e mais respeitados comerciantes da região do Baixo Alentejo. Começou por plantar as vinhas, que acabou por ficar na mão do seu filho, e este tornou o Vale da Rosa a única marca de uvas de mesa em Portugal. O Dr. António José Ramos Silvestre Ferreira adorava brincar, em criança, num pequena horta existente na herdade a que lhe davam o nome de Vale da Rosa. Foi em homenagem a esse local carregado de emoções que acabou por dar o mesmo nome às suas terras e à marca do seu produto.

Sendo o atual administrador e proprietário, o Dr. Silvestre Ferreira, médico veterinário de formação, herdou a paixão da família. No Brasil, para onde emigrou após o 25 de Abril de 1975, desenvolveu um projeto frutícola nas décadas de 80 e 90, onde se especializou na produção de uva de mesa, nomeadamente na produção de uvas sem grainha. Com o desejo de inovar, estabeleceu contactos permanentes com países de forte tradição no setor, como o Chile, Estados Unidos da América e Itália. Movido por a paixão pela atividade, e pelas ótimas condições naturais da região do Baixo Alentejo, decidiu dar continuidade ao negócio da família na sua terra natal.

3.3. Localização e condições meteorológicas

A Herdade Vale da Rosa encontra-se a 30 km da Autoestrada do Sul (A2) e a 80 km da fronteira de Espanha. Localiza-se ainda a 3 km de Ferreira do Alentejo e a 20 km de Beja. Isto tudo faz com que a maior produtora de uva de mesa de Portugal se encontre no centro do triângulo do desenvolvimento do Alentejo, ou seja, Alqueva, Porto de Sines e Aeroporto de Beja. A sua ótima localização permite a colocação do produto em qualquer parte da Europa e do mundo em excelentes condições.

As mais de 3000 horas anuais ao sol e o clima quente, com temperaturas superiores a 35° C no auge do Verão, refletem-se na maturação das uvas, com uma acumulação de açúcares que as torna particularmente doces e com uma cor forte e amadurecida. Os solos de excelente qualidade, os barros de Beja, produzem uma uva resistente, crocante e de excelente qualidade.

3.4. Vale da Rosa – Estrutura

Na Figura 3 encontra-se o organograma geral da organização Vale da Rosa de 2017. No topo localiza-se o Dr. António Silvestre Ferreira, fundador e administrador da entidade, seguido pelo Gestor Geral. Esse é o braço direito do Dr. Silvestre Ferreira e quando não está presente é o Gestor que toma todas as decisões.

Abaixo desse cargo encontra-se a Comissão de Gestão que é composta pelo administrador, pelo responsável do departamento Comercial/Gestor Geral, responsável do departamento Administrativo e Financeiro e pela responsável do departamento de Recursos Humanos e Jurídico. Esta comissão é responsável por toda a gestão executada na herdade em si e nas outras áreas de produção. Seguidamente estão os diversos departamentos que posteriormente será feita uma breve descrição.

Apesar de não estar inserido no organograma da empresa é de referenciar que esta tem uma comissão de Trabalhadores. É composta por um colaborador do departamento Comercial, outro do departamento de RH e Jurídico e por um dos mecânicos da herdade. Esta comissão tem como objetivo zelar em prol dos trabalhadores e encontra-se sempre disposta a satisfazer as necessidades desses.

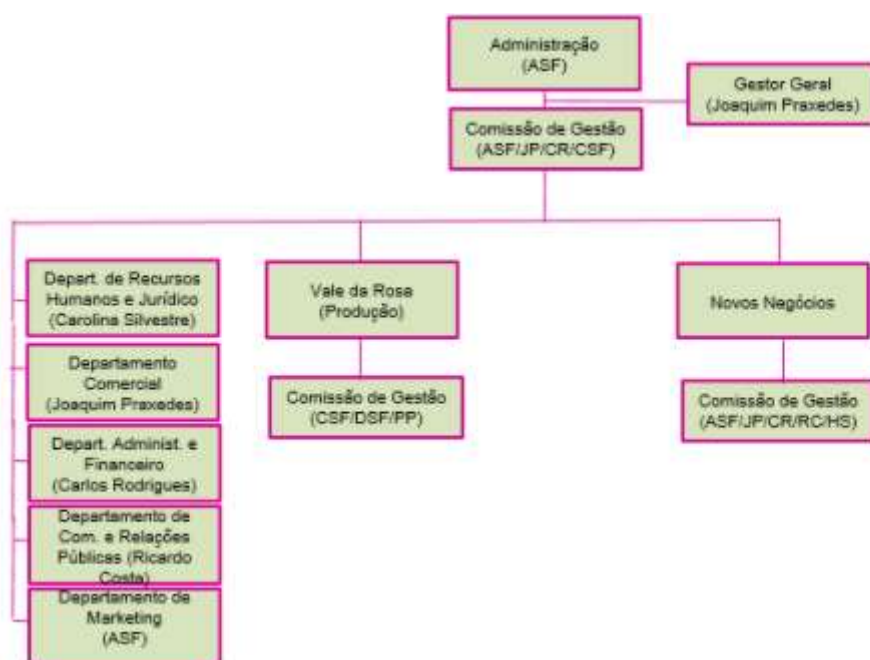


Figura 2 – Organograma do Vale da Rosa (2017)

Fonte: Departamento de Recurso Humanos e Jurídico – Vale da Rosa, 2017

3.4.1. Departamento de Recursos Humanos e Jurídico

Tendo uma grande área de produção é necessário conseguir trabalhadores agrícolas em grande escala. Foi desse modo que o departamento de Recursos Humanos e Jurídico conseguiu empregar mais de 800 indivíduos na colheita de 2017, sendo o seu número médio de colaboradores por ano de 314 pessoas.

Esta entidade considera que os trabalhadores são o maior capital. No período de colheita este departamento trabalha sem parar, pois chega a recrutar, seleccionar e admitir 60 indivíduos num só dia. Estes números são associados a variados assuntos, tais como burocráticos, legais e pessoais, e é a equipa de Recursos Humanos que garante que nada falta a cada colaborador.

Além de contratar indivíduos de nacionalidade portuguesa, o Vale da Rosa tem uma grande diversidade no que toca a nacionalidades. Contrata desde indivíduos naturais dos vários países da Europa até à Ásia, como por exemplo Tailândia, Nepal e Índia. A responsável do departamento é que trata de toda a burocracia relativamente à legalização

dos colaboradores estrangeiros e ainda presta assessoria jurídica em todas as matérias de relevância jurídica suscitadas pela atividade da entidade e trabalha lado a lado com todos os departamentos.

3.4.2. Departamento Comercial

A equipa deste departamento tem a responsabilidade de pesquisar tanto o mercado nacional como o mercado internacional com o intuito de comercializar o produto desenvolvido na empresa. Ainda tem como responsabilidade estar atento a todas as oportunidades de negócio de exportação da uva de mesa.

Os colaboradores trabalham em conjunto para fazer chegar as uvas aos clientes, em Portugal e no estrangeiro. Focam-se na procura dos melhores mercados e dos melhores compradores, comercializando os melhores preços e conseguindo valorizar o produto. São encarregados de coordenar todas as atividades de venda, obtendo lucro e recursos financeiros para crescer economicamente.

3.4.3. Departamento Administrativo e Financeiro

O departamento Administrativo e Financeiro garante um bom funcionamento da Herdade Vale da Rosa. Esta equipa ocupa-se dos investimentos, fundo de tesouraria, fluxo de caixa, salários, despesas e aplicações. São os colaboradores que asseveram a sustentabilidade da organização a médio e longo prazo.

A equipa está incumbida de atividades de secretariado e de tesouraria. Ainda é responsável pela contabilidade geral, analítica consultadoria e controlo de custos. Gere todos os recursos da organização, com o objetivo de atingir os objetivos, controlando todos os investimentos e riscos.

3.4.4. Departamento de Comunicação e Relações Públicas

Esta equipa está encarregue de prestar apoio necessário a todas as atividades desenvolvidas, relativamente à sua promoção. É responsável pela criação e manutenção de canais de comunicação que facilitem a divulgação da organização e dos seus produtos.

O departamento promove a marca Vale da Rosa juntos dos seus colaboradores e clientes. A sua forma de atuação é a partir de atendimento de clientes, produção e divulgação através dos vários meios de comunicação, realização de eventos com a intenção de propagar a entidade e realização de pesquisa de opinião, nomeadamente dos clientes e consumidores.

3.4.5. Departamento de Marketing

O Vale da Rosa é uma marca que assenta toda a sua essência em quatro valores fundamentais: portugalidade, tradição, paixão e sabedoria. Estes valores estão presentes em tudo o que é feito, como por exemplo a nível institucional, comercial e do consumidor.

Este departamento é composto por um conjunto de táticas de mercado, com o objetivo de auxiliar o crescimento da organização. A equipa deste tem a responsabilidade de analisar, pesquisar e executar um planeamento estratégico para conseguir aumentar os seus lucros.



Figura 3 – Logotipo da Entidade

Fonte: Departamento de Marketing – Vale da Rosa, 2015

3.4.6. Departamento de Produção

É neste departamento que se encontram todos os indivíduos que durante o ano, colheita após colheita, garantem a alta qualidade das uvas produzidas. São eles que tratam da terra, analisam os solos, protegem e controlam a vinha, colhem e embalam o produto. Esta

equipa é responsável pelo planeamento e execução de todas as operações, desde o campo até ao armazém.

Contando com os técnicos residentes, e como foi referenciado anteriormente, a organização conta com o apoio de assessoria permanente de especialistas nacionais e internacionais, conseguindo estar em constante atualização tecnológica. A equipa ainda concentra o maior número de colaboradores, tornando o Vale da Rosa um dos maiores empregadores do Baixo Alentejo.

3.5. Políticas e processos de Gestão da Investigação, Desenvolvimento e Inovação (IDI)

A Herdade Vale da Rosa sempre procurou novos procedimentos ou produtos para satisfazer os seus clientes e para melhorar o seu desempenho económico, agronómico e ambiental. Desse modo a IDI (Investigação, Desenvolvimento e Inovação) faz parte do “código genético” da organização. A introdução de variedades de uva sem grainha em Portugal, há cerca de 10 anos, é um exemplo prototípico da constante carência de inovar. Tem ocorrido ao longo dos anos um conjunto bastante vasto de processos, tendo o objetivo de melhorar o desempenho económico da exploração através da redução de custos.

A aplicação electrostática de fitofármacos é um exemplo de um método inovador. Este é baseado na carga electrostática na película da uva, garantido uma aplicação eficiente e com uma redução muito significativa do volume da água. Outra inovação na aplicação dos produtos fitofármacos é o sistema Heliosec. Consiste na instalação de um equipamento para a gestão de restos de calda que permite uma gestão responsável desses desperdícios, minimizando o impacto ambiental.

Em relação às práticas culturais, são feitos anualmente ensaios que contribuem para minimizar a necessidade de operações culturais, reduzindo assim os custos de produção. A aplicação de painéis solares permite que hoje em dia alimentem o sistema sonoro de afugentar pássaros, que anteriormente era alimentado a bateria.

3.6. Políticas e processos para garantir a segurança e saúde na organização

De acordo com os requisitos das várias certificações, posteriormente descritas, que a entidade tem e com o propósito de trabalho no sentido de inverter a desconfiança crescente dos consumidores, garantindo um bom produto executado em harmonia com o ambiente, o Vale da Rosa tem definido e rege-se por uma série de políticas. Para um rigoroso controlo de qualidade essas são todas definidas com objetivos muito específicos, tais como:

- ✓ PO.3001 – Política da Qualidade e Segurança Alimentar;
- ✓ PO.2001 – Política de Produto Fitofarmacêutico;
- ✓ PO.2002 – Política de Fertilizantes;
- ✓ PO.2003 – Política de Minimização da Poluição;
- ✓ PO.2004 – Política da Saúde e Segurança;
- ✓ PO.2005 – Política de Água e Recursos Humanos;
- ✓ PO.2006 – Política de Reciclagem e Reutilização;
- ✓ PO.2007 – Política de Conservação e Promoção da Vida Selvagem e da Paisagem;
- ✓ PO.2008 – Política de Gestão de Resíduos e Poluentes.

Além disso, a entidade monitoriza vários indicadores ambientais, como por exemplo, o consumo de água desde 2011. São feitas análises de resíduos fitofármacos a todas as variedades de uva produzidas e de água todos os anos. A fauna e a flora são controladas de 3 em 3 anos.

Todos os resíduos produzidos, como o cartão e o plástico, e com valor comercial, são direcionados para operadores reconhecidos que os valorizam. Presentemente todos os plásticos das estufas são reciclados devido a uma alteração que foi feita com o fornecedor desse material. Também foram substituídas as ilhoses de metal por plásticos reforçados, permitindo assim a sua total reciclagem.

3.7. Certificações

Como forma de garantir a qualidade, a legalidade e a segurança alimentar de todos os produtos comercializados, e para estar em concordância com as especificações técnicas

dos seus clientes, a organização encontra-se certificada de acordo com algumas referências.

3.7.1. Produção Integrada

Atualmente a Herdade Vale da Rosa tem um total de 250 hectares de vinha em Produção Integrada. Essa é considerada “(...) um sistema agrícola de produção de produtos agrícolas e géneros alimentícios de qualidade, baseado em boas práticas agrícolas, com gestão racional dos recursos naturais e privilegiando a utilização dos mecanismos de regulação natural em substituição de fatores de produção, contribuindo, deste modo, para uma agricultura sustentável.” (Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural, 2017).

3.7.2. Global Good Agricultural Practices (GlobalG.P.A.)

A organização obteve pela primeira vez a certificação da GlobalG.P.A. em 2004 para a sua produção e embalamento de uva, sendo esta renovada todos os anos. É um certificado de boas práticas agrícolas que estabelece um conjunto de normas técnicas que podem ser implementadas nas explorações, de forma a diferenciar as produções. Favorece os produtos e a organização, pois indica que essa se preocupa com o impacto ambiental da atividade agrícola, conjugando técnicas de proteção e produção com práticas de saúde e segurança no trabalho, assegurando a longo prazo a sua sustentabilidade.

3.7.3. Nurture

O Nurture, ou antigo Nature's Choice, é um certificado que identifica os princípios e práticas que, quando são cumpridas pelos produtores e embaladores de produtos hortofrutícolas, garantem que os sistemas de produção e manuseamento dos produtos são ambientalmente sustentáveis e responsáveis. A base desse sistema é uma política de conservação da vida selvagem e da paisagem, sendo promovida por um plano de gestão ambiental detalhado e é de cumprimento obrigatório para todos os fornecedores da Tesco

(empresa de distribuição do Reino Unido). Este referencial aplica-se à produção, embalagem e comercialização de todos os produtos do Vale da Rosa e a entidade obteve o certificado na campanha de 2007 e tem sido mantido desde então.

3.7.4. Global Standard For Food Safety (BRC)

O BRC é um protocolo de implementação voluntária e certificável com o objetivo de especificar os critérios de qualidade, segurança e operacionais requeridos para assegurar o cumprimento de todas as exigências legais e a proteção do consumidor. Este foi implementado e certificado pela primeira vez em 2008 e tem sido mantido ao longo destes anos.

4. Materiais e métodos

A metodologia de investigação é ponderada como um conjunto de métodos que direcionam uma investigação, ou seja, é um estudo do método. No caso das ciências esta examina a realidade coletiva para encontrar uma fundamentação para certas ocorrências, através da análise. A função do indivíduo nesta configuração abrange em investigar estratégias possantes para amplificar o conhecimento. Basicamente faz parte do processo de investigação que sucede no seguimento da introdutiva, facultando a disposição dos métodos e práticas fundamentais para a sua execução. É uma etapa singular, relatada com a conjectura e epistemologia para a opção de certas técnicas.

Em termos de abordagem de uma investigação, a metodologia quantitativa recorre à linguagem matemática para relatar as causas de uma certa ocorrência, as relações entre as variáveis, entre outras, como assevera Fonseca (2002). Compreende em amostras que usualmente são desmedidas e estimadas como exemplares de uma população, ou seja, os resultados de uma investigação deste género são ponderados num retrato real de uma determinada sociedade. Esta é centra na objetividade, pois considera que a “realidade só pode ser compreendida com base em análises de dados brutos” (Fonseca, 2002). O método quantitativo tende a empregar processos estruturados e certos instrumentos para a recolha dados, em que esses últimos passam por uma análise metódica através de atuações estatísticas.

Como foi mencionado anteriormente a metodologia de investigação aplicada, sendo a mais apropriada comparativamente aos objetivos apresentados e para a execução da análise dos acidentes de trabalho, foi a metodologia quantitativa. Esta foi inserida num setor de atividade agrícola onde se verificaram diversos acidentes/incidentes de trabalho, ou seja, esta investigação poderá cooperar para a diminuição da sinistralidade laboral na Herdade Vale da Rosa e num sentido mais amplo na atividade específica, que é a viticultura.

A abordagem quantitativa dos diversos tipos de acidentes de trabalho na organização, entre 2011 e 2017 inclusive, e o referente procedimento estatístico foi efetuado com a aplicação de variáveis posteriormente apresentadas:

- ▶ Quantificação do número de acidentes/incidentes de trabalho ocorridos em cada ano;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por gênero;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por faixa etária;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por nacionalidade;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por mês, dia da semana e período do dia;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por categorias profissionais
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por operação;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por a forma com sucederam;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por agentes materiais que provocaram lesões;
- ▶ Caracterização dos acidentes/incidentes por natureza de lesões e suas localizações;
- ▶ Caracterização da gravidade dos acidentes.

Além desta análise, que foi executada através do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), ainda foi realizada uma análise documental desses dados e tem como base a informação registada nas participações de acidentes ocorridos no período referenciado e na Avaliação de Riscos Profissionais executada em 2017 por uma empresa externa que presta os serviços de SST ao Vale da Rosa.

Após realizada a análise dos dados, foi produzido um Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde no Trabalho. Um manual de boas práticas alimentar, tendo como exemplo, consiste num “documento onde estão descritas as atividade e procedimentos que as empresas que produzam, manipulam, transportam, armazenam e/ou comercializam alimentos, adotam para garantir que os alimentos produzidos tenham segurança e qualidade sanitária aos seus consumidores (...)”. Na área de segurança e saúde no trabalho, e de acordo com a pesquisa efetuada, não existem manuais de boas práticas nessa área específica.

Esse manual foi produzido com o objetivo de ser composto por recomendações gerais para sustentar a plenitude física dos trabalhadores, empregadores, segurança dos equipamentos, instalações e do meio ambiente em que todos estão envolvidos. Ainda tem o objetivo de cooperar para uma gestão eficiente de segurança e saúde no trabalho. O Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde no Trabalho foi desenvolvido e adaptado ao Herdade Vale da Rosa, e sendo constituído por materiais existentes de acordo com a legislação em vigor e a criação de novos materiais. O objetivo principal desse é ajudar e facilitar a organização mencionada relativamente aos assuntos de segurança e saúde no trabalho.

5. Resultados

5.1. Análise dos dados

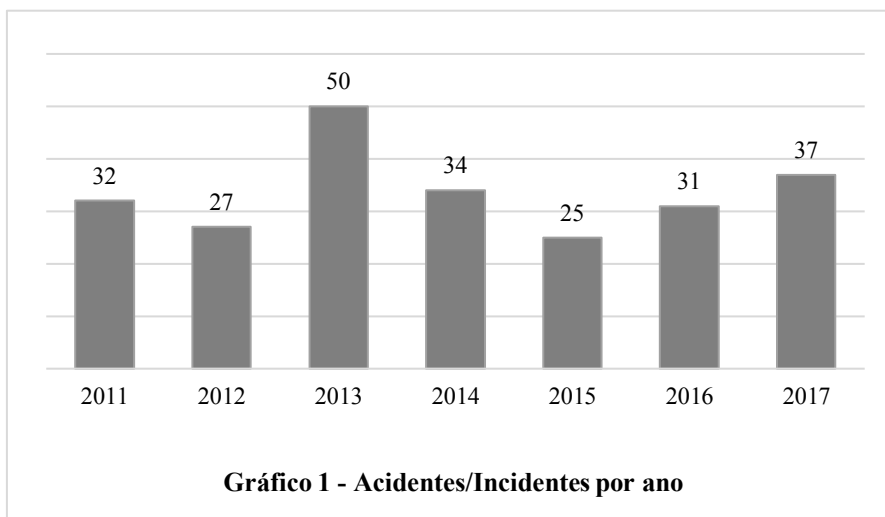
Como foi mencionado anteriormente a análise estatística deste estudo tem como base essencial a recolha da informação que se encontrava registada nas participações de acidentes/incidentes ocorridos no período de sete anos, 2011 a 2017, na organização Vale da Rosa. Esta foi efetuada através do Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) e os gráficos, que irão ser apresentados posteriormente, foram elaborados com o programa Excel.

Ao longo dos setes anos em que se baseia a análise foram contabilizados 246 sinistrados resultantes de 236 acidentes/incidentes de trabalho (**Apêndice I**) na entidade em questão. Tendo sido estudada a totalidade das ocorrências, considera-se que o estudo consiste num recenseamento. De seguida serão expostas as variáveis que foram observadas, e essas são:

- ▶ Número de sinistrados registados por ano;
- ▶ Género;
- ▶ Faixa etária;
- ▶ Nacionalidade;
- ▶ Meses, dia da semana e período do dia em que esses ocorreram;
- ▶ Categorias profissionais;
- ▶ Operações que executavam;
- ▶ Formas das ocorrências;
- ▶ Agentes materiais;
- ▶ Natureza das lesões;
- ▶ Localizações das lesões;
- ▶ Gravidade.

5.1.1. Número de acidentes/incidentes registrados por ano

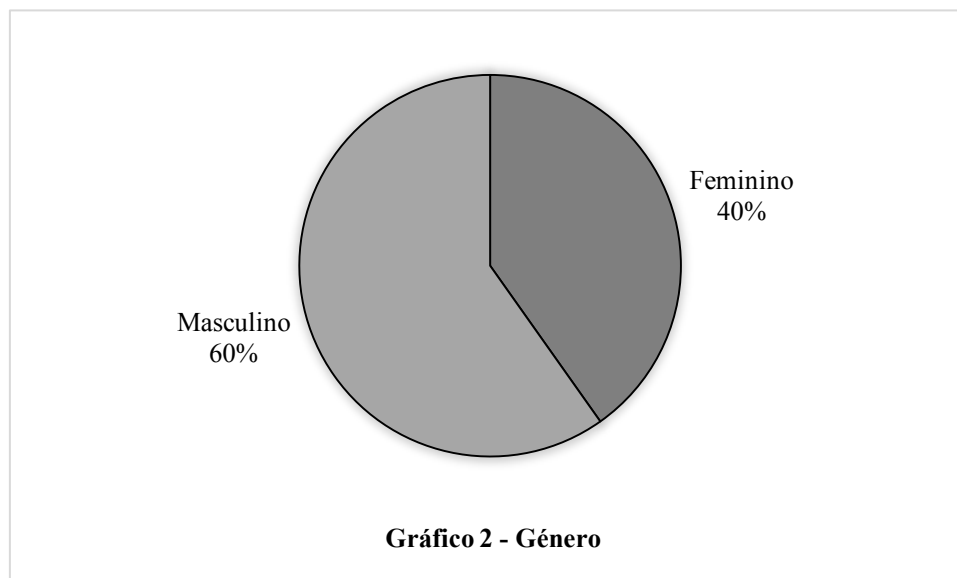
Relativamente ao número de acidentes/incidentes assinalados entre 2011 e 2017 inclusive, foram determinados 236 no total. No Gráfico 1 está representada a distribuição do número de ocorrências entre 2011 a 2017.



Como é possível observar, o ano de 2013 destaca-se nesse período de sete anos pelo maior número de acidentes/incidentes ocorridos na organização, equivalendo a 21% das ocorrências sucedidas nesse período. No primeiro ano observado, 2011, ocorreram 32 acontecimentos, sendo que em 2012 houve uma diminuição desses, aumentando no ano seguinte. Após 2013 também surgiu uma diminuição de sinistralidade na empresa, mas entre 2016 e 2017 resultou um crescimento dos acidentes de trabalho. Pode-se observar que em 2017 o número de acidentes de trabalho chegou às 37 ocorrências, ou seja, cerca de 16% dos eventos aludidos. O aumento e a diminuição do número de ocorrências ao longo dos anos mencionados advieram de fatores que posteriormente irão ser descritos.

5.1.2. Género

Na ocorrência de 236 acidentes/incidentes de trabalho sucedidos no Vale da Rosa, 246 indivíduos estiveram envolvidos nos mesmos. No Gráfico 2 estão expostos os sinistrados distribuídos por género, feminino e masculino.

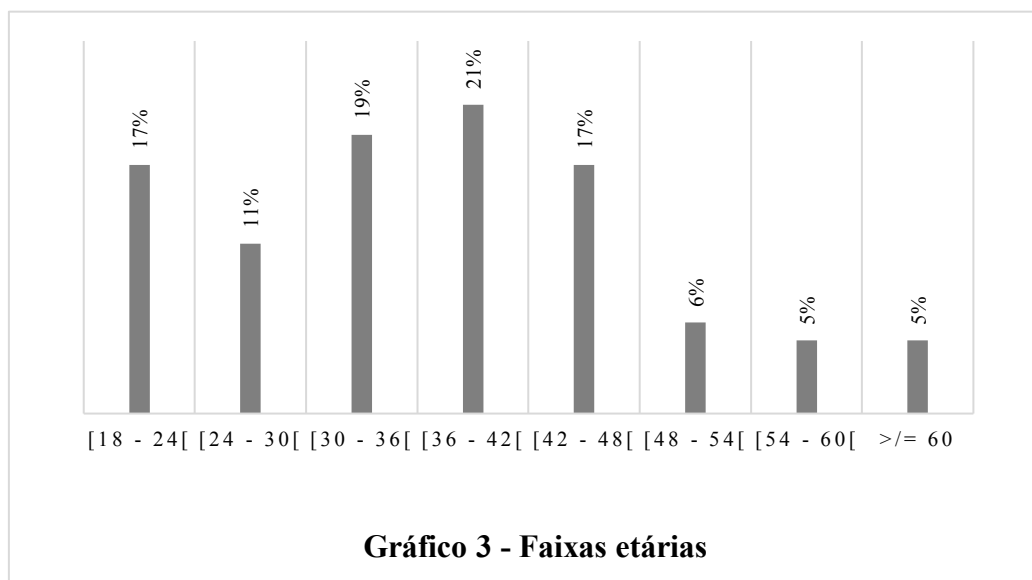


No gráfico é possível observar que os indivíduos do sexo masculino estiveram envolvidos em maior número em acidentes de trabalho do que o sexo feminino. Cerca de 147 trabalhadores homens sofreram acidentes/incidentes, enquanto que relativamente às trabalhadoras, foram 99 as envolvidas em ocorrências. Sendo os trabalhadores do sexo masculino os que são contratados em maior número, até pelo seu porte físico que lhes permite resistir melhor às condições em que se desenvolve a atividade agrícola e a sua penosidade, logo são os que estão envolvidos em maior número de acidentes de trabalho, comparativamente com as trabalhadoras, não se estranhando os resultados obtidos.

5.1.3. Faixa etária

Para o tratamento da variável idade procedeu-se ao agrupamento, em classes, dos dados recolhidos. Recorrendo à fórmula de Sturges como indicador do número adequado de classes, optou-se por distribuir os dados por 8. Nestas classes estão incluídas as idades desde os 18 anos, sendo a idade mínima que a empresa contrata, até aos 60 anos ou mais.

No Gráfico 3 encontram-se as várias faixas etárias de acordo com a percentagem de indivíduos envolvidos em acidentes/incidentes de trabalho ocorridos na organização.



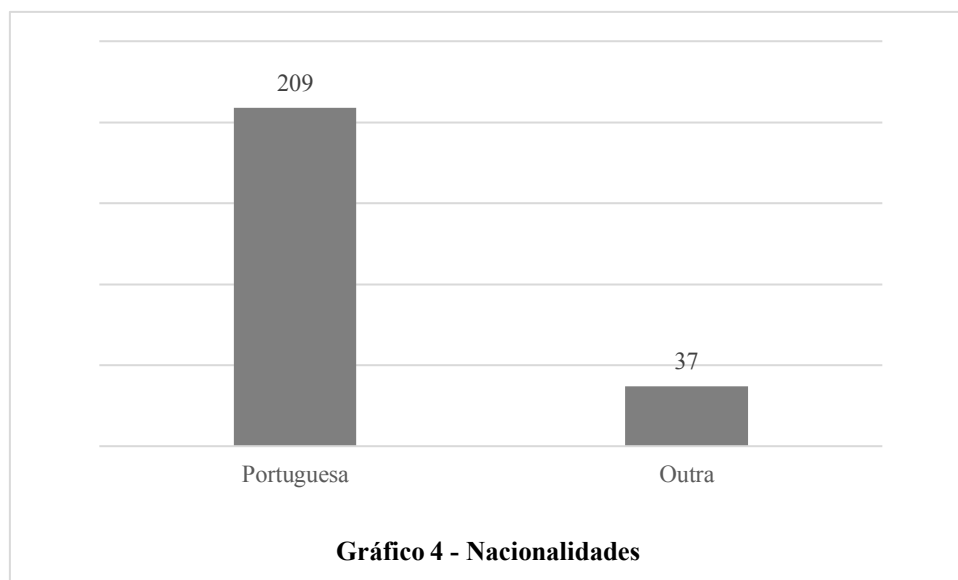
De acordo com a análise efetuada a faixa etária que se destaca relativamente aos acidentes ocorridos é a que compreende os 36 e os 41 anos. Esta classe destaca-se das outras com 21 % de ocorrências nessas idades, ou seja, dos 246 trabalhadores que sofreram acidentes, 51 tinham idades compreendidas entre os 36 e os 41 anos.

Também se destaca a classe 30 aos 35 anos, com 19% (46 indivíduos). Nas classes dos 18 aos 23 anos, e a dos 42 aos 47 anos registou-se o mesmo número de acidentes/incidentes, que corresponde a 17%. A partir dos 48 anos é possível observar-se um decréscimo no número de indivíduos que estiveram envolvidos em acidentes de trabalho.

5.1.4. Nacionalidades

Existem uma grande diversidade relativamente às nacionalidades dos trabalhadores no Vale da Rosa, mas à exceção da portuguesa, cada uma delas com pouca expressão. Optou-

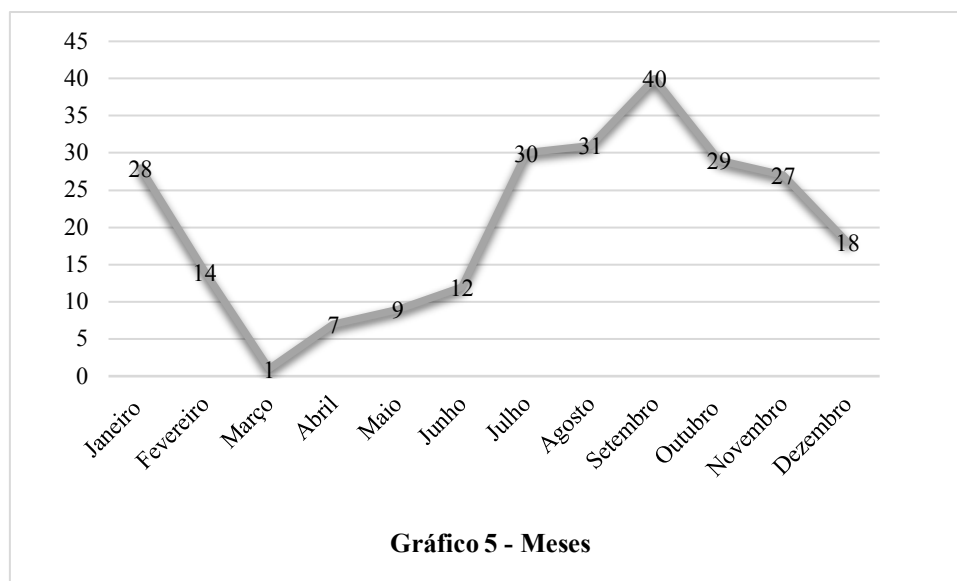
se então por categorizar a variável nacionalidade em “portuguesa” e “outra”. As outras nacionalidades observadas são: cabo verdiana; espanhola; guineense; moldava; romena; suíça; tailandesa; e ucraniana. No Gráfico 4 estão apresentadas as nacionalidades e o número de acidentados em cada uma delas.



Dos 246 indivíduos envolvidos em acidentes de trabalho na organização, 209 são de nacionalidade portuguesa, ou seja, cerca de 85% da população em estudo. Os restantes 37 trabalhadores são de diversas nacionalidades. No grupo “outra”, as que se destacam mais são a romena e a tailandesa. Da população dos acidentados a romena tem uma percentagem de 4%, enquanto a tailandesa tem de 2%.

5.1.5. Meses, dias da semana e períodos do dia

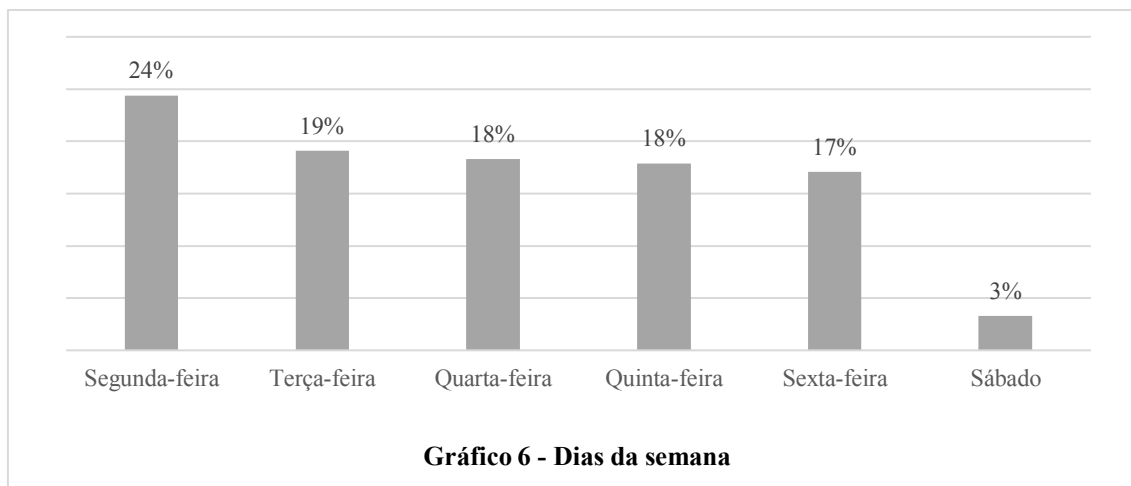
De acordo com os dados recolhidos no período de 2011 a 2017, e conforme os gráficos apresentados infra, efetuou-se uma análise relativamente aos meses do ano, tendo em consideração o número de trabalhadores envolvidos no acidentes/incidentes que ocorreram nesses meses, assim como nos dias da semana e no período do dia.



De acordo com o Gráfico 5, janeiro é um dos meses em que os indivíduos sofreram mais acidentes/incidentes de trabalho na empresa, cerca de 28. Após esse mês é possível analisar um decréscimo do número de sinistrados até março em que apenas teve um envolvido numa situação.

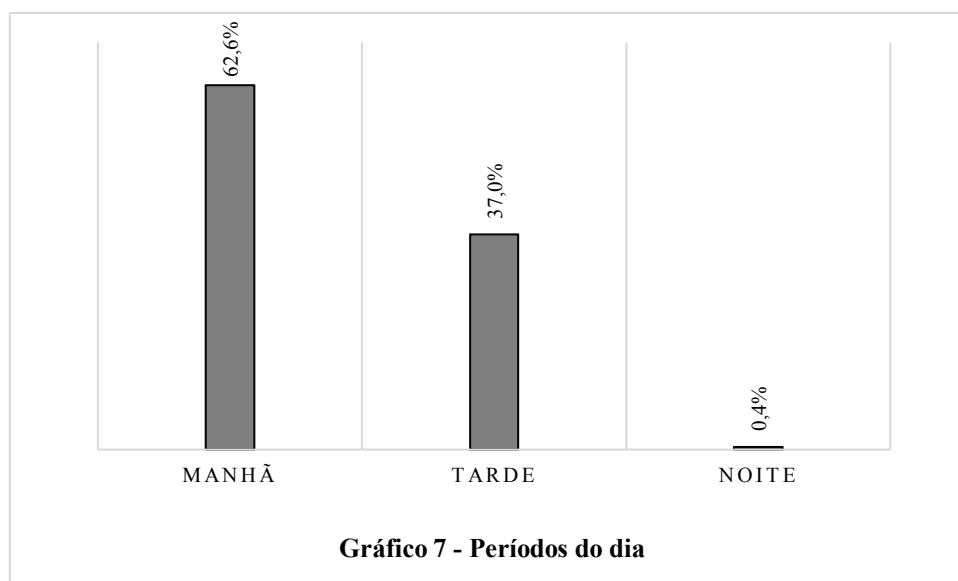
Após esse mês ocorreu um aumento relativamente ao número de trabalhadores abrangidos em ocorrências registadas durante os setes anos. Esse crescimento começou a destacar-se em julho, agosto e setembro. O último mês referido teve uma percentagem de 16% de acidentados, ou seja, 40 sinistrados. Para estes resultados contribuiu a operação que mais se desenvolve nos meses referidos, a colheita. Depois de Setembro ocorreu outra descida relativamente aos indivíduos envolvidos em acidentes.

No Gráfico 6 está representada a análise dos trabalhadores acidentados do Vale da Rosa relativamente aos dias da semana.



O primeiro dia da semana de trabalho, segunda-feira, é a que se realça dos restantes dias com 24%, ou seja, 60 trabalhadores acidentados. De terça-feira a sábado é possível examinar a quebra do número de indivíduos envolvidos em acidentes/incidentes de trabalho.

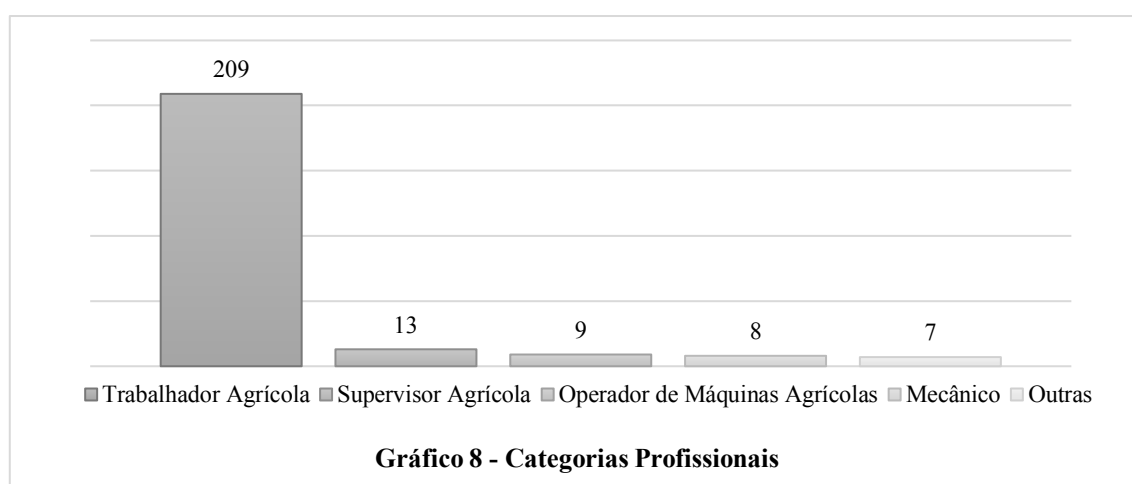
No Gráfico 7 está apresentado os dados comparativamente ao período do dia, em que estão exibidos os 246 sinistrados no intervalo de tempo de sete anos. Os períodos foram definidos de acordo com o horário de funcionamento dos trabalhadores agrícolas da Herdade Vale da Rosa, devido ao fato de serem os mais afetados em relação aos acidentes/incidentes de trabalho, em que posteriormente essa análise irá ser exposta. O período da manhã vai desde as 06 horas e 30 minutos até às 12 horas, sendo esta o início da hora de almoço. O período da tarde começa às 13 horas e vai até às 18 horas e 30 minutos, pois em altura de colheita são feitas algumas horas extras de trabalho. O período da noite é entre a última referida e as 06 horas e 30 minutos.



O período da manhã é o mais acentuado com 62,6% de trabalhadores envolvidos em acidentes na organização, 154 indivíduos. O período da tarde tem uma descida, sendo a percentagem de 37%, 91 acidentados, enquanto no período da noite apenas foi registada uma ocorrência.

5.1.6. Categorias profissionais

De acordo com os dados recolhidos no período referenciado anteriormente, o Gráfico 8 apresenta a distribuição do número de sinistrados por categoria profissional.



No Gráfico 8 está bem nítido qual a categoria profissional com maior número de acidentes de trabalho. A esmagadora maioria dos acidentes envolveram indivíduos pertencentes à categoria dos trabalhadores agrícolas (85%). Dos 246 indivíduos que estiveram envolvidos em acidentes no Vale da Rosa, 209 pertencem à categoria referida, e que respeitam aos menos qualificados.

A categoria de “Supervisor Agrícola” é a segunda mais alta relativamente a acidentes de trabalho, com um percentual de 5,3%. Segue a de “Operador de Máquinas Agrícolas” com 3,7% e “Mecânico” com 3,3%.

A categoria profissional de “Outras” tem uma proporção mais baixa (2,8%), correspondendo a 7 colaboradores, em que estão incluídas assessora de administração, assistente administrativo, responsável de apoio e manutenção e o responsável de armazém.

5.1.7. Operações

São diversas as operações realizadas na empresa Vale da Rosa, sendo descritas precedentemente no enquadramento teórico. No Gráfico 9 estão representadas as várias operações realizadas em que ocorreram acidentes/incidentes de trabalho, na organização e fora dela, pois também estão incluídos acidentes *in itinere*.

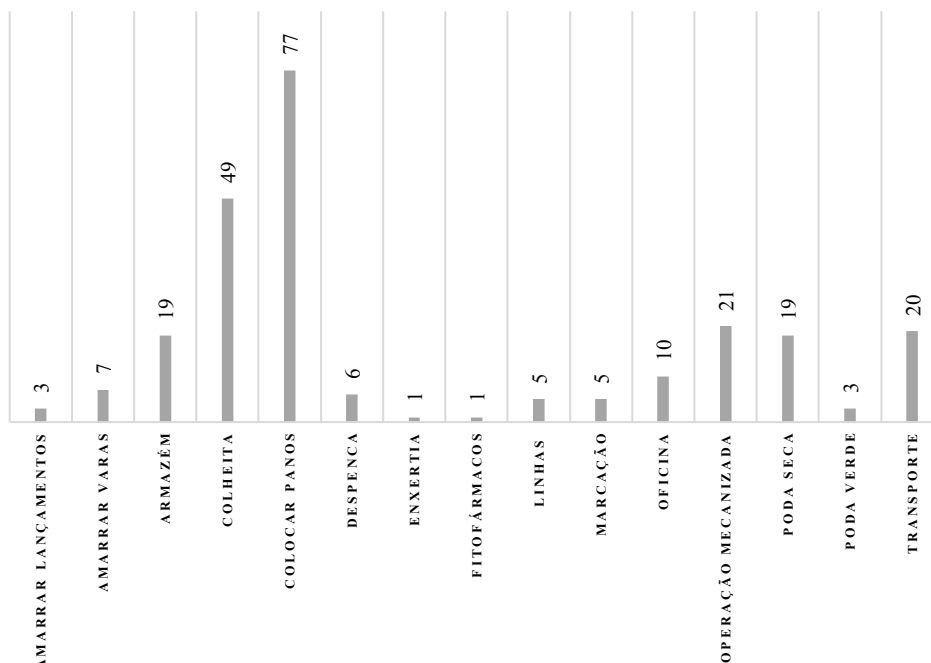


Gráfico 9 - Operações

A operação “colocar panos” foi a que teve mais incidência. Cerca de 77 indivíduos estiveram envolvidos em acontecimentos que acabaram por resultar em acidente de trabalho. A colheita também foi uma operação em que ocorreram um grande número de acidentes envolvendo 49 trabalhadores.

Na operação mecanizada tiveram acidentes/incidentes cerca de 21 trabalhadores e no transporte foram cerca de 20. As operações de armazém e poda seca apresentaram o mesmo número. As que tiveram menos indivíduos envolvidos em ocorrências foram as tarefas de marrar lançamentos, enxertia, fitofármacos e poda verde, variando ente 1 a 3.

5.1.8. Formas das ocorrências

Quando às distintas formas que podem ocorrer acidentes/incidentes de trabalho, no Gráfico 10 estão representadas as formas dos diversos acontecimentos sucedidos na organização.

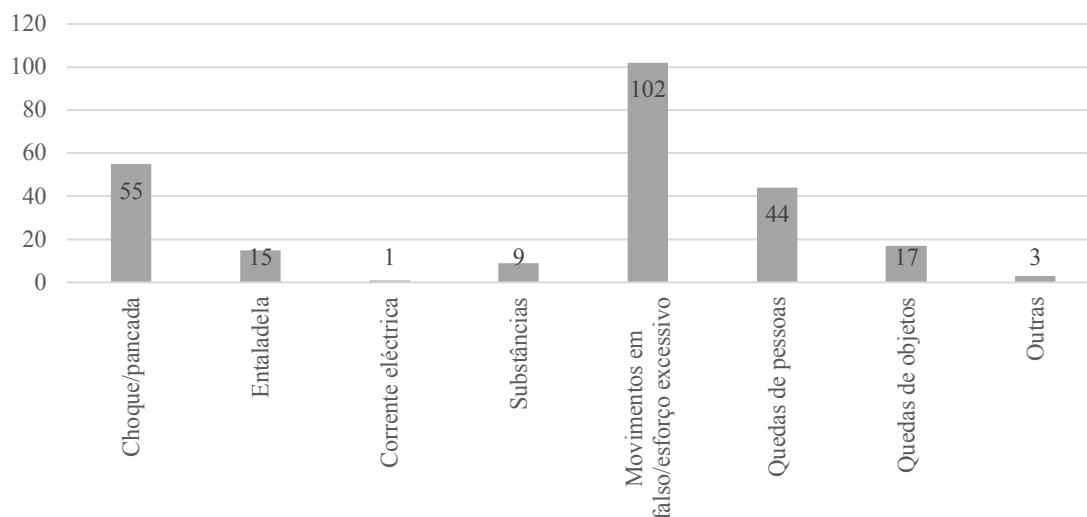


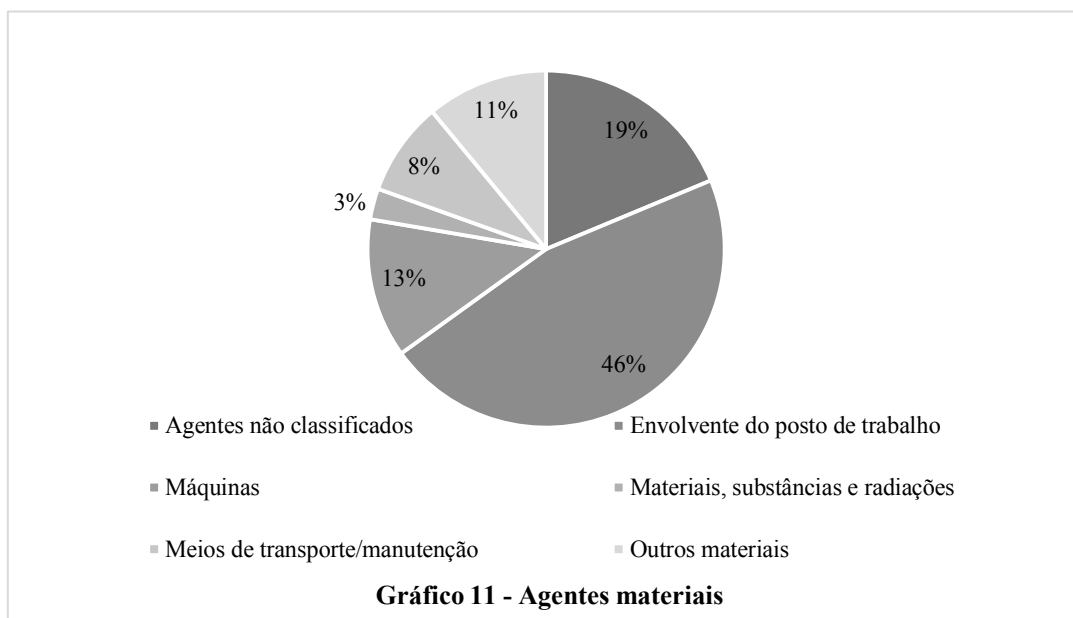
Gráfico 10 - Formas das ocorrências

Dos 246 sinistrados, 102 indivíduos sofreram acidentes/incidentes no Vale da Rosa devido a movimentos em falso ou esforço excessivo, o que corresponde a uma percentagem de 41,5%. O choque contra/pancada por objetos foi outra forma de ocorrência com um número elevado, sendo 55 trabalhadores a estarem envolvidos. A queda de pessoas também é uma forma de acidente comum na organização com 44 indivíduos.

A forma de ocorrência com menor número de indivíduos envolvidos é a de exposição a/ou contacto com corrente eléctrica, abarcando apenas 1 trabalhador. Sucederam outras formas de ocorrências em que não estavam descritas na Classificação de Acidentes de acordo com a conferência da Organização Internacional do Trabalho.

5.1.9. Agentes materiais

Quase todos os acidentes/incidentes são provocados por agentes materiais e neste ponto irão ser analisados todos os que provocaram ocorrências na entidade no período de sete anos. No Gráfico 11 estão representados os dados de todos os agentes.



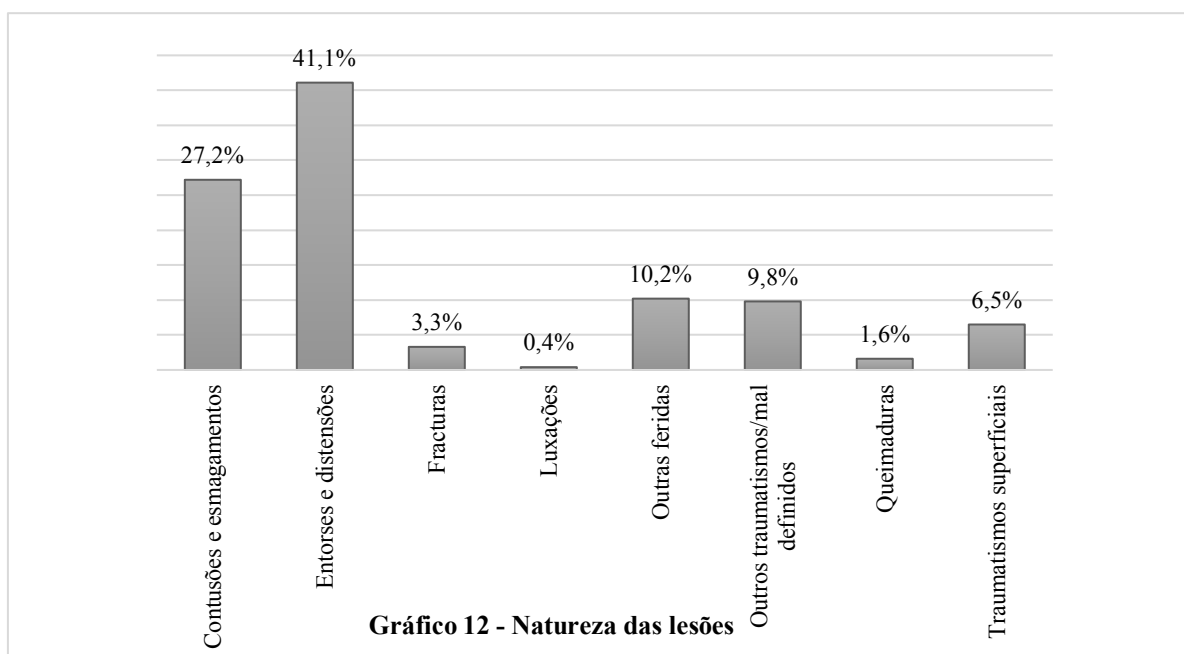
Como é possível observar o agente material que instigou mais acidentados foi o “envolvente do posto de trabalho”, cerca de 46%. Ou seja, 114 trabalhadores da Herdade Vale da Rosa sofreram ocorrências devido ao ambiente em que se encontravam, tanto no campo como no armazém. Quanto aos “agentes não classificados”, foram cerca de 19% da população dos acidentados, e esses agentes que não estão classificados noutra parte ou então por insuficiência de dados são as tesouras, as paletes, as caixas vazias e as caixas de uva. Na categoria designada como “máquinas” são enquadradas todas as máquinas agrícolas e as suas alfaías, empilhadores e stackers, também foram dos agentes que mais incitaram acidentes de trabalho, com uma percentagem de 13%, 31 trabalhadores estiveram envolvidos em ocorrências com máquinas.

A categoria designada por “outros materiais” engloba escadas, escadotes e cadeiras de ferro. Estes materiais foram as causas para as ocorrências que envolveram 27 colaboradores, mas por outro lado, os materiais, substâncias e radiações e os meios de

transporte/manutenção tiveram número reduzidos. A primeira conta com 3% dos acidentados, enquanto o segundo com 8 %.

5.1.10. Natureza das lesões

Neste ponto são expostas todas as lesões sofridas pelos trabalhadores da entidade em questão entre 2011 e 2017, derivadas dos acidentes/incidentes de trabalho. No Gráfico 12 estão as percentagens das mesmas.



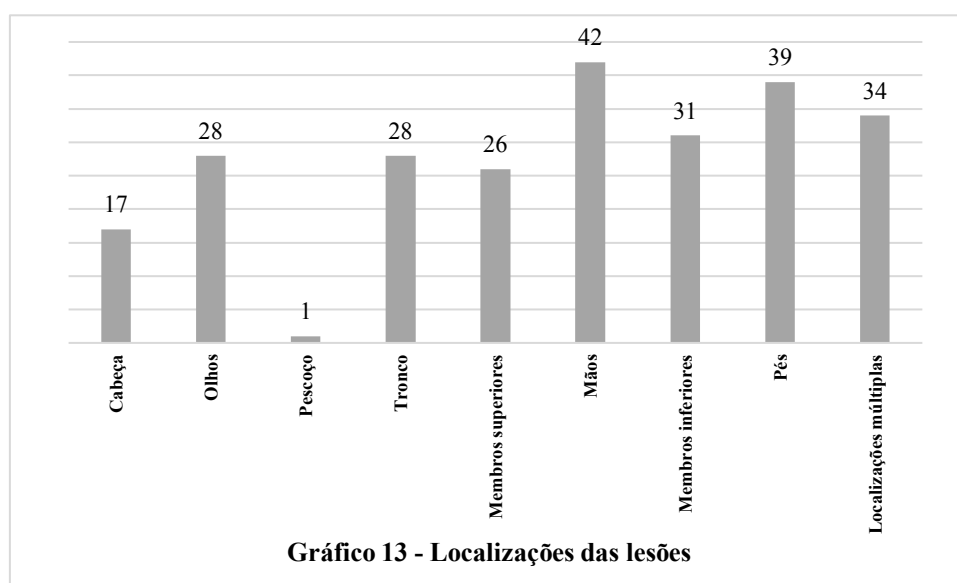
As ocorrências que deram origem a entorses e distensões foram as que se sucederam em maior percentagem, 41,1%, nomeadamente foram 101 colaboradores que sofreram esses tipos de lesão. As contusões e esmagamentos foram as segundas lesões mais sofridas, cerca de 27,2%.

As lesões consideradas “outras feridas” e os “outros traumatismos/mal definidos” estão bastante equiparados relativamente às suas percentagens. A primeira lesão tem cerca de 10,2%, o que corresponde a 25 trabalhadores lesados, e a segunda com 9,8%,

correspondendo a 24 indivíduos. Os traumatismos superficiais, fraturas, luxações e queimaduras têm um menor número de sinistrados, sendo que a lesão “luxações” tem uma percentagem mínima de 0,4 %.

5.1.11. Localizações das lesões

De acordo com os dados recolhidos no período de 2011 a 2017, realizou-se uma análise relativamente às localizações das lesões. No Gráfico 13 estão expostas todas as localizações das lesões sofridas pelos 246 trabalhadores do Vale da Rosa ao longo dos setes anos analisados.



A principal zona afetada, de acordo com a análise realizada, foi as mãos. Foram 42 colaboradores (17,1%) que padeceram de lesões nessa área do corpo, uma vez que é a zona do corpo que está em contato direto com a maioria das atividades desenvolvidas na Herdade Vale da Rosa. Seguidamente os pés foram os segundos mais afetados com 39 indivíduos lesados, cerca de 15,9 %. Dos 246 trabalhadores, 34 sofreram lesões em diversas localizações e 31 nos membros inferiores.

Quando se analisa as lesões “olhos” e “tronco” conclui-se que afetaram o mesmo número de indivíduos (28). Os membros superiores também tiveram um número significativo, pois ainda foram 26 trabalhadores a sofrer lesões nessa localização. Foram poucos os

indivíduos analisados que suportaram lesões na cabeça e no pescoço. Na primeira zona foram cerca de 17 e na segunda apenas uma pessoa.

5.1.12. Gravidade dos acidentes/incidentes de trabalho

Relativamente à gravidade dos acidentes, não existe uma definição oficial para os vários tipos. Um dos tipos de gravidade é o acidente mortal e nesta análise foram identificados os acidentes graves a partir da “natureza das lesões” (Autoridade das Condições de Trabalho, 2015) e de acordo com a seguinte listagem foram:

- ▶ Qualquer fratura à exceção dos dedos das mãos ou dos pés;
- ▶ Amputação de braço, mão, dedo, perna e pé;
- ▶ Perda temporária ou permanente da visão;
- ▶ Lesão na cabeça ou no tronco que provoquem danos cerebrais ou nos órgãos internos do peito/abdómen;
- ▶ Qualquer queimadura/escaldão que atinja mais de 10% do corpo ou provoque danos significativos nos olhos, sistema respiratório ou órgãos vitais;
- ▶ Qualquer grau de lesão do couro cabeludo que requeira tratamento hospitalar;
- ▶ Perda de consciência causada por lesão na cabeça ou asfixia;
- ▶ Qualquer outro dano que conduza à hipotermia, hipertermia ou perda de consciência que implique reanimação.

Os acidentes leves foram considerados todos aqueles em que a lesão sofrida pelos sinistrados não estava incluída na listagem referenciada anteriormente. No caso do incidente de trabalho, esse foi considerado um acontecimento ou dano repentino que reduziu as margens de segurança existentes, como por exemplo dano numa mercadoria ou picada de insetos. Este tipo pode dar origem a um ou a vários acidentes.

Após a análise exaustiva de todos os acidentes/incidentes de trabalho ocorridos entre 2011 e 2017 inclusive, foi possível com os dados recolhidos identificar a gravidade de cada um deles. No Gráfico 14 estão distribuídos os 246 trabalhadores da organização mencionada pelo grau de gravidade dos acidentes sofrido.

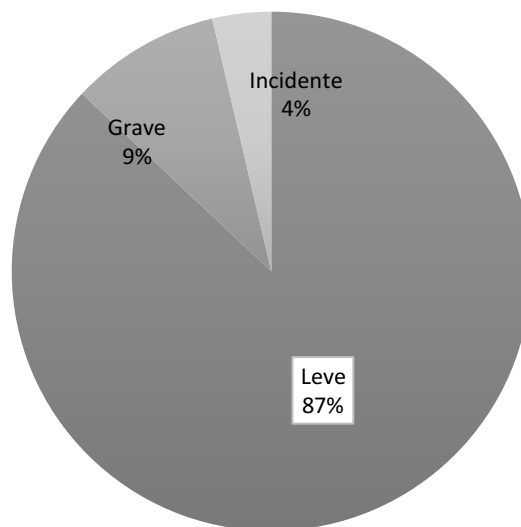


Gráfico 14 - Gravidade das ocorrências

De acordo com o gráfico anteriormente apresentado, é possível observar-se que os acidentes/incidentes considerados leves tem um grande número de indivíduos, nomeadamente 87,0 % dos trabalhadores padeceram de acidentes pouco graves. Os indivíduos que estiveram envolvidos em acidentes graves foram cerca de 23, enquanto nos incidentes apenas 9.

5.2. Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde no Trabalho

Após a análise dos dados provenientes das participações de acidentes/incidentes de trabalho da Herdade Vale da Rosa relativamente aos anos entre 2011 e 2017 inclusive, foi concebido um manual de boas práticas na área de segurança e saúde no trabalho adaptado à organização (**Apêndice II**). O objetivo desse manual, e como foi dito anteriormente, é auxiliar e facilitar a entidade relativamente aos assuntos dessa área. Consiste em oferecer todas as informações imprescindíveis, fundamentadas no enquadramento legal da Lei 102/2009, de 10 de setembro, e nos documentos facultados para a consulta e para o preenchimento obrigatório. A estrutura do manual mencionado consiste nos seguintes pontos:

Introdução	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Referência à Lei 102/2009, de 10 de Setembro; ▶ Quais os ramos em que lei é empregada e a quem compete averiguar o cumprimento; ▶ Objetivo da criação do manual.
Obrigações do empregador	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Conceito de empregador; ▶ Todas as obrigações do empregador relativamente à segurança e higiene no trabalho.
Obrigações do trabalhador	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Conceito de trabalhador; ▶ Todas as obrigações do trabalhador relativamente à segurança e saúde no trabalho.
Fichas	<ul style="list-style-type: none"> ▶ Fichas de consulta; ▶ Fichas de preenchimento obrigatório; ▶ Folheto informativo.

Quadro 3 – Manual de Boas Prática em SST

Na introdução do Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde no Trabalho é mencionada que a Lei n.º 102/2009, de 10 de setembro, alterada e republicada pela Lei n.º 3/2014. De 28 de janeiro, e que aprova regime jurídico da promoção da segurança e saúde no trabalho estabelecendo os requisitos mínimos para a implementação de uma cultura de prevenção nas instituições através da organização dos serviços de segurança e saúde no trabalho (SST), obrigações dos empregadores e trabalhadores, entre outras. Nos termos do artigo 3.º da referida Lei, esta aplica-se a “todos os ramos de atividade, nos setores privados ou cooperativo e social”, “trabalhador por conta de outrem e respetivo empregador” e “ao trabalhador independente”, sendo a Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) a entidade estatal responsável por fiscalizar o cumprimento de todas a

obrigações e normas pelos indivíduos indicados. É também descrito na introdução o objetivo do manual, sendo esse relatado precedentemente.

Após a introdução está descrito o conceito de empregador (artigo 4.º) e mencionadas as obrigações que compete ao mesmo, nos termos do artigo 15.º da Lei 102/2009. Uma vez que a Herdade Vale da Rosa trabalha em simultâneo com diferentes empresas externas, nomeadamente empresas de consultadoria e de prestação de serviço temporário, no artigo 16.º da Lei n.º 102/2009 é mencionada a responsabilidade solidárias de todas as entidades presentes nos locais comuns e a obrigação de cooperarem entre si na implementação das medidas adequadas para a proteção e segurança dos trabalhadores de cada uma das entidades presentes. Também está exposto o artigo 18.º que consiste na consulta, informação e informação aos trabalhadores, pois compete ao empregador consultar os representantes dos trabalhadores, ou na falta desses os próprios trabalhadores, relativamente à segurança e saúde na organização. De seguida está referido o conceito de trabalhador nos termos do artigo 4.º e as suas obrigações (artigo 17.º da Lei n.º 102/2009). Foi também exposto o artigo 19.º sobre o tipo de informação e o momento que a mesma deve ser transmitida aos trabalhadores, sendo um direito destes.

Na parte das fichas estão incluídas todas as que servem de consulta ao empregador e aos trabalhadores, e as que são de preenchimento, servindo para melhorar/manter a segurança e saúde de todos os colaboradores da organização mencionada. Ao longo das obrigações do empregador e do trabalhador foi inserida a informação para a consulta da ficha X, sendo essa relacionada com o assunto que está referenciado. No total são 15 fichas de consulta/preenchimento e um folheto informativo, sendo essas:

- **Ficha 1** – consulta sobre os riscos profissionais na atividade da empresa, viticultura. Mesmo com a pouca bibliografia sobre o tema foi possível construir esta ficha, estando mais direcionada para os trabalhadores agrícolas, ou seja, os indivíduos que executam as suas atividades na vinha;
- **Ficha 2** – consulta e consiste no resumo da Avaliação de Riscos Profissionais executada em 2017 por uma empresa externa que presta serviços de segurança e saúde no trabalho. Nesse resumo apenas estão inseridos os riscos, e as suas respetivas medidas de prevenção, com nível de controlo III (situação a melhorar)

e nível II (situação a corrigir);

- ▶ **Ficha 3** – preenchimento relativamente às condições de trabalho dos locais/postos de trabalho em que todos os trabalhadores estão inseridos. Esta é constituída pelos seguintes pontos: vigilância da saúde, equipamentos de trabalho, armazenamento e utilização de fitofármacos, zona de armazenagem, instalações sociais e primeiros socorros, várias. Esta ficha foi elaborada pela ACT, mas adaptada à organização;
- ▶ **Ficha 4** – preenchimento e indicada aos postos de trabalho dotados de visor, ou seja, adequada aos trabalhadores que realizam a atividade laboral no escritório. Esta consiste na verificação dos postos de trabalho com essa característica, servindo para averiguar se têm todas as medidas de prevenção/proteção adequadas para a diminuição ou eliminação dos riscos profissionais desses postos. Esta ficha de verificação foi realizada pela ACT e ajustada à entidade;
- ▶ **Ficha 5** – consulta e compreende numa ficha de segurança de tratores e máquinas agrícolas. É destinada a todos os manobreadores que realizam tarefas com as mesmas e foi elaborada pela ACT e adaptada às máquinas que se utilizam no Vale da Rosa;
- ▶ **Ficha 6** – preenchimento e apropriada a todas as máquinas manobradas na organização. É uma ficha de verificação diária, tendo como objetivo o bom funcionamento das mesmas e detetando os problemas a tempo. Foi executada de acordo com as máquinas que são operadas na entidade;
- ▶ **Ficha 7** – consulta e consiste numa ficha de segurança de empilhadores de garfos, uma das várias máquinas manobradas na herdade. É destinada a todos os manobreadores de empilhadores e foi realizada pela ACT e conformada à organização;
- ▶ **Ficha 8** – consulta e indicada aos trabalhadores em que os seus postos de trabalho são dotados de visor. É uma ficha de segurança onde estão indicados os riscos

desse posto e as medidas de prevenção para evitar esses. Foi concebida pela ACT e adaptada à entidade;

- ▶ **Ficha 9** – consulta sobre as medidas de prevenção e proteção em viticultura e mesmo com a pouca bibliografia existente foi possível conceber. Está direcionada para os trabalhadores agrícolas e manobreadores de máquinas agrícolas;
- ▶ **Ficha 10** – consulta e consiste no que o estojo de primeiros socorros deve conter e a localização desse;
- ▶ **Ficha 11** – consulta e abrange as formações que os trabalhadores da Herdade Vale da Rosa devem ter no âmbito da segurança e saúde no trabalho. Em cada uma delas está descrito a duração, a quem se destina e no que consiste;
- ▶ **Ficha 12** – consulta sobre os equipamentos de proteção individual (EPI). Nesta estão inseridas as tarefas, os riscos associados e o EPI recomendados. Foi desenvolvida pela empresa que presta serviço de segurança e saúde no trabalho;
- ▶ **Ficha 13** – preenchimento obrigatório na ocorrência de acidente grave ou mortal. É uma minuta concebida pela ACT que se encontra no site dessa, sendo de fácil preenchimento;
- ▶ **Ficha 14** – preenchimento obrigatório na ocorrência de acidentes de trabalho ou quase acidentes. É de grande importância serem registados todos acidentes de trabalho dentro de uma organização, mesmo que seja uma quebra de tensão. Com o registo de todos é possível prevenir a ocorrência de acidentes na entidade;
- ▶ **Ficha 15** – preenchimento e consiste na consulta aos trabalhadores. O empregador, pelo menos uma vez por ano, tem de consultar os responsáveis dos trabalhadores, ou os próprios trabalhadores na falta de representante, sobre diversos assuntos envolvendo a segurança e saúdes desses. Esta ficha teve com base outras, mas adaptada ao Vale da Rosa;
- ▶ **Folheto informativo** tem como objetivo a prevenção de acidentes/incidentes de trabalho, nomeadamente por trabalhadores agrícolas. Este é para ser entregue na admissão dos colaboradores e contem as operações de campos, os principais riscos

profissionais e medidas de prevenção e proteção. Foi realizado de acordo com a bibliografia disponível.

Este Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde no Trabalho foi criado com o intuito de ser possível diminuir o número de acidentes/incidentes de trabalho na Herdade Vale da Rosa. Pode ser alterado de acordo com o crescimento da organização e é possível acrescentar mais fichas de consulta e de preenchimento que seja necessárias para a concretização do objetivo proposto.

6. Considerações finais e trabalhos futuros

6.1. Considerações finais

Sendo que Portugal é um dos países que tem uma das taxas mais elevada na Europa, relativamente à sinistralidade laboral, e devido ao novo tipo de agricultura e às novas técnicas que essa exige, foi de grande importância realizar uma análise de acidentes/incidentes de trabalho num dos ramos mais produtivos no Baixo Alentejo, a viticultura. A organização elegida para a concretização desta investigação foi o Vale da Rosa, pois é uma das mais prestigiadas organizações, a nível regional e a nível nacional, sendo conhecida pela sua produção de uva sem grainha.

A entidade anteriormente mencionada conta com uma área de produção de 250 hectares, perto de Ferreira do Alentejo, e a estrutura da vinha foi uma das primeiras a ser instalada em Portugal. O Vale da Rosa também é conhecido pelo número de contratações que efetua, principalmente em época de colheita (entre julho e outubro), ultrapassando os 800 trabalhadores agrícolas. Com um grande número de colaboradores a executar as operações de campo, por vezes as tarefas não ocorrem como deviam, dando origem a acidentes ou incidentes durante o período laboral.

Foi importante executar uma análise dos acidentes/incidentes ocorridos nessa grande organização. Por um lado existe pouca bibliografia relativamente sobre a sinistralidade na agricultura, especificamente em viticultura e com uma estrutura da vinha sem ser a tradicional. Por outro, foi relevante efetuar essa análise com o intuito de sistematizar as causas comuns para a ocorrência dos acidentes de trabalho, tanto para a organização Vale da Rosa como para as outras que se começam a desenvolver com a mesma estrutura e produção.

Contando que todos os processos, condutas e estratégias dentro de uma organização exigem o melhor para essa, após a análise dos dados recolhidos das participações dos acidentes/incidentes de trabalho sucedidos entre 2011 e 2017 inclusive, é importante destacar alguns aspetos. A análise documental realizada às participações referidas e a

Avaliação de Riscos Profissionais, executada em 2017 por uma entidade externa que presta serviços de segurança e saúde no trabalho, foram fundamentais para que a mestranda compreendesse e desse resposta relativamente à sinistralidade da Herdade Vale da Rosa. Posteriormente à utilização do método de investigação mencionado, e com a aplicação do SPSS para efetuar a observação dos dados, procede-se a um balanço entre as aprendizagens adquiridas nas várias unidades curriculares do mestrado com os resultados dos dados obtidos, e o alinhamento dos objetivos previamente estabelecidos.

Na análise em questão foram observados 236 acidentes/incidentes de trabalho na organização, envolvendo 246 colaboradores. De acordo com a investigação, foi em 2013 que ocorreu o maior número de sinistralidade no Vale da Rosa, correspondendo a 50 acidentes/incidentes. O último ano analisado, 2017, obteve um número relativamente grande, contando com 37 ocorrências, e tendo tido como influência o aumento significativo do número de trabalhadores, chegando a mais de 800 colaboradores em época de colheita.

Nesta dissertação foram propostos objetivos com o propósito de os alcançar e dar resposta a esses. Um dos objetivos específicos foi “identificar os acidentados através dos dados de identificação”. Relativamente ao género da população dos 246 acidentados, 147 indivíduos são do sexo masculino, sendo que os restantes (99) são do sexo feminino. Não é possível afirmar que a diferença entre géneros foi devido às contratações feitas pela organização, pois não foi exequível a aquisição dessa informação, mas de acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE, 2016) pode-se afirmar que a percentagem dos homens envolvidos na agricultura é superior ao das mulheres.

Na análise da faixa etária foi possível observar-se que os colaboradores envolvidos em acidentes com idades entre os 30 e os 47 anos foram os que estiveram mais envolvidos em ocorrências. Também não foi possível a obtenção de dados na empresa relativamente à faixa etária dos trabalhadores contratados, mas segundo o INE (2016) a mão-de-obra agrícola com mais incidência é entre os 35 e os 55 + anos.

A agricultura em Portugal tem vindo a crescer ao longo dos anos, principalmente na região do Alentejo, como esse crescimento também aumentou a número de emprego nessa área com a construção de novas organizações agrícolas, e ainda o número de

trabalhadores estrangeiros. No estudo foram caracterizadas as variáveis por “portuguesa” e “outras”, porque o número de acidentados estrangeiros foi reduzido. A Herdade Vale da Rosa contou, e ainda conta com uma grande diversidade de nacionalidades, mas em relação aos trabalhadores que tiveram mais acidentes/incidentes de trabalho os portugueses foram os que estiveram mais envolvidos, correspondendo a 209 da população em análise. É do conhecimento geral que a entidade tem vindo a contratar bastante mão-de-obra estrangeira, nomeadamente indivíduos de nacionalidade tailandesa, mas com a carência de dados relativamente à mão-de-obra e à nacionalidade não é possível executar uma comparação entre essas duas variáveis.

Na análise das categorias profissionais comprovou-se que a categoria “trabalhadores agrícolas” foi a que obteve o maior número de sinistrados, correspondendo a 209 trabalhadores, e é fundamentado porque a maioria das contratações realizadas pela organização é para a categoria de trabalhador agrícola. Todos os trabalhadores contratados para essa realizam todas as operações de campo. Sendo assim, e como resposta ao objetivo mencionado, a população de sinistrados em estudo foi em grande generalidade homens, com idades entre os 30 e os 47 anos, de nacionalidade portuguesa e pertencentes à categoria de trabalhador agrícola.

Outro objetivo indicado foi “assinalar no tempo (mês, dia da semana e período do dia) a ocorrência de acidentes/incidentes” de trabalho. Relativamente aos meses, foi possível observar-se número relevantes entre julho e outubro, no total de 130 trabalhadores envolvidos em acidentes/incidentes de trabalho ao longo dos sete anos em estudo. Como foi referido anteriormente, entre esses meses é realizada a colheita da uva na Herdade Vale da Rosa e a contratação de colaboradores para a realização dessa tarefa, tendo tido influência no número de sinistralidades nesse período.

Na análise da variável “dias da semana”, observou-se que entre 2011 e 2017 ocorreu um número elevado de sinistrados à segunda-feira, nomeadamente 60 trabalhadores dos 246 em análise. Após esse dia existe um decréscimo gradual dos envolvidos em acidentes. De acordo com a variável “períodos do dia” examinou-se uma maior tendência para a ocorrência de sinistralidade no período da manhã, correspondendo a 154 trabalhadores, sendo que no período da tarde o número de acidentados foi um pouco elevado, designadamente 91 acidentados. Não existe qualquer informação para haver uma

comparação entre a ocorrência de acidentes/incidentes, o dia de semana e o período do dia. Com este estudo foi possível concluir que a sinistralidade da empresa ocorre entre julho e outubro, no decorrer da colheita, e uma maior tendência para ocorrerem no primeiro dia da semana de trabalho e no período da manhã.

Nesta dissertação foram descritas todas as operações executadas na Herdade Vale da Rosa, e uma das análises efetuadas foi identificar as operações em que os trabalhadores sofreram acidentes/incidentes de trabalho. Nesta observou-se que a operação “colocar panos” foi onde os acidentados sofreram mais acidentes. Esta operação tem um risco elevado pois estão incluídos agentes materiais com alguma perigosidade e ainda a existência de pessoas a realizar a tarefa em altura. Foram 77 colaboradores a sofrer ocorrências entre 2011 e 2017, e de acordo com a Avaliação de Riscos Profissionais executada por uma empresa externa no último ano, esta atividade no geral tem um nível de controlo entre III (situação a melhorar) e IV (melhorar se possível, justificando a intervenção). Uma operação que envolve máquinas e indivíduos em cima de escadotes ou cadeiras de ferro, e ainda tendo um número elevado de sinistralidade, deveria ser considerada de nível II porque é uma situação crítica em que deveriam ser adotadas medidas de controlo. A operação denominada de “colheita” teve um número de 49 sinistrados, pois esta é influenciada pelo número de contratações realizadas na altura em que esta decorre.

Um dos vários objetivos específicos foi “detetar qual foi a forma do acidentes/incidentes”. A análise da variável “formas de ocorrências” foi executada de acordo com a 10.^a Conferência Internacional dos Estatísticos do Trabalho, em 1962, continuando em vigor, e que adota os critérios para a classificação de acidentes, sendo seguido pela União Europeia e pelos Estados Membros. Nesta comprovou-se que a forma com mais trabalhadores envolvidos foi “movimentos em falso/esforço excessivo, correspondendo a 102 acidentados. Uma possível influência para os acontecimentos envolvendo movimentos em falso poderá ser o meio envolvente em que se encontravam os trabalhadores, pois a organização Vale da Rosa conta com 250 hectares de produção de uva de mesa, e sendo de conhecimento geral, o solo agrícola por vezes é bastante irregular. Outra hipótese poderá ser manuseamento dos equipamentos de trabalho, como por exemplo as tesouras de poda. Relativamente ao esforço excessivo, poderá ter tido

influência o carregamento de caixas de uvas, pois é uma prática comum executada por os colaboradores da entidade.

Outro objetivo específico foi “constatar quais foram os agentes materiais” que provocaram os acidentes/incidentes de trabalho ocorridos na Herdade Vale da Rosa entre 2011 e 2017. De acordo com o estudo da variável “agentes matérias”, e em conformidade com a 10.^a Conferência Internacional de Estatísticos do Trabalho, o “envolvente do posto de trabalho” foi o que provocou grande fração das ocorrências na organização, cerca de 46% da população em estudo. Como foi descrito precedentemente, o ambiente que grande parte dos trabalhadores estão envolvidos, nomeadamente no campo, poderá ter sido uma das causas para a ocorrência da sinistralidade laboral.

O último objetivo específico delimitado foi “assinalar as naturezas das lesões e as suas localizações”. A primeira variável a ser observada em relação ao objetivo mencionado foi “natureza das lesões” e foi possível observar-se que as entorses e as distensões foram as lesões mais comuns como consequência dos acidentes/incidentes de trabalho ocorridos no Vale da Rosa. Foram cerca de 41,1% da população acidentada. Com base nessa análise e com as “formas das ocorrências” é possível concluir que a primeira mencionada foi consequência dos “movimentos em falso/esforço excessivo. A variável “localizações das lesões” comprovou que as mãos e os pés foram as zonas do corpo que saíram mais lesadas, correspondendo a 81 sinistrados.

A última análise a ser efetuada foi em relação à gravidade dos acidentes/incidentes ocorridos na organização. Dos 246 trabalhadores envolvidos, 214 acidentados sofreram acidentes leves. Relativamente aos acidentes graves, cerca de 9,3% da população em estudo sofreu lesões graves, e foram registados 9 incidentes ao longo dos sete anos.

Com a análise executada a todas as variáveis mencionadas anteriormente foi possível atingir o objetivo principal, “sistematizar as causas comuns os acidentes/incidentes ocorridos nos últimos sete anos na organização”. Numa constatação final é possível afirmar que a investigação realizada sobre os acidentes/incidentes de trabalho ocorridos na Herdade Vale da Rosa entre 2011 e 2017 atingiram mais homens do que mulheres, com idades compreendidas entre os 30 e os 47 anos, de nacionalidade portuguesa e tendo o estatuto de trabalhadores agrícolas. Foi entre julho e outubro, no primeiro dia da semana

de trabalho (segunda-feira) e no período da manhã que o número de sinistralidade foi mais elevado. Uma das causas foi a operação “colocar panos”, sendo a forma dos diversos acidentes os “movimento em falso/esforço excessivo”. Os agentes materiais também contribuíram para a sinistralidade laboral na entidade, destacando-se o “envolvente do posto de trabalho”, tendo como consequências entorses e distensões nas zonas das mãos e dos pés.

6.2. Limitações e dificuldades

Uma das limitações desta dissertação foi a carência de bibliografia. A inexistência de artigos e dissertações sobre a sinistralidade na agricultura, nomeadamente sobre viticultura, foi uma das delimitações relativamente à pesquisa de informação para o desenvolvimento teórico e para comparação dos resultados deste estudo. Existe bastante informação sobre acidentes na agricultura, mas todos eles são relacionados com tratores e máquinas agrícolas, e foi encontrado apenas um sobre artigo sobre segurança e saúde no trabalho em viticultura, mas nenhum sobre esse tema e com a estrutura da vinha da Herdade Vale da Rosa.

Outra limitação deste estudo foi a falta de dados provenientes da empresa para executar uma comparação com a análise realizada de algumas variáveis, como por exemplo o género, faixa etária e nacionalidade. Não foi possível a obtenção desses dados devido ao Vale da Rosa se encontrar na época de colheita, em que o nível de trabalho na entidade é muito volumoso nessa altura.

6.3. Sugestões de melhoria

Ao longo deste estudo sobre acidentes/incidentes na Herdade Vale da Rosa, a mestrande adquiriu alguns conhecimentos sobre os procedimentos realizados na organização. De certo modo apercebeu-se que apesar dos métodos utilizados, o ser humano é muito previsível, o que pode tornar-se um ponto positivo ou muito negativo para a empresa. Uma sugestão de melhoria é o Manual de Boas Práticas em Segurança e Saúde que foi

criado. Este tem como objetivo ser implementado pela organização em questão com o intuito de facilitar as atividades em matéria de segurança e saúde no trabalho. Este contém fichas de consulta e de preenchimento, podendo ainda ser alterado e ampliado de acordo com os requisitos do Vale da Rosa.

Outra sugestão de melhoria é a análise anual dos acidentes/incidentes ocorridos na entidade e a exposição desses a todos os trabalhadores, tendo como desígnio diminuir ou eliminar as ocorrências. É importante serem incluídos os quase-acidentes, nomeadamente insolações ou quebras de tensão; não se sabe se a empresa prestadora de segurança no trabalho realiza essa análise anual mas, até ao momento, não foi possível obter essa informação.

A análise relativamente às diversas nacionalidades empregadas na organização é outra sugestão. A realização dessa investigação em relação aos acidentes ocorridos com trabalhadores estrangeiros e a população empregada é importante pois é uma boa maneira de se saber se a barreira linguística é uma das causas para a ocorrência desses e quais são as melhores medidas a adotar por parte da organização.

Foi constatado que a empresa não está a dar cumprimento ao artigo 77.º da Lei 102/2009, de 10 de setembro, ao não ter designado um representante em matéria de segurança e saúde no trabalho. Este tem como tarefa acompanhar e auxiliar a execução da atividade de prevenção a desenvolver pelo Vale da Rosa e em sintonia e colaboração contínua com a empresa externa que presta os serviços em segurança no trabalho, de forma a fazer ponte entre empresas para a execução plena das atividades designadas a exercer por a prestadora no cumprimento do artigo 73.º A da referida lei. Isso implica um incumprimento da organização em matéria de segurança e prevenção eficaz que passa por reduzir, ou até mesmo eliminar, determinados acidentes/incidentes que ocorreram anteriormente.

6.4.Trabalhos futuros

Como foi dito precedentemente, a inexistência de bibliografia sobre sinistralidade em viticultura e a falta dos dados provenientes da empresa Vale da Rosa foram as limitações para a realização desta dissertação. Como não foi possível executar uma

análise mais aprofundada sobre o tema em questão, recomenda-se para trabalhos futuros a mesma análise, mas incluindo uma pesquisa de campo para examinar as causas para as ocorrências nos trabalhos executados na produção de uva de mesa com as características da vinha da Herdade Vale da rosa.

Bibliografia

Alberto, Deolinda e Almeida, José P. F. (2011). Evolução da Agricultura Portuguesa no Período 1989/2010. Análise de Indicadores Relevantes. *Gestão de Bens Comuns e Desenvolvimento Regional Sustentável, Bragança, Portugal, 29 Junho – 02 Julho*.

Barros, Aidil J.P.S. e Lehfeld, Neide de Aparecida de (2007). *Fundamentos de metodologia científica*. (3ª Edição). Brasil: MAKRON.

Braz, Pimenta. (2015). A segurança e saúde no trabalho em Portugal. Consultado em 28 de Março de 2018. Disponível em www.rhonline.pt/artigos/sst/2015/10/08/a-seguranca-e-saude-no-trabalho-em-portugal/

Cabral, Fernando. (2008). Sinistralidade laboral. Consultado em 16 de Fevereiro de 2018. Disponível em www.janusonline.pt/arquivo/2008/2008_4_4_3.html

Correia, Carlos A.S. (2012). *O sombreamento como técnica de monda de flores e bagos nas cultivares de uvas de mesa “Sugraone” e “Crimson Seedless”*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Filipe, Cláudia. (2011). *Segurança, Higiene e Saúde no Trabalho Agrícola*. Coimbra: Confederação Nacional de Agricultura.

Fortunato, Luís. (2013). Segurança e saúde no trabalho em viticultura – A prevenção de riscos profissionais. *Vida Rural*. A 61, 1788.

Freire, Dulce. (2014). *Entre sequeiro e regadio – Políticas públicas e modernização da agricultura em Portugal (século XX)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa.

Graça, Luís. (1999). História da Saúde e do Trabalho. Consultado em 16 de Março de 2018. Disponível em https://www.ensp.unl.pt/luis.graca/historia1_legis_laws.html

Girão, José António. (2001). *A Agricultura Portuguesa: Em passeio Aleatório ou em Regime Estacionário*. Consultado em 21 de Fevereiro de 2018. Disponível em <http://fesrvsd.fe.unl.pt/WPFEUNL/WP2000/wp391.pdf>

Lima, A. V., Rocha, Edgar, Durão, António. (2008). *Agricultura de Regadio e Risco Ambiental na Zona de Influência da Barragem do Alqueva. VI Congresso Português de Sociologia, Lisboa, Portugal, 25-28 de Junho*. (pp. 2-28).

Nóbrega, Hugo P. V. (2012). *Utilização de redes de ensombramento para monda de bagos em uva de mesa*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.

Pimenta, Susana Pelúcio. (2014). *A agricultura da região Alentejo nos últimos 25 anos e perspectivas no quadro da PAC pós 2013*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de Évora – Departamento de Zootecnia: Évora.

Pinto, Armando Sevinate. (2014). *As duas agriculturas*. Consultado em 24 de Março de 2018. Disponível em <https://www.publico.pt/2014/10/11/economia/opiniao/as-duas-agriculturas-1672594>

Quaranta, Giovanni. (2008). *Agricultura de Sequeiro. Land Care In Desertification Affected Areas (Lucinda)*. Série do Fascículo: C, 4, 1-10.

Rodrigues, Carlos. (2006). *Higiene Segurança do Trabalho – Manual Técnico do Formador*. Braga: Nufec – Núcleo de Formação, Estudos e Consultoria.

Silva, Manuel de Carvalho da. (2005). *Elevada sinistralidade laboral em Portugal. Conferência de Imprensa da CGTP-IN, Lisboa, Portugal, 27 Março*.

Silva, Raquel de Azevedo S. (2015). *Perceção de Incongruências da Lei em Matéria de SHST e suas consequências*. (Dissertação de Mestrado). Instituto Politécnico de Setúbal – Escola Superior de Tecnologias: Setúbal.

Vitorino, F.M. (1994). *1890-1926: História de Portugal em datas*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Apêndices

APÊNDICE I

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2011	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Dezembro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Assessora de Administração
2011	Feminino	65 - 69	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	55 - 59	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	55 - 59	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	55 - 59	Portuguesa	Novembro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	40 - 44	Espanhola	Novembro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Outubro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	65 - 69	Portuguesa	Outubro	Sexta-feira	M	Operador de Máquinas Agrícolas
2011	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Outubro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	40 - 44	Romena	Setembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	35 - 39	Ucraniana	Setembro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Agosto	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	40 - 44	Romena	Julho	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Agosto	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Julho	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Agosto	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	25 - 29	Romena	Julho	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	50 - 54	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2011	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Junho	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Junho	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Maio	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Maio	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Maio	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Abril	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Abril	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Abril	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Abril	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Abril	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	25 - 29	Romena	Abril	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Fevereiro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	35 - 39	Tailandesa	Fevereiro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	20 - 24	Brasileira	Fevereiro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2011	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Janeiro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2011	Feminino	55 - 59	Portuguesa	Janeiro	Sábado	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Dezembro	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Agosto	Sábado	T	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Dezembro	Quarta-feira	T	Responsável de Armazém
2012	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Dezembro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Dezembro	Quarta-feira	M	Mecânico
2012	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Novembro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Novembro	Quinta-feira	M	Supervisor Agrícola
2012	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Outubro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Outubro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Outubro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Outubro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2012	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2012	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Setembro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Setembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Setembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	40 - 44	Romena	Agosto	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	M	Operador de Maquinas Agrícolas
2012	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Fevereiro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Fevereiro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2012	Feminino	50 - 54	Portuguesa	Janeiro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Janeiro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Janeiro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	30 - 34	Romena	Janeiro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Janeiro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Janeiro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Janeiro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2012	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Janeiro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	55 - 59	Portuguesa	Setembro	Sábado	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Novembro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Dezembro	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	35 - 39	Guineense	Dezembro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Novembro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Novembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Novembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Novembro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Novembro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Novembro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2013	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Novembro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	40 - 44	Romena	Outubro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Outubro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Outubro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Outubro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Setembro	Sábado	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Setembro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Setembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Setembro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Agosto	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	25 - 29	Brasileira	Agosto	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Agosto	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Agosto	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Agosto	segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	50 - 54	Portuguesa	Agosto	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Agosto	Sábado	M	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	40 - 44	Espanhola	Julho	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Julho	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Julho	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	25 - 29	Portuguesa	Junho	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Junho	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Maiο	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Janeiro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Janeiro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Janeiro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2013	Feminino	40 - 44	Polaca	Janeiro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Feminino	55 - 59	Polaca	Janeiro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Novembro	Segunda-feira	M	Responsável Apoio e Manutenção
2013	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Setembro	Segunda-feira	M	Responsável Apoio e Manutenção
2013	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Terça-feira	M	Mecânico
2013	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	M	Supervisor Agrícola
2013	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Julho	Quarta-feira	M	Operador de Máquinas Agrícolas
2013	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Fevereiro	Terça-feira	M	Operador de Máquinas Agrícolas
2013	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Janeiro	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2013	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Janeiro	Sexta-feira	M	Supervisor Agrícola
2014	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Dezembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	25 - 29	Portuguesa	Novembro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Novembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	40 - 44	Espanhola	Novembro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	55 - 59	Polaca	Novembro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	35 - 39	Ucraniana	Outubro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	30 - 34	Espanhola	Outubro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Outubro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Outubro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Outubro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	50 - 54	Portuguesa	Setembro	Sábado	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Setembro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Agosto	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	55 - 59	Portuguesa	Agosto	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Agosto	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Agosto	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2014	Feminino	50 - 54	Portuguesa	Agosto	Sábado	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Agosto	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Julho	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Junho	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Abril	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Janeiro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Novembro	Terça-feira	M	Supervisor Agrícola
2014	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Novembro	Quarta-feira	T	Assistente Administrativo
2014	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Novembro	Segunda-feira	T	Mecânico
2014	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Setembro	Segunda-feira	T	Operador de Máquinas Agrícolas
2014	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Agosto	Sexta-feira	N	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	M	Mecânico
2014	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Maio	Segunda-feira	M	Responsável Apoio e Manutenção
2014	Feminino	35 - 39	Ucraniana	Fevereiro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2014	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Fevereiro	Sexta-feira	T	Operador de Máquinas Agrícolas
2014	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Janeiro	Quinta-feira	M	Supervisor Agrícola
2015	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Novembro	Sexta-feira	T	Supervisor Agrícola
2015	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Novembro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Novembro	Sexta-feira	M	Supervisor Agrícola
2015	Masculino	45 - 49	Guineense	Novembro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	30 - 34	Cobo Verdiana	Novembro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Setembro	Sábado	T	Trabalhador Agrícola
2015	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Setembro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Setembro	Sexta-feira	T	Mecânico
2015	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Setembro	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Agosto	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2015	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Agosto	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	30 - 34	Romena	Julho	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	30 - 34	Guineense	Julho	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2015	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Junho	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Junho	Sexta-feira	M	Operador de Máquinas Agrícolas
2015	Masculino	40 - 44	Tailandesa	Março	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Fevereiro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Janeiro	Segunda-feira	M	Supervisor Agrícola
2015	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Fevereiro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2015	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Janeiro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2015	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Janeiro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	45 - 49	Tailandesa	Dezembro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Novembro	Sexta-feira	M	Mecânico
2016	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Novembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	55 - 59	Portuguesa	Outubro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Outubro	Segunda-feira	M	Supervisor Agrícola
2016	Masculino	50 - 54	Tailandesa	Outubro	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Fevereiro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	65 - 69	Portuguesa	Outubro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Outubro	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	35 - 39	Tailandesa	Outubro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Outubro	Sexta-feira	M	Supervisor Agrícola
2016	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Setembro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Setembro	Sexta-feira	M	Responsável de Armazém

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2016	Feminino	25 - 29	Portuguesa	Setembro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Setembro	Sexta-feira	T	Supervisor Agrícola
2016	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	30 - 34	Guineense	Agosto	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Feminino	45 - 49	Romena	Agosto	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	45 - 49	Tailandesa	Julho	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	30 - 34	Guineense	Julho	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Feminino	35 - 39	Suiça	Julho	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Julho	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Julho	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Quinta-feira	T	Operador de Máquinas Agrícolas
2016	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Julho	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Maio	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Fevereiro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2016	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Fevereiro	Segunda-feira	T	Mecânico
2016	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Fevereiro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Janeiro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Janeiro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Janeiro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	50 - 54	Portuguesa	Janeiro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	50 - 54	Portuguesa	Janeiro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	50 - 54	Ucraniana	Janeiro	Segunda-feira	M	Operador de Máquinas Agrícolas
2017	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Maio	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	20 - 24	Portuguesa	Maio	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Maio	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Junho	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	35 - 39	Portuguesa	Junho	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Junho	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola

	Género	Faixa Etária	Nacionalidade	Mês	Dia da Semana	Hora	Categoria Profissional
2017	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Junho	Quarta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Junho	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	20 - 24	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	55 - 59	Moldava	Julho	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Agosto	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Agosto	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	25 - 29	Portuguesa	Agosto	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	15 - 19	Portuguesa	Agosto	Quarta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Agosto	Segunda-feira	T	Mecânico
2017	Masculino	50 - 54	Portuguesa	Agosto	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	45 - 49	Portuguesa	Agosto	Segunda-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	15 - 19	Portuguesa	Agosto	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	35 - 39	Portuguesa	Julho	Sexta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	25 - 29	Portuguesa	Setembro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Terça-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	30 - 34	Romena	Setembro	Sexta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	40 - 44	Portuguesa	Setembro	Quinta-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	25 - 29	Portuguesa	Outubro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	30 - 34	Portuguesa	Setembro	Quarta-feira	T	Supervisor Agrícola
2017	Masculino	15 - 19	Portuguesa	Outubro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	45 - 49	Portuguesa	Outubro	Segunda-feira	M	Supervisor Agrícola
2017	Feminino	60 - 64	Portuguesa	Outubro	Segunda-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Masculino	55 - 59	Portuguesa	Outubro	Quinta-feira	M	Trabalhador Agrícola
2017	Feminino	40 - 44	Portuguesa	Outubro	Terça-feira	T	Trabalhador Agrícola

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2011	Amarrar varas	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2011	Marcação	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Tronco	Leve
2011	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Membros inferiores	Leve
2011	Operação mecanizada	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Traumatismos superficiais	Cabeça	Leve
2011	Colheita	Choque/pancada contra/por objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2011	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2011	Transporte	Outras	Meios de transporte / Meios de manutenção	Outras feridas	Membros inferiores	Leve
2011	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Entorses e distensões	Pés	Leve
2011	Colocar panos	Quedas de objetos	Máquinas	Outros traumatismos/ mal definidos	Membros inferiores	Leve
2011	Colheita	Exposição/contacto com substâncias	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2011	Armazém	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Máquinas	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2011	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2011	Operação mecanizada	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2011	Colheita	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve
2011	Transporte	Choque/pancada contra/por objetos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Traumatismos superficiais	Localizações múltiplas	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2011	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Fracturas	Localizações múltiplas	Grave
2011	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2011	Despenca	Quedas de pessoas	Outros materiais (tornos, escadas, recipientes, etc)	Outros traumatismos/ mal definidos	Tronco	Leve
2011	Despenca	Quedas de pessoas	Outros materiais (tornos, escadas, recipientes, etc)	Outros traumatismos/ mal definidos	Tronco	Leve
2011	Poda verde	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2011	Poda verde	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2011	Poda verde	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2011	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Máquinas	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2011	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Máquinas	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2011	Amarrar lançamentos	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Outras feridas	Mãos	Leve
2011	Amarrar varas	Quedas de pessoas	Outros materiais (tornos, escadas, recipientes, etc)	Fracturas	Membros superiores	Grave
2011	Amarrar lançamentos	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2011	Amarrar lançamentos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2011	Colocar panos	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2011	Amarrar varas	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2011	Operação mecanizada	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Meios de transporte / Meios de manutenção	Outras feridas	Mãos	Leve
2011	Armazém	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Fracturas	Membros superiores	Grave
2012	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2012	Operação mecanizada	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2012	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Membros inferiores	Leve
2012	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2012	Oficina	Exposição/contacto com substâncias	Máquinas	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2012	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Traumatismos superficiais	Membros inferiores	Leve
2012	Poda seca	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2012	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2012	Operação mecanizada	Exposição/contacto com corrente eléctrica	Outros agentes não classificados noutra parte	Queimaduras	Localizações múltiplas	Grave
2012	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2012	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2012	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2012	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2012	Operação mecanizada	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2012	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2012	Colocar panos	Quedas de pessoas	Máquinas	Entorses e distensões	Pés	Leve
2012	Operação mecanizada	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Cabeça	Leve
2012	Colocar panos	Entaladela	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2012	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2012	Colocar panos	Quedas de objetos	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Cabeça	Leve
2012	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2012	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Outras feridas	Localizações múltiplas	Leve
2012	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2012	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2012	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2012	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2012	Colocar panos	Exposição/contacto com substâncias	Máquinas	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2013	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2013	Poda seca	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Máquinas	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2013	Amarrar varas	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2013	Amarrar varas	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2013	Amarrar varas	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Tronco	Leve
2013	Amarrar varas	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2013	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2013	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Agentes não classificados por insuficiência de dados	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2013	Colheita	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Membros inferiores	Leve
2013	Armazém	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2013	Operação mecanizada	Entaladela	Máquinas	Fracturas	Pés	Grave
2013	Transporte	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2013	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Localizações múltiplas	Leve
2013	Linhas	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Agentes não classificados por insuficiência de dados	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2013	Operação mecanizada	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2013	Linhas	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Pescoço	Leve
2013	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2013	Linhas	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2013	Transporte	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2013	Linhas	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2013	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Máquinas	Entorses e distensões	Pés	Leve
2013	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Traumatismos superficiais	Cabeça	Leve
2013	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2013	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Traumatismos superficiais	Cabeça	Leve
2013	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2013	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Traumatismos superficiais	Cabeça	Leve
2013	Armazém	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2013	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Pés	Leve
2013	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2013	Armazém	Choque/pancada contra/por objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Cabeça	Grave
2013	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Outras feridas	Cabeça	Grave
2013	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2013	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Membros superiores	Leve
2013	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Pés	Leve
2013	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2013	Despenca	Quedas de pessoas	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Membros inferiores	Leve
2013	Transporte	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Meios de transporte / Meios de manutenção	Entorses e distensões	Localizações múltiplas	Leve
2013	Colocar panos	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Tronco	Leve
2013	Poda seca	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2013	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2013	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2013	Poda seca	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2013	Armazém	Entaladela	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2013	Colheita	Outras	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Cabeça	Incidente
2013	Oficina	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2013	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2013	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2013	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2013	Colocar panos	Entaladela	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2013	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Outras feridas	Mãos	Grave
2014	Poda seca	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2014	Poda seca	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2014	Poda seca	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2014	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Outros materiais (tornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Membros inferiores	Leve
2014	Marcação	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2014	Transporte	Quedas de pessoas	Meios de transporte / Meios de manutenção	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2014	Marcação	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2014	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Localizações múltiplas	Leve
2014	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2014	Colocar panos	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2014	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2014	Fitofármacos	Exposição/contacto com substâncias	Materiais, substâncias e radiações	Queimaduras	Olhos	Grave
2014	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Localizações múltiplas	Incidente
2014	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2014	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2014	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Membros superiores	Leve
2014	Colocar panos	Quedas de pessoas	Máquinas	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2014	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivo	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Tronco	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2014	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2014	Colocar panos	Entaladela	Outros agentes não classificados noutra parte	Luxações	Membros superiores	Grave
2014	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2014	Colocar panos	Entaladela	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Tronco	Leve
2014	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2014	Colocar panos	Quedas de objetos	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2014	Marcação	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2014	Operação mecanizada	Entaladela	Máquinas	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2014	Oficina	Entaladela	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2014	Colocar panos	Quedas de objetos	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Pés	Leve
2014	Armazém	Quedas de pessoas	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Pés	Leve
2014	Oficina	Outras	Ambientes de trabalho	Queimaduras	Olhos	Grave
2014	Oficina	Quedas de pessoas	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Membros inferiores	Leve
2014	Marcação	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Agentes não classificados por insuficiência de dados	Outros traumatismos/ mal definidos	Tronco	Grave
2014	Colocar panos	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2014	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2015	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Pés	Leve
2015	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2015	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2015	Colocar panos	Exposição/contacto com substâncias	Materiais, substâncias e radiações	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2015	Colheita	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2015	Linhas	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Tronco	Leve
2015	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2015	Oficina	Exposição/contacto com substâncias	Materiais, substâncias e radiações	Queimaduras	Olhos	Grave
2015	Armazém	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Fracturas	Pés	Grave
2015	Armazém	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Membros inferiores	Grave
2015	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (fornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Membros superiores	Leve
2015	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2015	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2015	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2015	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Cabeça	Incidente
2015	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Localizações múltiplas	Leve
2015	Operação mecanizada	Entaladela	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Pés	Leve
2015	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2015	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (tornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Membros inferiores	Leve
2015	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2015	Colocar panos	Entaladela	Outros agentes não classificados noutra parte	Fracturas	Mãos	Leve
2015	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2015	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2015	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (tornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2015	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2016	Poda seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2016	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Localizações múltiplas	Leve
2016	Oficina	Exposição/contacto com substâncias	Materiais, substâncias e radiações	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Grave
2016	Poda seca	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Mãos	Leve
2016	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Outras feridas	Cabeça	Leve
2016	Colheita	Entaladela	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2016	Colheita	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2016	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (tornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Tronco	Leve
2016	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Cabeça	Leve
2016	Armazém	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2016	Oficina	Quedas de objetos	Materiais, substâncias e radiações	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2016	Armazém	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Fracturas	Pés	Grave
2016	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2016	Colocar panos	Entaladela	Máquinas	Fracturas	Mãos	Grave
2016	Armazém	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2016	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2016	Colheita	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Membros inferiores	Leve
2016	Transporte	Entaladela	Meios de transporte / Meios de manutenção	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2016	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve
2016	Colheita	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2016	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2016	Armazém	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Outras feridas	Cabeça	Grave
2016	Colheita	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Membros superiores	Leve
2016	Colheita	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Outras feridas	Cabeça	Leve
2016	Despenca	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2016	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Outras feridas	Cabeça	Grave
2016	Poda seca	Exposição/contacto com substâncias	Materiais, substâncias e radiações	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2016	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Membros superiores	Leve
2016	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2016	Oficina	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Tronco	Incidente
2016	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Outras feridas	Mãos	Leve
2017	Poda Seca	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros agentes não classificados noutra parte	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2017	Colocar panos	Choque/pancada contra/por objetos	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Olhos	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2017	Armazém	Exposição/contacto com substâncias	Materiais, substâncias e radiações	Outros traumatismos/ mal definidos	Olhos	Leve
2017	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Tronco	Leve
2017	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Cabeça	Grave
2017	Despenca	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Outros materiais (rornos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Pés	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Localizações múltiplas	Incidente
2017	Enxertia	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2017	Despenca	Movimentos em laço ou esforços excessivos	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2017	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Membros superiores	Leve

	Operação	Forma da Ocorrência	Agentes Materiais	Natureza da Lesão	Localização da Lesão	Gravidade
2017	Transporte	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Meios de transporte / Meios de manutenção	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Membros superiores	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Membros superiores	Incidente
2017	Colocar panos	Quedas de pessoas	Ambientes de trabalho	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Grave
2017	Colheita	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Localizações múltiplas	Incidente
2017	Colheita	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Membros superiores	Incidente
2017	Colheita	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2017	Colheita	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Outros traumatismos/ mal definidos	Membros inferiores	Incidente
2017	Oficina	Entaladela	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Mãos	Leve
2017	Armazém	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2017	Transporte	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Meios de transporte / Meios de manutenção	Entorses e distensões	Pés	Leve
2017	Armazém	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2017	Colheita	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Tronco	Leve
2017	Colheita	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2017	Armazém	Quedas de objetos	Outros agentes não classificados noutra parte	Contusões e esmagamentos	Pés	Leve
2017	Armazém	Entaladela	Máquinas	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Grave
2017	Transporte	Quedas de pessoas	Meios de transporte / Meios de manutenção	Contusões e esmagamentos	Tronco	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2017	Armazém	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Outros materiais (rolos, escadas, recipientes, etc)	Entorses e distensões	Membros inferiores	Leve
2017	Colocar panos	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Mãos	Leve
2017	Colheita	Movimentos em laiso ou esforços excessivo	Ambientes de trabalho	Entorses e distensões	Pés	Leve
2017	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rolos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Membros inferiores	Leve
2017	Operação mecanizada	Choque/pancada contra/por objetos	Máquinas	Outras feridas	Cabeça	Leve
2017	Colocar panos	Quedas de pessoas	Outros materiais (rolos, escadas, recipientes, etc)	Contusões e esmagamentos	Localizações múltiplas	Leve

APÊNDICE II



MANUAL DE BOAS PRÁTICA EM SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO



ÍNDICE

Índice de Fichas	3
Introdução	4
Obrigações do Empregador	5
Obrigações do Trabalhador	8
Fichas	10
Folheto Informativo	57

ÍNDICE DE FICHAS

Ficha 1 – Principais Riscos Profissionais em Viticultura	11
Ficha 2 – Resumo da Avaliação de Riscos e Respetivas Medidas de Prevenção	13
Ficha 3 – Verificação das Condições de Trabalho	16
Ficha 4 – Verificação de Postos de Trabalho Dotados de Visor	20
Ficha 5 – Ficha de Segurança de Tratores e Máquinas Agrícolas	24
Ficha 6 – Verificação Diária de Máquinas	29
Ficha 7 – Ficha de Segurança de Empilhadores de Garfos	31
Ficha 8 – Ficha de Segurança de Postos de Trabalho Dotados de Visor.....	34
Ficha 9 – Principais Medidas de Prevenção e Proteção em Viticultura	38
Ficha 10 – Conteúdo de Estojo de Primeiros Socorros	42
Ficha 11 – Formações no Âmbito da Segurança e Saúde no Trabalho	44
Ficha 12 – Equipamentos de Proteção Individuais (EPI's)	48
Ficha 13 – Comunicação de Acidentes de Trabalho Graves/Mortais	50
Ficha 14 – Registo de Acidentes/Incidentes de Trabalho	54
Ficha 15 – Consulta aos Trabalhadores	55

INTRODUÇÃO

A Lei n.º 102/2009, de 10 de Setembro, regulamenta o regime jurídico da promoção e prevenção da segurança e saúde no trabalho, de acordo com o previsto artigo 284.º do Código do Trabalho. A sua última atualização foi feita através da Lei n.º 28/2016, de 23 de Agosto. Esta lei esclarece as normas gerais de providência, obrigações dos empregadores e trabalhadores, proteção de grupos característicos de trabalhadores, grávidas e menores de idades, as categorias de organização de segurança no trabalho.

Como está referido no artigo 3.º da lei referida, esta é empregada a “todos os ramos de atividade, nos setores privados ou cooperativo e social”, “trabalhador por conta de outrem e respetivo empregador (...)” e ao “trabalhador independente”. Compete à Autoridade para as Condições de Trabalho (ACT) examinar as condições de trabalho e executar inquéritos em caso de acidentes de trabalho muito graves ou mortais.

Este manual de boas práticas em segurança e saúde no trabalho consiste em oferecer todas as indicações necessárias, apoiadas no enquadramento legal da Lei 102/2009, de 10 de Setembro, e nos documentos fornecidos para a consulta e para o preenchimento obrigatório.

OBRIGAÇÕES DO EMPREGADOR

De acordo com o conceito que se encontra no artigo 4.º da Lei n.º 102/2009, de 10 de Setembro, o empregador é “a pessoa singular ou coletiva com um ou mais trabalhadores ao seu serviço e responsável pela empresa ou estabelecimento ou, quando se trate de organismos sem fins lucrativos, que detenha competência para a contratação de trabalhadores;”.

O artigo 15.º da lei mencionada anteriormente relata as obrigações do empregador e essas são:

- ▶ Assegurar aos trabalhadores as condições necessárias para a segurança e saúde desses em todos os aspetos;
- ▶ Proteger sempre o exercício da atividade em condições de segurança e saúde para os trabalhadores de acordo com os seguintes princípios gerais de prevenção:
 - Evitar os riscos (consultar a **FICHA 1**);
 - Prevenir através de um sistema que inclua avanço tecnológico, organização e condições de trabalho, relações sociais e influência de causas ambientais;
 - Integrar a avaliação de riscos e adotar medidas apropriadas de proteção (consultar a **FICHA 2**);
 - Combater riscos na origem com intuito de eliminar ou diminuir;
 - Asseverar nos locais de trabalho que os diversos agentes não constituem risco para os trabalhadores;
 - Adaptar o trabalho ao trabalhador e o estado da evolução da técnica, bem como novas formas de organização de trabalho (consultar a **FICHA 3** e **FICHA 4**);
 - Substituir o que é perigoso pelo que é isento de perigo;
 - Priorizar as medidas de proteção coletiva em relação às medidas de proteção individual;

- Elaborar e divulgar instruções compreensíveis e adequadas à atividade desenvolvida pelo trabalhador (consultar **FICHA 5, FICHA 6, FICHA 7 e FICHA 8**);

- ▶ Asseverar a implementação de medidas de prevenção em que procede das avaliações de risco relacionadas às distintas fases do processo produtivo (consultar **FICHA 9**);
- ▶ Facultar informação e formação apropriadas aos trabalhadores para o progresso da atividade em condições de segurança e saúde (consultar **FOLHETO INFORMATIVO**);
- ▶ Permitir acesso a zona de risco elevado apenas a trabalhadores com aptidão e formação adequada;
- ▶ Adotar padrões e dar instruções para que os trabalhadores consigam terminar a atividade em caso de perigo iminente;
- ▶ Certificar que os meios de prevenção abrangem os trabalhadores e terceiros;
- ▶ Assegurar a vigilância da saúde dos trabalhadores em função dos riscos a que estes estejam expostos;
- ▶ Estabelecer as medidas a adotar em matéria de primeiros socorros e de combate a incêndio e evacuação, nomeando os trabalhadores responsáveis pela sua aplicação; (**FICHA 10**)
- ▶ Organizar serviços adequados, nomeadamente nos domínios das atividades de técnicas de prevenção; da formação e da informação, bem como o equipamento de proteção indispensável (consultar **FICHA 11 e FICHA 12**);
- ▶ Observar as prescrições legais, gerais e específicas de segurança e saúde a serem aplicadas na empresa, estabelecimentos ou serviço;
- ▶ Suportar os encargos com a organização e funcionamento do serviço de segurança e saúde no trabalho e as diversas medidas de prevenção (vigilância da saúde, avaliações de exposições, etc).

No artigo 16.º indica que “Quando várias empresas (...) desenvolvam, simultaneamente, atividade com os seus trabalhadores no mesmo local de trabalho, devem os respetivos empregadores, tendo em conta com a natureza das atividades que cada um desenvolve, cooperar no sentido da proteção da segurança e saúde.”. Estão englobadas as empresas utilizadoras, no caso de trabalhadores em regime de trabalho temporário, as empresas cessionárias onde os trabalhadores estão em regime de cedência ocasional e as empresas

cujas instalações são utilizadas por trabalhadores que prestam serviço através de contratos de prestação de serviços.

Relativamente à consulta, informação e formação dos trabalhadores, e de acordo com o artigo 18.º da lei mencionada, “o empregador (...) deve consultar por escrito e, pelo menos, uma vez por ano, previamente ou em tempo útil, os representantes dos trabalhadores, (...) na falta, os próprios trabalhadores sobre” os seguintes assuntos:

- ▶ Avaliação de riscos, incluindo os grupos de trabalhadores sujeitos a riscos especiais;
- ▶ Medidas de proteção antes de serem postas em prática ou em caso de aplicação urgente;
- ▶ Medidas que tenham percussão em relação às tecnologias e funções;
- ▶ Programa e organização da formação no domínio da segurança e saúde no trabalho;
- ▶ Designação do representante do empregador que acompanha a atividade;
- ▶ Designação e exoneração dos trabalhadores que desempenham funções específicas em SST no local;
- ▶ Modalidade de serviços a adotar, bem com recurso a serviços externos à empresa e técnicos qualificados para atividades de SST;
- ▶ Equipamento de proteção indispensável (consultar **FICHA 12**);
- ▶ Riscos para a segurança e saúde e medidas de proteção e prevenção, bem como a forma como se aplicam;
- ▶ Lista anual de acidentes de trabalho mortais e dos que ocasionem incapacidade para o trabalho superior a três dias úteis;
- ▶ Relatórios dos acidentes referidos anteriormente (consultar **FICHA 13** e **FICHA 14**);

OBRIGAÇÕES DO TRABALHADOR

Segundo o conceito no artigo 4.º, o trabalhador é “a pessoa singular que, mediante retribuição, se obriga a prestar serviço a um empregador e, bem assim, o tirocinante, o estagiário, o aprendiz e os que estejam na dependência económica do empregador em razão dos meios de trabalho e do resultado da sua atividade, embora não titulares de uma relação jurídica de emprego.”

As obrigações do trabalhador encontram-se no artigo 17.º da Lei 102/2009, de 10 de Setembro, e em termos gerais este deve:

- ▶ Obedecer as prescrições legais de segurança e saúde, bem como instruções delimitadas pelo empregador;
- ▶ Zelar pela sua segurança e saúde, assim como dos outros que possam ser atingidos pelas suas ações ou omissões no trabalho;
- ▶ Empregar corretamente, segundo as instruções recebidas do empregador, máquinas, equipamentos, materiais e substâncias perigosas de trabalho, assim como meios e equipamentos de proteção coletiva e individual;
- ▶ Colaborar ativamente na organização para melhoria do sistema de segurança e saúde no trabalho, tomando conhecimento da informação e formação prestada pelo empregador;
- ▶ Comunicar imediatamente quaisquer avarias e deficiências que possam originar perigo ou defeitos encontrados nos sistemas de proteção.

As informações aos trabalhadores descritos no artigo 19.º da lei citada são importantes de referir pois é um direito do trabalhador ter conhecimento dessas, e são:

- ▶ Risco, medidas de proteção e prevenção e a forma como são aplicadas;
- ▶ Medidas e instruções a adotar em caso de perigo eminente;
- ▶ Medidas de emergência e primeiros socorros, de evacuação de trabalhadores e combate a incêndios.

Essas informações devem ser disponibilizadas aos trabalhadores no caso de:

- ▶ Admissão na empresa;
- ▶ Mudança de posto de trabalho ou funções;
- ▶ Novos equipamentos de trabalho ou alteração dos existentes;
- ▶ Nova tecnologia;
- ▶ Atividades que envolvam trabalhadores de diversas empresas

A consulta aos trabalhadores (consultar **FICHA 15**) tem como objetivo a contribuição ativa desses para minimizar os riscos profissionais e reduzir as taxas de acidentes de trabalho na organização. A consulta dos trabalhadores é um requisito da Lei 102/2009, de 10 de Setembro, e é importante na prevenção de riscos e na procura de soluções eficazes.

FICHAS



FICHA 1 – Principais Riscos Profissionais em Viticultura

De acordo com o conceito no artigo 4.º da Lei 102/2009, de 10 de Setembro, o risco é “a probabilidade de concretização do dano em função das condições de utilização, exposição ou interação do componente material do trabalho que apresente perigo”. Este pode ser evitado, reduzido e controlado através de medidas de prevenção e proteção apropriadas e executadas em função da avaliação de riscos realizada.

LESÕES MÚSCULO-ESQUELÉTICAS RELACIONADAS COM O TRABALHO (LMERT)

- ▶ Esforços e movimentos repetitivos das mãos e braços;
- ▶ Posições de trabalho de cócoras, joelhos ou qualquer inclinação frequente;
- ▶ Posições continuadas de pé e movimentações sobre solos irregulares.

As lesões músculo-esqueléticas denominam-se de um conjunto de doenças relacionadas com o trabalho e são causadas por traumatismos repetidos, cumulativos e tensão muscular. A causa principal para essas lesões são os movimentos ou posturas forçadas e associadas ao tipo de trabalho e **são mais graves** quando o trabalho é realizado com **contextos climáticos penosos** (frio, humidade ou calor excessivo), quando o **ritmo das atividades é alto** e quando os trabalhadores são **indivíduos inexperientes nas tarefas**, ou seja, quando o trabalho é sazonal.

RISCOS FÍSICOS E MECÂNICOS

- ▶ Escorregadelas e quedas ao mesmo nível (tipo e estado dos diversos pisos onde as operações são executadas);
- ▶ Projeção de substâncias/impurezas para os olhos durante as tarefas;
- ▶ Corte pelas tesouras de poda e outras ferramentas;
- ▶ Traumatismos provenientes das várias operações com utilização de máquinas agrícolas;
- ▶ Contacto com corrente elétrica durante a manutenção e limpeza dos equipamentos.

RISCOS RELACIONADOS COM TRABALHO AO AR LIVRE

- ▶ Exposição aos raios ultravioletas (UV);
- ▶ Exposição ao calor excessivo (insolação, desidratação):
 - Fadiga;
 - Transpiração;
 - Diminuição de vigilância.
- ▶ Exposição ao frio e humidade:
 - Perda de destreza;
 - Diminuição da performance muscular;
 - Incapacidade de movimentos.
- ▶ Reações alérgicas (picadas de insetos).

RISCOS QUÍMICOS

- ▶ Exposição a fertilizantes, produtos fitofarmacêuticos, detergentes e desinfetantes;
- ▶ Contacto com combustíveis e lubrificantes (manutenção e limpeza de máquinas agrícolas).



FICHA 2 – Resumo da Avaliação de Riscos e Respetivas Medidas de Prevenção

Nesta ficha está descrito um resumo da Avaliação de Riscos realizada em 2017 por uma empresa externa que presta serviços de segurança e saúde no trabalho. Apenas estão expostos os perigos, riscos e medidas que foram identificados com o **nível de controlo III** (situação a melhorar) e o **nível II** (situação a corrigir).

Perigo	Risco	Medidas de Prevenção
Materiais combustíveis e inflamáveis	Incêndio	Extintores verificados periodicamente e acesso livre;
		Saídas e caminho de evacuação sinalizados;
		Atualização da planta de emergência;
Condução de máquinas agrícolas	Capotamento	Utilizar de acordo com indicações do fabricante;
		Apenas pessoal com formação adequada para conduzir;
		Reparações feitas por técnico especializado
		Desligar máquina antes de descer;
		Estabilizar objetos e equipamentos antes de iniciar trabalho;
		Utilizar máquinas com proteções anti capotamento;
		Não apoiar sobre peças em rotação;
		Não retirar proteções existentes;
		Veios da máquina não deverão ser expostos;
		Utilizar roupa justa ao corpo;
	Embate de objetos no condutor	Fornecer óculos de proteção aos condutores;
Contacto com substâncias químicas	Absorção no organismo	Ler atentamente rótulo;
		Ao manipular pesticida não de comer, beber e fumar;
		Trabalhadores com feridas ou lesões não deve manusear;
		Após trabalho lavar cara e mãos;

Perigo (continuação)	Risco (continuação)	Medidas de Prevenção (continuação)
		Preparação da calda deve ser feita longe de habitações;
		Preparações deve ser feitas com utensílios próprios;
		Não ultrapassar doses de produtos recomendados;
		Proceder à recolha seletiva e triagem dos resíduos;
		Os resíduos das embalagens vazias devem ser guardados à parte;
		Utilização de vestuário adequado e EPI;
		Cacifos individuais para os aplicadores;
		Fichas de dados de segurança visíveis e fácil acesso;
Contacto com objetos cortantes	Projeção de partículas para os olhos	Utilização de óculos de proteção;
Utilização de escadas móveis e pequenos bancos	Quedas	Fornecer calçado com sola antiderrapante;
		Manter vias de circulação livres;
		Objetos deverão possuir bases para garantir apoio;
Utilização de escadotes	Quedas	Fornecer calçado com sola antiderrapante;
		Manter vias de circulação livres;
		Colocado de forma que a base fique apoiada em pontos;
		Bases de madeira no caso de afundamento;
		Altura adequada do escadote;
Utilização de instalações sanitárias	Risco biológico	Manter instalações em boas condições de higiene;
		Existência de líquido de lavagem de mãos e secagem;
Utilização do compressor	Explosão	Manutenção de circuito de ar comprimido e verificação periódica dos manómetros;
		Tubagens de ar comprimido devem estar identificadas com cor azul;
Movimentação de caixas, paletes e outros objetos pesados	Quedas de objetos	Trabalhadores que efetuam tarefas no armazém deverão utilizar calçado de proteção;
Utilização de escadas	Queda em altura	Utilizar plataformas elevatórias para colocar mercadoria;
		Nunca substituir escadas por outro material (caixotes, barris);
		Efetuar inspeções periódicas às escadas portáteis;
		Escada portátil deve ser colocada de modo que base fique apoiada;
		Altura adequada da escada;

Perigo (continuação)	Risco (continuação)	Medidas de Prevenção (continuação)
Tarefas repetitivas	Demasiada carga horária nas posturas	Boa organização de trabalho diário, tarefas alternadas e permitam relaxamento do corpo;
Utilização de equipamentos para embalar	Enrolamento	Delimitação em torno da área da paletizadora;
		Não trabalhar com roupas soltas ou larga, cabelos ou acessórios;
		Equipamento deverá ter marcação CE;

Ficha 3 - Verificação das Condições de Trabalho

Informação sobre o local de trabalho		
N.º total de trabalhadores:	Homens:	Mulheres:

Organização dos serviços de segurança e saúde no trabalho		
Os serviços de segurança e saúde no trabalho estão organizados?	Sim <input type="radio"/>	Não <input type="radio"/>
Em que modalidade?	Interno <input type="radio"/> Externo <input type="radio"/> Comuns (interempresas) <input type="radio"/>	
Vigilância da saúde		
Foram realizados exames de saúde aos trabalhadores?	Sim <input type="radio"/>	Não <input type="radio"/>
Observações:		

1. Equipamentos de trabalho	Sim	Não	Não aplicável
1.1. A exploração possui equipamentos de trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.2. Todos os veios telescópios de cardans - VTC -, que asseguram a transmissão de potência entre o trator e uma qualquer máquina operadora, possuem os respetivos resguardos de proteção devidamente fixos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.3. O resguardo de proteção é homologado e está em bom estado de conservação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.4. Os tratores possuem estruturas de segurança anti-capotamento ou anti-reviramento homologadas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.5. Os tratores são conduzidos por trabalhadores com formação habilitante e licença de condução?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.6. Os elementos móveis dos equipamentos de trabalho dispõem de proteções que impedem o acesso às zonas perigosas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.7. Os tratores e as máquinas agrícolas possuem a marcação CE, existindo a competente declaração de conformidade com tradução em português?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.8. Os livretes/registos de manutenção dos equipamentos estão atualizados?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.9. Os equipamentos de trabalho existentes possuem manual de instruções em português?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.10. Existem meios de combate a incêndios nos equipamentos de trabalho automotores, em perfeito estado de funcionamento e em local acessível?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

2. Armazenamento e utilização de fitofármacos e outros produtos químicos	Sim	Não	Não aplicável
2.1. Os produtos químicos utilizados são constituídos por agentes químicos perigosos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.2. Foi realizada a respetiva avaliação de riscos e implementadas as subsequentes medidas preventivas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.3. Existe armazém para produtos fitofarmacêuticos e outros produtos químicos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.4. O local de armazenamento é exclusivo para este tipo de produtos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.5. O local de armazenamento está devidamente isolado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.6. O local de armazenamento tem acesso condicionado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.7. O local de armazenamento está sinalizado, é ventilado, possui meios de combate a incêndios e dispõe de condições de luminosidade, temperatura e humidade adequadas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.8. A preparação dos produtos químicos é realizada em local adequado, com recurso a materiais e equipamentos reservados a esta operação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.9. Os produtos químicos estão separados por propriedades físico-químicas e classes toxicológicas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.10. Existem bacias de retenção para as substâncias químicas corrosivas e/ou inflamáveis?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.11. Cada um dos produtos químicos existentes possui o respetivo rótulo e ficha de dados de segurança em português?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.12. As fichas de dados de segurança estão em lugar acessível, são do conhecimento dos trabalhadores, são facilmente legíveis, possuem a identificação dos perigos, bem como as medidas de prevenção e primeiros socorros a prestar em caso de deficiente utilização?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.13. O produtos químicos que estão embalados fora das embalagens de origem estão devidamente identificados?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.14. Existem EPI's adequados e em bom estado de conservação, para o manuseamento e aplicação dos produtos químicos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.15. Os EPI's são armazenados em local adequado e fora do armazém dos fitofármacos e outros produtos químicos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

3. Zona de Armazenagem	Sim	Não	Não aplicável
3.1. São seguidos procedimentos de trabalho adequados a um correto transporte e arrumação dos produtos, nomeadamente na proximidade de vias de circulação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2. O armazém possui delimitação e sinalização das vias de circulação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3. As operações de empilhamento são efetuadas por equipamentos automotores?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.4. Se sim, os equipamentos possuem segurança integrada anti-capotamento, marcação CE, livrete de manutenção atualizado e sinalização sonora e luminosa?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.5. As vias de circulação encontram-se em bom estado de conservação e limpas de detritos, objetos ou líquidos derramados, suscetíveis de originar riscos de queda?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.6. Existem meios de combate a incêndio, estado os mesmos em bom estado de funcionamento e em locais acessíveis?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.7. O empilhamento de materiais não prejudica a distribuição da luz artificial ou natural, nem constitui obstáculos ao acesso aos meios de combate a incêndios?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

4. Instalações sociais e primeiros socorros	Sim	Não	Não aplicável
4.1. Existe material de primeiros socorros adequados, nomeadamente colírios e anti-sépticos cutâneos, de fácil acesso e devidamente sinalizado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.2. Os vestuários são bem iluminados e ventilados, estão separados por sexo, comunicam diretamente com a zona de chuveiros e lavatórios, contêm bancos ou cadeiras e possuem armários individuais duplos possíveis de fechar à chave?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.3. Existem chuveiros?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.4. Os chuveiros, possuem água quente e fria, estrados de plástico, cabide e banco, estão separados por sexos e apresentam dimensão suficiente para os trabalhadores poderem cuidar da sua higiene pessoal em condições aceitáveis e seguras?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.5. As instalações sanitárias estão separadas em termos físico, próximas dos vestuários e duchas, não comunicando diretamente com os locais de trabalho, possuindo lavatórios munidos de sabão líquido e meio de secagem de mãos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.6. A exploração possui um local apropriado para os trabalhadores tomarem as refeições?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

4. Instalações sociais e primeiros socorros (continuação)	Sim	Não	Não aplicável
4.7. O refeitório e/ou local de descanso dispõe de mesas e assentos em número suficiente e em bom estado de conservação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

5. Várias	Sim	Não	Não aplicável
5.1. A oficina apresenta um estado geral de arrumação e limpeza?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.2. Existindo locais com risco de queda em altura, os mesmos estão devidamente protegidos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.3. É frequente os trabalhadores movimentarem cargas com peso superior a 20 kg?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.4. De forma ocasional, os trabalhadores movimentam cargas com peso superior a 30 kg?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.5. Os trabalhadores movimentam cargas muito volumosas e difíceis de agarras?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.6. Os trabalhadores estão informados e possuem formação sobre os riscos profissionais a que estão sujeitos, bem como das medidas de prevenção que visem a sua eliminação ou diminuição?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.7. A instalação elétrica não comporta riscos de incêndio ou explosão e a sua utilização não constitui fator de risco para os trabalhadores, por contacto direto ou indireto?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

Data:	O Técnico:
--------------	-------------------

Ficha 4 - Verificação de Postos de Trabalho Dotados de Visor

Posto de trabalho:

1. Dimensionamento e disposição do posto de trabalho	Sim	Não	Não aplicável
1.1. A área útil por trabalhador é adequada?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.2. O volume útil por trabalhador é adequado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.3. Existe espaço suficiente entre postos de trabalho (mínimo 0,80 m)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.4. A largura das vias de circulação é adequada (mínimo 1,20 m)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.5. O posto de trabalho é de fácil acesso?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.6. O layout do posto de trabalho é adequado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.7. O posto de trabalho está dimensionado de modo a permitir alterações, ajustamentos ou correções?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.8. O posto de trabalho está dimensionado de modo a permitir mudanças de posição e movimentos de trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.9. O posto de trabalho tem uma iluminação correta, com contraste adequado entre o ecrã e o ambiente, considerando as características do trabalho e as necessidades visuais do trabalhador?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.10. O posto de trabalho está instalado de forma a não provocar encadeamentos e reflexos no visor?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
1.11. As janelas estão equipadas com dispositivo ajustável para atenuar a luz natural?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

2. Organização do trabalho	Sim	Não	Não aplicável
2.1. O nível do ruído ambiental dificulta a comunicação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.2. O nível do ruído ambiental dificulta a capacidade de concentração?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.3. Os equipamentos informáticos são a principal fonte de ruído?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.4. Existe no mesmo local de trabalho outras fontes de ruído que perturbem os trabalhadores?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.5. Os trabalhadores têm autonomia para organizar o seu posto de trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.6. é feito o controlo regular da qualidade do ar interior?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.7. A temperatura e a humidade relativa do ar criam um ambiente térmico confortável?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
2.8. A velocidade do ar gera situações de desconforto?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

2. Organização do trabalho (continuação)	Sim	Não	Não aplicável
Observações:			

3. Equipamentos de trabalho	Sim	Não	Não aplicável
3.1. O visor está colocado de forma correta para evitar o encadeamento e/ou reflexo de luz natural?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.2. O visor é regulável em inclinação e rotação?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.3. As funcionalidade de ajustamento do visor relativas à definição dos caracteres são adequadas às necessidades do trabalhador?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.4. O visor tem uma imagem estável, sem fenómeno de cintilação, sem reflexos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.5. O trabalhador pode regular o contraste e a iluminância entre os caracteres e o fundo?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.6. O trabalhador pode ajustar o visor para conseguir a distância e o ângulo de visão adequados às suas necessidades?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.7. O trabalhador pode ajustar a altura de modo a que a parte superior do visor fique ao nível dos olhos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.8. O porta documentos é regulável em altura?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.9. O porta documentos pode colocar-se no mesmo plano do visor? Tem estabilidade necessária?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.10. Existe espaço adequado na mesa de trabalho para permitir apoio de antebraços e mãos?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.11. A área da mesa permite combinações flexíveis do visor, do teclado, do porta documentos dos documentos, do telefone e de outro material de apoio?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.12. O teclado é independente do visor?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.13. O teclado é de inclinação regulável?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.14. Os caracteres do teclado são facilmente legíveis?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.15. O rato é adequado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.16. O rato possui um tapete com características adequadas ao tempo de utilização?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.17. A cadeira de trabalho possui boa estabilidade com altura ajustável e espaldar regulável em altura e inclinação que permita ao trabalhador ter uma postura correta e confortável?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.18. Há espaço suficiente debaixo da mesa para movimentar livremente as pernas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.19. A altura do assento é ajustável e garante que os operadores apoiem totalmente os pés no chão?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.20. Quando necessário o operador dispõe de apoio de pés estável?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3.21. Os ajustamentos podem ser acionados na posição de sentado?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

3. Equipamentos de trabalho (continuação)	Sim	Não	Não aplicável
3.22. A cadeira pode deslocar-se livremente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

4. Interface computador/homem	Sim	Não	Não aplicável
4.1. O software utilizado é adaptado às tarefas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.2. O software utilizado é fácil de utilizar e adaptado aos conhecimentos e experiências do trabalhador?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
4.3. É assegurada formação e informação ao trabalhador aquando da introdução do novo software?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações:			

5. Organização e gestão	Sim	Não	Não aplicável
5.1. O trabalho está organizado por forma a que possam ser feitas pausas ou mudanças de tarefa para evitar períodos prolongados com equipamentos dotado de visor	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.2. Os trabalhadores têm autonomia para organizar os tempos de pausa e gerir os fluxos do trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.3. Está prevista a realização de exercícios de relaxamento?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.4. É assegurada formação adequada para a utilização dos equipamentos de trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.5. É assegurada formação adequada para as tarefas?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.6. Os trabalhadores são informados dos riscos presentes nos seus postos de trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
5.7. Os trabalhadores são informados das medidas tomadas ou a tomar para evitar os riscos identificados?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Observações			

6. Vigilância da saúde	Sim	Não	Não aplicável
6.1. Os trabalhadores são submetidos a exame médico à visão antes de ocuparem pela 1ª vez o posto de trabalho?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.2. Os exames médicos à visão são realizados periodicamente?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.3. Os exames médicos à visão são realizados sempre que o trabalhador apresente perturbações visuais?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
6.4. São facultados, sempre que se justifique, dispositivos especiais de correção (óculos)?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

6. Vigilância da saúde (continuação)	Sim	Não	Não aplicável
Observações:			

Data:	O Técnico:
--------------	-------------------

FICHA 5 – Ficha de Segurança de Tratores e Máquinas Agrícolas

DOCUMENTOS E OUTROS ELEMENTOS

- ▶ Tratores – livrete, verificações e ensaios periódicos, certificado de CE de conformidade e manual de instruções.
Estruturas de proteção obrigatórias após 1 de janeiro de 1994, devendo ter marcação CE desde 1996. A certificação do trator é obrigatória depois de 29 de dezembro de 2009.
- ▶ Máquinas agrícolas – livrete (reboques), verificações e ensaios periódicos, certificado CE de conformidade e manual de instruções.
- ▶ Veio de transmissão de cardans – verificações e ensaios periódicos, certificado CE de conformidade e manual de instruções.

O utilizador deverá efetuar inspeções técnicas periódicas, manter os relatórios de verificação de segurança e o registo de manutenção.

FORMAÇÃO ESPECÍFICA

Operação no interior das explorações

- ▶ Carta de condução (cfr. Categorias da carta com tipos de máquinas);
- ▶ Formação em conduzir e operar com o trator em segurança;
- ▶ Formação em segurança e saúde no trabalho;
- ▶ Licença de condução (cfr. Categorias I, II e III com tipos de máquinas).

Condução em estrada

- ▶ Carta de condução ou licença de condução (cfr. Categorias com tipos de máquinas).

RISCOS MAIS FREQUENTES

- ▶ Reviramento lateral do trator ou do conjunto trator máquina agrícola;
- ▶ Empinamento traseiro, quando o trator fica descompensado com o peso da máquina colocada na sua traseira;
- ▶ Queda em altura – aceso ao trator ou máquina agrícola;
- ▶ Esmagamento – quando operador perde controlo da máquina;
- ▶ Corte/cisalhamento/choque ou impacto – em material cortante, fechos dos taipais e/ou posteriores;
- ▶ Enrolamento – nos veios de transmissão de *cardans*, nas partes móveis das máquinas;
- ▶ Atropelamento – durante a circulação de tratores, durante o engate das máquinas, presença de criança e idosos;
- ▶ Projeção – projeção de peças partidas, pedras, material cortante.

PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO

Fabricante

- ▶ Sistema de retenção (obrigatório cintos de segurança nalguns modelos);
- ▶ Proteção dos veios telescópicos de *cardans*;
- ▶ Proteção dos órgãos móveis das máquinas operadora, guarda corpos, corrimões;
- ▶ Luz avisadora de marcha-lenta (pirilampo);
- ▶ Colocação de espelhos retrovisores.

Utilizador

- ▶ Formação e informação do operador;
- ▶ Avaliação dos riscos inerentes à utilização;
- ▶ Regulação da via ou bitola na posição mais larga possível;
- ▶ Lastrar adequadamente o trator para aumentar a estabilidade do conjunto trator máquina;
- ▶ Manter os pedais de travão unidos;
- ▶ Adaptar velocidade de trabalho às condições de utilização;
- ▶ Evitar que trator passe sobre obstáculos ou por dentro de valas/depressões;
- ▶ Puxar sempre as máquinas e equipamentos pesados a uma velocidade moderada e adaptada à situação;
- ▶ Tem em atenção forma de condicionamento das cargas;
- ▶ Afrouxar sempre antes de virar a fim de reduzir a força centrífuga;
- ▶ Utilizar motor como travão em declives, seleccionar a velocidade antes de iniciar descida e evitar reduzir/travar a meio;
- ▶ Evitar trabalhar com trator nas proximidades de fossos, socacos e ribeiros que podem desmoronar e provocar o reviramento;
- ▶ Deixar espaços suficientes para manobras seguras;
- ▶ Cuidados redobrados na utilização de máquinas que provoquem subida do cento de gravidade;
- ▶ Fixar máquinas nos pontos de engate previstos pelos fabricantes e ficando-as com as cavilhas de segurança;
- ▶ Arrancar suavemente;
- ▶ Travar progressivamente quando em descida e subir de marcha atrás em declives acentuados;
- ▶ Ter em bom estado e no devido lugar todos os dispositivos de segurança dos tratores;
- ▶ Cortar veios no comprimento adequado, encaixar picolete corretamente e fixar correntes de proteção;
- ▶ Intervir numa máquina somente quando ela estiver parada;
- ▶ Afastar todas as pessoas não necessárias;
- ▶ Manutenção adequada dos equipamentos;

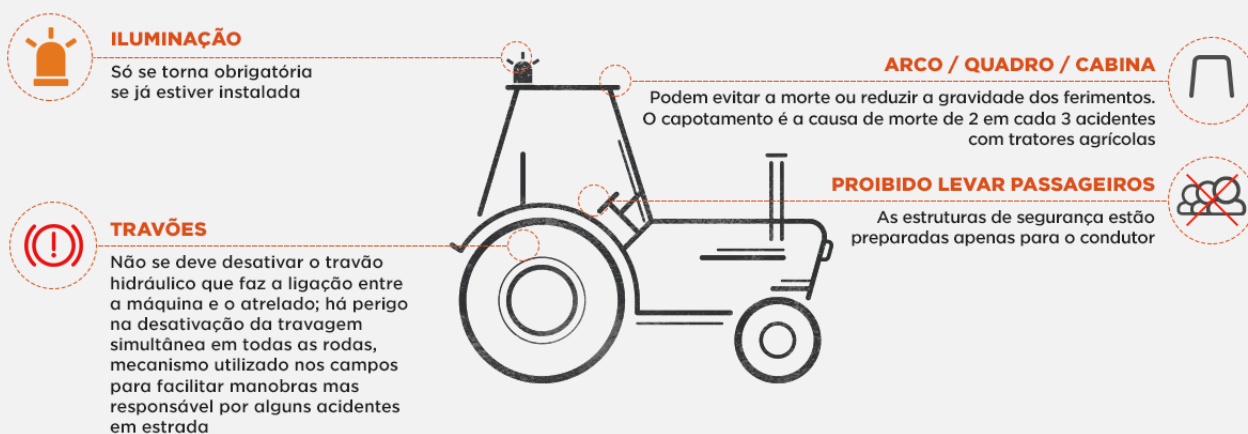
- ▶ Não modificar estruturas de proteção e ter extintor de acordo com peso bruto da máquina;

PRINCIPAIS MEDIDAS DE PROTEÇÃO

Equipamento

- ▶ Arco de segurança – utilizar arco rebatido em situações estritamente necessárias;
- ▶ Quadro de segurança;
- ▶ Cabine de segurança;
- ▶ Proteção do veio de tomada de força.

SISTEMAS DE SEGURANÇA NOS TRATORES



Fonte: GNR / DGADR / ANSR

O QUE NÃO DEVERIA ACONTECER!

- ▶ **Circulação em estrada com pedais de travão de pé desligados, arco de segurança rebaixado e velocidade excessiva;**
- ▶ **Apreensão de vestuário por parte móveis das máquinas ou pelo veio de transmissão de *cardans*;**
- ▶ **Queda em altura de trabalhadores que laborem sobre plataformas instaladas em máquinas;**
- ▶ **Alterações, adaptações de máquinas para trabalhos ou condições de utilização não previstas pelo fabricante;**
- ▶ **Consumo excessivo de álcool;**
- ▶ **Ausência de planificação de trabalho.**

Ficha 6 - Verificação Diária de Máquinas

Dados do Operador	
Nome:	Data:
N.º Interno:	

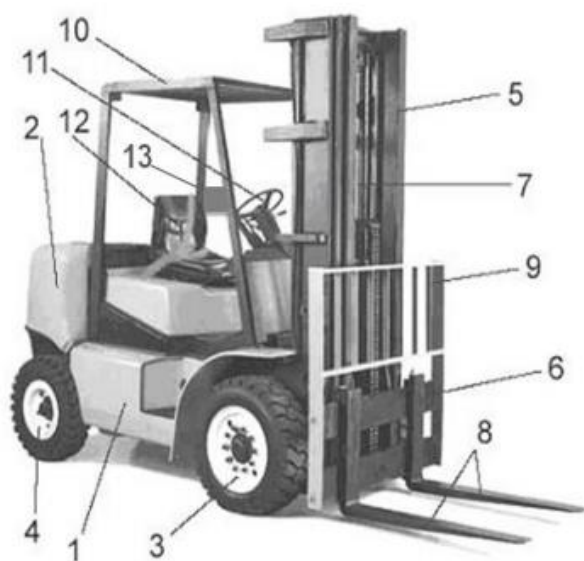
Dados do Equipamento
Modelo:
N.º de Série:
Horas de Trabalho:

1. Hidráulico	OK	NÃO OK
1.1. Fugas de óleo		
1.2. Empenos ou desgastes evidentes nos garfos		
1.3. Estado geral de acessórios (pinças)		
1.4. Verificar empenos no mastro e seus componentes (suportes, roldanas)		
1.5. Estado geral das correntes		
1.6. Controlo geral de movimentos (subida, descida, etc)		
1.7. Verificar nível de óleo de motor, nível de óleo hidráulico		
1.8. Verificar limpeza de filtro de ar do motor e prefiltro		
2. Chassis		
2.1. Estado geral dos comandos		
2.2. Botão de emergência		
2.3. Travão de parque		
2.4. Estado geral dos tabliers		
2.5. Luzes ou código de avaria no display		
2.6. Folga excessiva de direção		
3. Cabine		
3.1. Empenos gerais		
3.2. Fecho da cabine		
4. Bateria de tração		
4.1. Cabos da bateria		
4.2. Fichas da bateria		
4.3. Bornes da bateria		
4.4. Copos de enchimento e tubos de abastecimento da bateria		
4.5. Nível de eletrólito		
5. Segurança		
5.1. Sistema de iluminação (pirilampo)		
5.2. Faróis de trabalho		
5.3. Sistema sonoro (buzina e marcha-atrás)		
5.4. Cinto de segurança		

5. Segurança (continuação)	OK	NÃO OK
5.5. Estado geral do banco e sensor de segurança em funcionamento		
5.6. Capas dos pedais		
6.Outros		
6.1. Estado geral do rodado		
6.2. Diagrama de cargas/chapa de características		
6.3. Tempo de revisão excedido		

Observações:

FICHA 7 – Ficha de Segurança de Empilhadores de Garfos



Fonte: Acedido em <http://saudeambiental13.blogspot.pt/> julho 2014

Legenda:

1. Chassis;
2. Contrapeso;
3. Eixo motriz;
4. Eixo de direção;
5. Mastro (que serve também como protecção anti-capotamento);
6. Porta garfos ou forquilha;
7. Cilindro hidráulico elevador;
8. Garfos ou forquilha;
9. Grade para apoio de cargas, protetora do condutor;
10. Pórtico de segurança;
11. Volante com servo direção;
12. Assento com suspensão e cinto de segurança;
13. Espelhos retrovisores.

DOCUMENTOS E OUTROS ELEMENTOS

- ▶ Declaração de conformidade;
- ▶ Marcação CE;
- ▶ Diagrama de cargas;
- ▶ Manuela de instruções;
- ▶ Registo de verificações/ensaios e de manutenção;
- ▶ Registo de ensaios de segurança específicos.

FORMAÇÃO ESPECÍFICA EXIGÍVEL

- ▶ Formação habilitante para condução de empilhadores;

- ▶ Condutor manobrador deve estar especificamente habilitado para o efeito, nos termos do artigo 5.º e 32.º do Decreto-lei n.º 50/2005, de 25 de Fevereiro.

RISCOS

- ▶ Colisão com objetos e/ou equipamentos;
- ▶ Queda de objetos;
- ▶ Quedas dos operadores ao mesmo nível;
- ▶ Atropelamento;
- ▶ Acondicionamento das cargas;
- ▶ Desrespeito pelos princípios ergonómicos;
- ▶ Entalamentos e esmagamentos;
- ▶ Capotamentos;
- ▶ Exposição ao monóxido de carbono;
- ▶ Riscos elétricos;
- ▶ Incêndios ou explosões.

PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO

Fabricante

- ▶ Sinalização luminosa/sonora de marcha atrás;
- ▶ Cinto de segurança no assento;
- ▶ Botão de paragem de emergência;
- ▶ Placas indicadoras de identificação e dados do fabricante, diagrama de cargas, dados técnicos do equipamento, pressão hidráulica e pressão de ar dos pneus;
- ▶ Freio de imobilização;
- ▶ Sensor de peso colocado no assento do operador;
- ▶ Dispositivo de encravamento por chave;
- ▶ Estruturas FOPS e ROPS;

Utilizador

- ▶ Formação e informação dos operadores;
- ▶ Avaliação de riscos;
- ▶ Delimitação das vias de circulação bem como zona de passagem destinada aos peões;
- ▶ Vias de circulação deverão ter largura suficiente;
- ▶ Abertura nas lombas de controlo de velocidade de zonas de passagem para as rodas dos empilhadores;
- ▶ Para facilitar visibilidade deverão instalar-se espelhos de canto nas esquinas das estruturas;
- ▶ Operador deve manobrar sentado e com cinto de segurança/barra metálica;
- ▶ Equilibrar carga a elevar;
- ▶ Amarrar e calçar as cargas sem ultrapassar carga máxima;
- ▶ Não permitir a movimentação de cargas num só garfo;
- ▶ Não movimentar cargas com garfos elevados;
- ▶ Na descida de rampas, manobrar em marcha atrás e com carga ligeiramente inclinada para trás;
- ▶ Estar sempre atento e olhar constantemente para direção da marcha;
- ▶ Manter as extremidades do corpo dentro dos limites da cabina;
- ▶ Evitar manobras bruscas;
- ▶ Nunca abandonar empilhador sem colocar os comandos na posição de paragem, acionando travão de mão e retirando chaves da ignição;
- ▶ Inclinarmos para trás os garfos no transporte de cargas que possam escorregar;
- ▶ Verificar plataforma de passagem é suficientemente resistente;
- ▶ Proibir transporte e elevação de pessoas;
- ▶ Respeitar criteriosamente sinais de trânsito/sinalização de segurança;
- ▶ Não permitir que pessoas se coloquem debaixo da carga;
- ▶ Após terminado o trabalho, estacionar máquina em locais próprios, colocar garfos na posição inferior e desligar motor;
- ▶ Sinalização luminosa rotativa de presença;
- ▶ Verificar se garfos apresentam deformações, desgaste ou danos;
- ▶ Verificar existência de danos nos parafusos dos dispositivos de segurança e nos travamentos dos garfos;



FICHA 8 – Ficha de Segurança de Postos de Trabalho Dotados de Visor

RISCOS SIGNIFICATIVOS

Sistema Visual

- ▶ Irritação dos olhos;
- ▶ Incómodo por ruído ou vibrações;
- ▶ Irritabilidade ou depressões;
- ▶ Dor de cabeça e nos olhos;
- ▶ Olhos vermelhos, secos ou lacrimejantes;
- ▶ Visão ofuscada ou dupla;
- ▶ Ampliação da sensibilidade à luz;
- ▶ Dificuldade de concentração.

Sistema músculo-esquelético

- ▶ Fadiga física e muscular;
- ▶ Desconforto e cansaço nas zonas cervical, dorsal e lombar;
- ▶ Perturbações músculo-esqueléticas (pulsos e mão).

PRINCIPAIS MEDIDAS DE PREVENÇÃO

Sala de trabalho

- ▶ Paredes de cores claras;

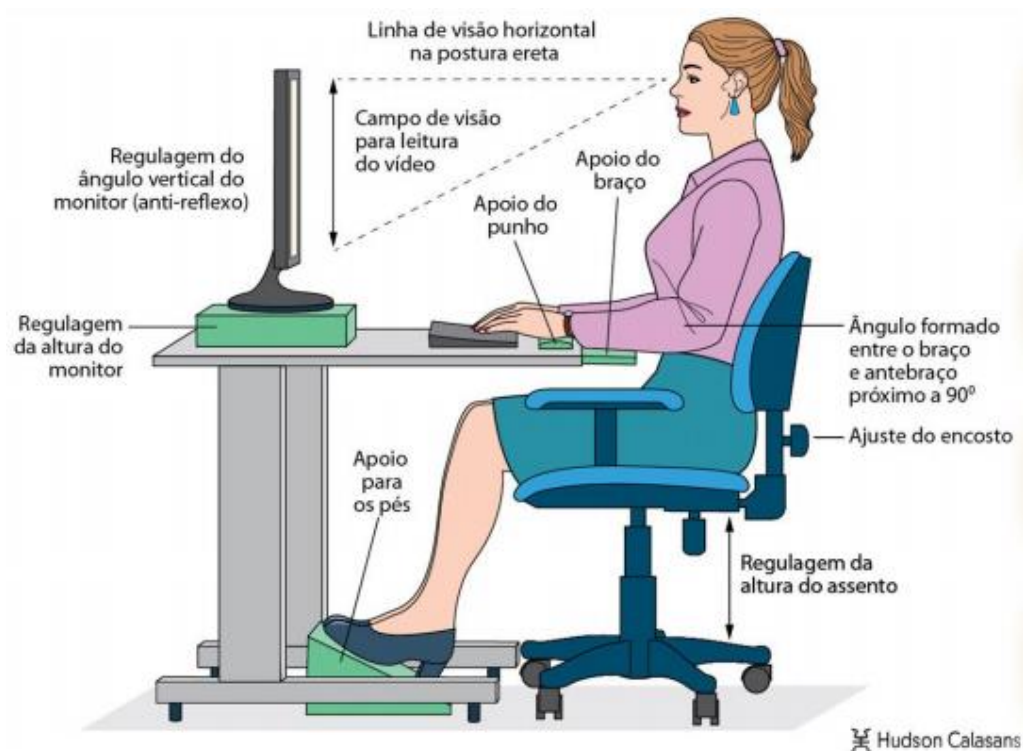
- ▶ Lâmpadas equipadas com difusores de luz;
- ▶ Iluminação geram de intensidade 150 – 300 lux;
- ▶ Ruído ambiental deve ser inferior a 65 – 70 dB;
- ▶ Temperatura seca de 19° – 24° e humidade de 40% - 70%.

Posto individual de trabalho

- ▶ Distância visual de 45 cm – 55 cm
- ▶ Ângulo visual de 10° – 20° horizontal
- ▶ Porta-cópias à mesma altura que o ecrã;
- ▶ Teclado a uma altura do chão de 60 cm – 75 cm, deixando 10 cm – 15 cm do bordo da mesa;
- ▶ Assento com encosto regulável
 - Altura 38 cm – 48 cm;
 - Assento com 40 cm de fundo;
 - Ângulo dos braços 90° e das pernas superior a 90°;
- ▶ Apoio dos pés regulável em altura.

Ecrã

- ▶ Limpo;
- ▶ Afastado das janelas;
- ▶ Perpendicular às luzes;
- ▶ Sem reflexos.



Indivíduo

- ▶ Manter limpos e organizados os espaços de trabalho e espaço de armazenagem;
- ▶ Correta disposição espacial de todos os componentes do posto de trabalho;
- ▶ Introdução de pausas em tarefas que envolvam elevada sobrecarga do sistema músculo-esquelético;
- ▶ Equipamento de trabalho que minimizem a adoção de posturas incorretas;
- ▶ Realização de exercícios de relaxamento e descontração muscular;

Pescoço:
Inclinar a cabeça para o lado, puxando-a com uma das mãos. Manter o outro braço esticado e com a mão estendida.



Ombro:
Puxar com uma das mãos o cotovelo até sentir alongar a região posterior do ombro.



Punhos 1:
Manter um dos braços estendidos. Dobrar o punho para baixo com o auxílio da outra mão. Repetir o mesmo com o outro punho.



Punhos 2:
Flexionar o polegar, segurá-lo com os dedos e realizar um movimento de desvio para baixo.



Rotação dos punhos:
Com os braços retos e para os lados, girar lentamente as mãos em círculo, trabalhando os punhos.



Relaxar os músculos do pescoço:
Inclinar a cabeça para a esquerda, para a direita, para a frente e para trás. Manter cada posição por alguns segundos.



Relaxar os ombros:
Com os braços soltos e com as mãos apontadas para baixo, executar um movimento giratório nos ombros para a frente, por três vezes, e para trás, por também três vezes.



Flexão das pontas dos dedos:
Com a mão direita estendida, dedos juntos e palma voltada para baixo, forçar os dedos contra a palma da mão esquerda, mantendo a posição por alguns segundos, e soltá-los suavemente. Repetir a flexão nos dedos da outra mão.





FICHA 9 – Principais Medidas de Prevenção e Proteção em Viticultura

De acordo com o conceito no artigo 4.º, da Lei 102/2009, de 10 de Setembro, a prevenção é “o conjunto de políticas e programas públicos, vem como disposições ou medidas tomadas ou previstas no licenciamento e em todas as fases de atividade da empresa, do estabelecimento ou do serviço, que visem eliminar ou diminuir os riscos profissionais a que estão potencialmente expostos os trabalhadores.”.

FERRAMENTAS ERGONÓMICAS E INSTALAÇÕES SEGURAS

- ▶ Assentos dos veículos adaptados ao operador, para uma utilização de assentos ergonómicos que permitam trabalhar numa posição correta;
- ▶ Utilização de cabina de poda, que abrigue trabalhador das intempérie, equipada com assentos ergonómicos;
- ▶ Tesouras assistidas, com lâminas devidamente afiadas;
- ▶ Pavimentos das instalações de apoio devem ser antiderrapantes;
- ▶ Limpeza regular das instalações;
- ▶ Locais de passagem de peões devem estar devidamente sinalizados;
- ▶ Instalação elétrica do edifício deve estar de acordo com normas e legislação em vigor;
- ▶ Organização da emergência e segurança contra incêndios.

TRATORES

- ▶ Equipar os tratores com uma cabina, com um quadro ou arco de segurança, e cinto de segurança homologado para o modelo em causa;
- ▶ Formar todos os operadores para uma utilização prática e segura no campo e na estrada;
- ▶ Estar atento aos indivíduos quando começar a manobrar o trator;
- ▶ Ter especial atenção na utilização de tratores em zonas com declive;
- ▶ Utilizar protetores de veio de *cardans* que tenham bainha de proteção e com possibilidade de ser fixa por correntes próprias;
- ▶ Não conduzir/trabalhar em encostas;
- ▶ Ter no trator uma caixa de primeiros socorros e um extintor;
- ▶ Desligar tomada de força em caso de não utilização;
- ▶ Verificar se assento amortece as vibrações;
- ▶ Quando circular na estrada, os pedais do travão devem tornar-se solidários;
- ▶ Travar por golpes sucessivos sobre os pedais ligados;
- ▶ Conservar todos os dispositivos de proteção e segurança;
- ▶ Não deixar chave de ignição em contacto.

MÁQUINAS, EQUIPAMENTOS E FERRAMENTAS

- ▶ No ato da compra, verificar conjunto de pormenores relacionados com a segurança;
- ▶ Antes da primeira utilização, formar e informar trabalhadores que irão trabalhar com equipamentos;
- ▶ Utilizar todos os equipamentos conforme as instruções do fabricante;
- ▶ Verificar se dispositivos de segurança estão no lugar;
- ▶ Nunca retirar dispositivos de segurança e nunca desativar as funções de paragem de emergência;
- ▶ Reduzir o risco de emaranhamento nas peças móveis, evitado vestuário largo;
- ▶ Nunca utilizar qualquer equipamento após o consumo de álcool, drogas ou medicamentos suscetíveis de provocar sonolência;

- ▶ Evitar utilizações muito prolongadas com os equipamentos;
- ▶ Inspeccionar máquina antes de cada utilização;
- ▶ Respeitar regras do manual de instruções e sinalização de segurança;
- ▶ Trabalhos de manutenção e reparação devem ser feitos por indivíduos especializados e qualificados.

RISCOS QUÍMICOS

- ▶ Redução da quantidade de produtos fitofarmacêuticos utilizados;
- ▶ Manutenção do solo;
- ▶ Otimizar doses e número de tratamentos em função das condições meteorológicas, estado sanitário das videiras e do estado de desenvolvimento da cultura;
- ▶ Respeitar regras respeitantes ao armazenamento de fitofármacos;
- ▶ Ler e saber interpretar os rótulos das embalagens a utilizar;
- ▶ Limitar duração da exposição;
- ▶ Correta utilização dos pulverizadores e polvilhadores;
- ▶ Utilização de EPI's por parte dos aplicadores (luvas impermeáveis em borracha de nitrilo/neopreno, botas de borracha, máscara facial e óculos, fato);

TRABALHO AO AR LIVRE

- ▶ Iniciar dia de trabalho cedo;
- ▶ Efetuar tarefas mais pesadas durante as horas de clima mais ameno;
- ▶ Planear as áreas de trabalho e de descanso à sombra, sempre com água potável e fresca;
- ▶ Incentivar trabalhadores a cobrir a cabeça, não trabalhar em tronco nú e utilização de vestuário largo, leve e de cores claras;
- ▶ Nunca negligenciar a utilização dos EPI's;

- ▶ Trabalhadores deve utilizar um protetor solar, nas partes do corpo onde não podem ser cobertas (cara, orelhas, pescoço e nuca) e utilizar óculos de proteção com filtros UV;
- ▶ Trabalhadores devem utilizar proteções individuais contra o frio (coletes, camisolas quente, meias grossas, calçado impermeável e boné);



FICHA 10 – Conteúdo de Estojo de Primeiros Socorros

De acordo com o artigo 75.º da Lei 102/2009, de 10 de Setembro, é concedido às organizações a obrigação de prestar cuidados de primeiros socorros aos trabalhadores acidentados. No entanto nesse artigo é ocultado os procedimentos a adotar em situações de emergência e não existem referências legais relativamente ao tipo, localização e conteúdo de um estojo de primeiros socorros. A Direção-Geral da Saúde considerou que deve existir alguns princípios base de orientação, e na Herdade Vale da Rosa esses são aplicados do seguinte modo:

► **Conteúdo mínimo do estojo de primeiros socorros:**

- Compressas de diferentes dimensões;
- Pensos rápidos;
- Rolo adesivo;
- Ligadura não elástica;
- Solução antisséptica (unidose);
- Álcool etílico 70% (unidose);
- Soro fisiológico (unidose);
- Tesoura de pontas rombas;
- Pinça;
- Luvas descartáveis em latex.

► **Localização de estojo de primeiros socorros:**

- Escritórios (Departamento de Recursos Humanos)
- Armazém (sala de posto médico);
- Campo (um por cada supervisor agrícola e um por cada operador de máquinas).

► **Número:**

- Sendo uma empresa agrícola em que o número de trabalhadores varia bastante, cabe ao responsável de SST a verificação e distribuição dos estojos de primeiros socorros.



FICHA 11 – Formações no Âmbito de Segurança e Saúde no Trabalho

De acordo com o Código do Trabalho, nomeadamente artigo 131.º, número 2, “O trabalhador tem direito, em cada ano, a um número mínimo de trinta e cinco horas de formação contínua ou, sendo contratado a termo por período igual ou superior a três meses, um número mínimo de horas proporcional à duração do contrato nesse ano.”.

Ação de formação de primeiros socorros

- ▶ **Duração:** 15 horas

- ▶ **Destinatários:**
 - Pessoal administrativo;
 - Técnicos de produção;
 - Supervisores agrícolas.

- ▶ **Conteúdos Pragmáticos:**
 - Fraturas e entorses;
 - Feridas/corpos estranho e hemorragias;
 - Asfixia, desmaio, asma e epilepsia;
 - Eletrocussão, queimaduras e choque;
 - Diabetes e paragem respiratória.

Ação de formação de combate a incêndios e evacuação de edifícios

- ▶ **Duração:** 14 horas

► **Destinatários:**

- Pessoal administrativo;
- Técnicos de produção;
- Supervisores agrícolas.

► **Conteúdos Pragmáticos:**

- Fenomenologia da combustão;
- Formas de combustão;
- Classes de fogo;
- Métodos de extinção;
- Agentes extintores;
- Extintores;
- Redes de incêndio;
- Sistemas automáticos de detenção de incêndios;
- Sistemas automáticos de extinção de incêndios;
- Iluminação de segurança;
- Sinalização de segurança e de informação;
- Organização da segurança;
- Disposições construtivas;
- Prevenção de incêndios;
- Plano de emergência;
- Evacuação;
- Combate a incêndios;
- Instalações técnicas;
- Exercícios de combate a incêndios com extintores e manta ignífuga;
- Manobras com carretel e/ou boca-de-incêndio armada.

Ação de formação de segurança e saúde no trabalho

► **Duração:** 8 horas

► **Destinatário:**

- Todos os colaboradores.

► **Conteúdos Pragmáticos:**

- Introdução à segurança e saúde no trabalho;
- Segurança nos locais de trabalho;
- Prevenção e combate a incêndios;
- Riscos nos locais de trabalho.

Manobrar com segurança empilhadores

► **Duração:** 16 horas

► **Destinatários:**

- Operadores de logística e técnicos de manutenção que necessitem conduzir empilhadores, plataformas ou guias elevatórias.

► **Conteúdo Pragmáticos:**

- Conhecer e aplicar o estipulado na diretiva máquinas, Decreto-lei n.º 103/2008;
- Aplicar regras de segurança no trabalho com esses equipamentos (Decreto-lei 50/2005;
- Aplicar conceitos gerais de logística;
- Conhecer os órgãos de comando dos empilhadores;
- Avaliação das condições dos equipamentos, antes de operar com os mesmos;
- Avaliar o limite da capacidade de carga e de elevação;
- Avaliar condições dos equipamentos antes de rebocar;
- Identificar conceitos técnicos e práticos sobre segurança e prevenção de acidentes;
- Identificar princípios básicos a observar pelo condutor e interpretar a sinalética de segurança de trânsito;
- Aquisição e utilização de equipamentos usados;
- Noção de manutenção preventiva;

- Treino de condução, manuseamento e elevação de cargas em espaços delimitados.

Conduzir e Operar com o Trator em Segurança

► **Duração:** 35 horas

► **Destinatário:**

- Operadores de tratores e máquinas agrícolas.

► **Conteúdos Pragmáticos:**

- Acidentes com tratores;
- Características do trator agrícola;
- Condução e prevenção rodoviária com veículos agrícolas;
- Veículo seguro: equipamento de segurança e proteção coletiva do trator;
- Equipamento de proteção individual;
- Conduzir e operar com o trator em segurança;
- Conduzir o trator em condições perigosas e operar com órgãos ativos;
- Intervenção técnico-pedagógico do formador.

FICHA 12 – Equipamentos de Proteção Individuais (EPI's)

Local/Tarefa	Risco Associado	EPI's Recomendados
Oficina	Contacto com substâncias químicas durante manuseamento de lubrificantes, óleos, etc	Luvas de PVC (proteção química)
		Calçado com sola antiderrapante
		Vestuário de trabalho
	Projeção de peças/matéria	Óculos de proteção
	Queda de peças/matéria	Calçado com proteção contra queda de objetos (biqueira de aço)
	Movimentação de cargas pesadas/manuseamento de ferramentas e equipamentos	Luvas de proteção mecânica
	Aplicação de tintas	Máscara de proteção respiratória
	Exposição a ruído	Protetores auditivos
	Trabalho de soldadura	Máscara de proteção contra radiação
		Avental e luvas de couro
Armazém (tarefas em geral)	Condução e permanência em locais com circulação simultânea de porta-paletes e empilhadores	Calçado com proteção contra queda de objetos (biqueira de aço)
Armazém (câmaras de refrigeração)	Exposição a temperaturas baixas	Colete ou casaco térmico
	Piso escorregadio	Calçado com sola antiderrapante
Vinha (geral)	Exposição a raios UV	Roupa larga, leve e de tons claros, chapéus
	Exposição a chuva	Roupa impermeável ou capa
Vinha (manutenção, poda)	Projeção de partículas para os olhos	Óculos de proteção
	Cortes	Luvas de proteção mecânica
	Queda da tesoura	Calçado fechado
Vinha (colocar panos)	Queda de pessoas	Calçado fechado e com sola antiderrapante
	Entalamento	Luvas de proteção mecânica

Local/Tarefa (continuação)	Risco Associado (continuação)	EPI's Recomendados (continuação)
Vinha (Colheita)	Queda de pessoas	Calçado fechado e com sola antiderrapante
Condução de máquinas agrícolas	Embate de objetos no condutor	Óculos de proteção
	Exposição ao ruído	Protetores auditivos
Aplicação de Fitofármacos	Exposição a agentes químicos perigosos	Fato completo (tipo 4)
		Calçado impermeável
		Óculos de proteção
		Luvas de proteção química
		Máscaras de proteção

FICHA 13 – Comunicação de Acidentes de Trabalho Graves/Mortais

Exmo(a). Senhor(a)
(Sub) Director (a) da Autoridade para as Condições do Trabalho ⁽¹⁾

_____-_____-_____

Ref.: _____

Assunto: **Comunicação de acidente de trabalho**

☐ Mortal ☐ Grave

Data do acidente: ____ / ____ / ____

Hora: ____ horas ____ minutos

Local do acidente:

☐ Nas instalações do empregador

☐ Nas instalações de outra empresa

☐ Durante o trabalho em viagem de: _____ para _____ (Local)

☐ Em obra

☐ Na embarcação

☐ Em minas e pedreiras

IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

☐ Empregador

☐ Entidade contratante do trabalhador independente

☐ Entidade executante

☐ Dono de obra

☐ Outro (e. g. empresa de trabalho temporário, empresa utilizadora...)

Especifique: _____

Denominação social: _____

Endereço da sede: _____

Classificação de Atividade Económica (CAE): _____

Número de identificação fiscal (NIF): _____

Nome de contacto: _____

Horário praticado pelo sinistrado no momento do acidente:

☐ Em período normal das horas minutos às horas minutos

☐ Em turno rotativo das horas minutos às horas minutos

☐ Em turno fixo das horas minutos às horas minutos

☐ Outro horário

Especifique:

Consequências do acidente conhecidas à data da comunicação:

☐ Ausência do trabalho esperada de mais de 3 dias

☐ Hospitalização

Denominação do hospital:

Período de hospitalização previsto:

Breve descrição do acidente de trabalho:

Gravidade da lesão e partes do corpo atingidas:

Anexo:

Registo dos tempos de trabalho prestado pelo sinistrado nos 30 dias que antecederam o acidente.

Com os melhores cumprimentos,

.....
(Assinatura e carimbo)

Instruções de preenchimento

(1) Indicar a morada do serviço da Autoridade para as Condições do Trabalho cuja área geográfica de competência abrange o local de ocorrência do acidente de trabalho. Se o acidente tiver ocorrido em viagem a comunicação deve ser dirigida ao serviço desconcentrado da ACT da área de jurisdição da sede da entidade empregadora

Objeto	Comunicação de acidente de trabalho
Conteúdo	Comunicação dos acidentes mortais ou que evidenciem lesão física grave; a comunicação deve ser acompanhada de informação, e respetivos registos, sobre todos os tempos de trabalho prestado pelo trabalhador nos 30 dias que antecederam o acidente
Responsabilidade	Empregador
Prazo	Vinte e quatro horas seguintes à ocorrência
Disposição legal geral	Art.º 111º, nº 1 da Lei 102/2009 de 10 de setembro, com a redação dada pela Lei n.º 3/2014, de 28 de janeiro
Disposições legais específicas	Construção civil - Art.º 24º, nº 1 do Decreto-Lei 273/2003 de 29 de outubro Trabalho a bordo dos navios de pesca - Art.º 8º, nº 1 do Decreto-Lei 116/97 de 12 de maio Indústrias extrativas por perfuração a céu aberto ou subterrâneas - Art.º 9º, nº 1 do Decreto-Lei 324/95 de 29 de novembro



Ficha 14 - Registo de Acidentes/Incidentes de Trabalho

É de grande importância serem registados todos acidentes/incidentes de trabalho, incluindo quebras de tensão e insolação. Com o registo de todos é possível prevenir a ocorrência na entidade.

Data da ocorrência: ____/____/____

Hora: ____:____

Dados do Sinistrado

Nome:

N.º de Funcionário:

Dados do Acidente /Incidente de Trabalho

Breve descrição da ocorrência:

Identificação de Testemunhas

Nome:

N.º de Funcionário:

Nome:

N.º de Funcionário:

Causa da ocorrência:

Consequências da ocorrência

Tipo de lesão:

Zona do corpo atingida:

Agente material da lesão:

Danos materiais:

Nome de Responsável:

Ficha 15 - Consulta aos Trabalhadores

Modalidade de Serviço de segurança e saúde no trabalho	
Recurso a serviços externo à empresa	
Serviços assegurados pelo próprio empregador ou trabalhador	

1. Serviços de segurança e saúde no trabalho	Sim	Não
1.1. Documentação no âmbito de segurança e saúde encontra-se disponível para consulta?		
1.2. Tem conhecimento do relatório da avaliação de risco?		
1.3. Conhece os riscos profissionais a que está exposto no seu local de trabalho?		
1.4. Tem conhecimento das medidas de segurança que são necessárias adotar no seu local de trabalho?		
1.5. É solicitada a sua opinião por forma a melhorar o processo produtivo?		

2. Formação
2.1. Considera a formação útil para desempenhar o seu trabalho?

3. Equipamento de proteção individual (EPI)	Sim	Não
3.1. Considera importante a utilização de equipamentos de proteção individual para desempenhas as suas tarefas?		
3.2. São facultados equipamentos de proteção individual?		
3.3. Se sim, considera-os confortáveis e adequados?		
3.4. Foi consultado para a escolha/seleção dos equipamentos de proteção individual?		
3.5. Se não, gostaria de participar?		

4. Organização dos serviços de segurança e saúde no trabalho	Sim	Não
4.1. Existe algum colaborador responsável pelo acompanhamento dos serviços de segurança e saúde no trabalho?		

4. Organização dos serviços de segurança e saúde no trabalho (continuação)	Sim	Não
4.2. Se não, considera importante ser nomeado um trabalhador?		
4.3. Em caso de emergência, sabe como atuar?		

5. Acidentes de trabalho	Sim	Não
5.1. Tem conhecimento da ocorrência de acidentes de trabalho?		
5.2. Tem conhecimento das medidas adotadas ou propostas pelos serviços de segurança e saúde após a ocorrência de um acidente de trabalho?		

6. Sugestões de melhoria

Obrigado pela sua colaboração!
Data: ____/____/____ Assinatura (facultativo): _____

OPERAÇÕES DE CAMPO

- Enxertia
- Marcação
- Poda seca
- Amarrar varas
- Amarra lançamentos
- Poda verde
- Despenca
- Colocar panos
- Colheita

Vale da Rosa – Sociedade Agrícola, Lda.
Herdade Vale da Rosa, apartado 111 7900-909 Ferreira do Alentejo



Folheto Informativo

Sem grainha com amor





Principais Riscos

- Esforços e movimentos repetitivos das mãos e braços;
- Posições continuadas de pé e movimento sobre solo irregular;
- Escorregadelas e quedas ao mesmo nível;
- Projeção de impurezas para os olhos;
- Corte pelas tesouras de poda;
- Exposição aos raios UV;
- Exposição ao calor excessivo;
- Exposição ao frio e humidade;
- Reações alérgicas.

Principais Medidas de Proteção e Prevenção

- Pausas na execução de tarefas repetitivas;
- Estar atento na execução das tarefas para evitar acidentes;
- Na execução de tarefas com calor excessivo:
 - Beber muita água e alimentar-se bem;
 - Cobrir a cabeça e utilizar vestuário largo, leve e cores claras;
 - Utilizar protetor solar nas partes do corpo onde não pode cobrir;
 - Óculos de proteção;
- Na execução de tarefas com frio e humidade:
 - Proteções individuais contra frio (coletes, camisolas quentes, meias grossas, calçado impermeável e boné);
 - . Utilizar protetor solar;

A Herdade Vale da Rosa

Preocupa-se com os nossos colaboradores e com o bem-estar físico e psíquico dos mesmo.

Na ocorrência de qualquer problema ou situação não deixe de contactar com o Supervisor ou com o nosso departamento de Recursos Humanos.

Contacte-nos

Vale da Rosa – Sociedade Agrícola, Lda.
 Herdade Vale da Rosa, apartado 111 7900-909
 Ferreira do Alentejo
 Telefone: 284 739 933

